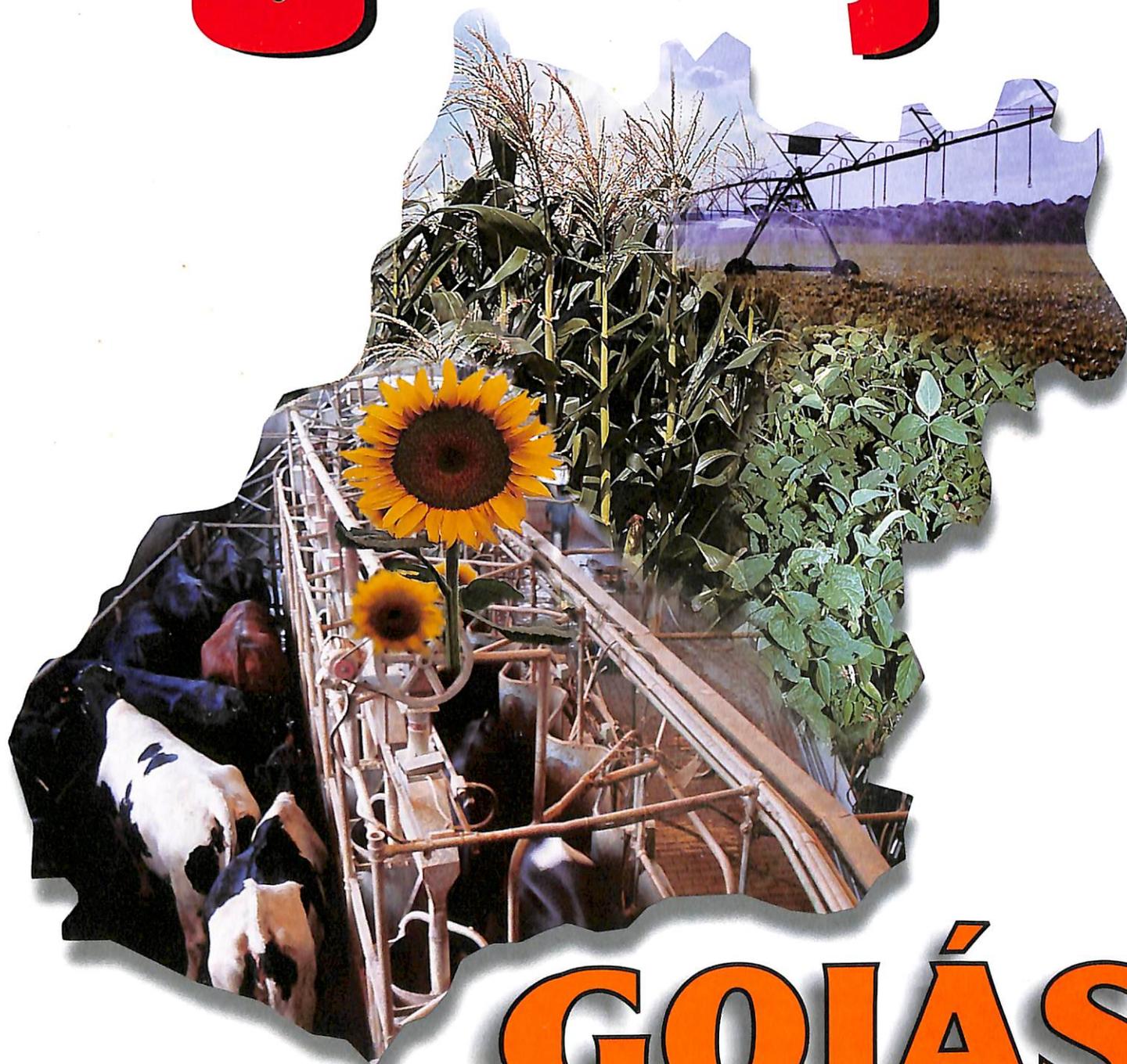


O BRASIL AGRÍCOLA

NOVEMBRO/2001 - Nº 635 - ANO 57 - R\$ 6,00 - www.agranja.com

agranja

desde
1945



GOIÁS

O AVANÇO NO MAPA AGRÍCOLA



SOLUÇÕES AVANÇADAS,



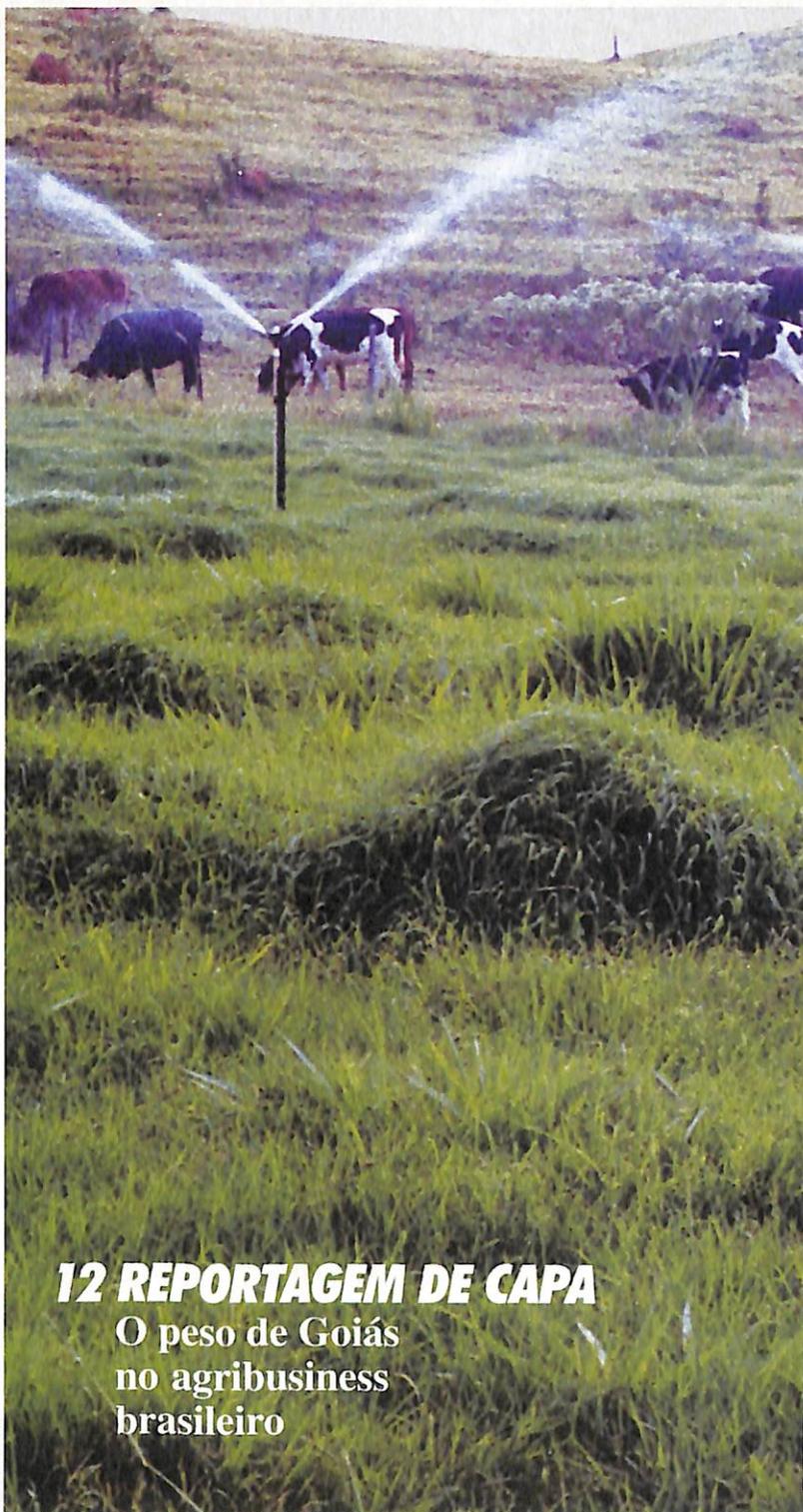
SOLUÇÕES MADE IN BRASIL.

No ano 2001, a Case IH está investindo para transformar o Brasil, a exemplo dos Estados Unidos, em um grande centro de pesquisa e desenvolvimento de novas máquinas da marca. Os primeiros resultados desta nova fase já estão batendo recordes de produtividade nas fazendas do país. As plantadeiras de alta precisão ASM, série 1200 e as colhedoras de cana A7000, desenvolvidas e fabricadas no Brasil com a utilização da mais alta tecnologia mundial, são uma excelente prova disso.

Mas isso é só o começo, brevemente vamos colocar novos produtos made in Brasil à disposição do produtor. Além disso, a Case IH também está investindo na capacitação técnica do seu pessoal e da sua rede de concessionários, para garantir as soluções mais avançadas em máquinas e serviços de suporte aos clientes. Case IH. A marca de quem faz o presente e o futuro da agricultura brasileira.

CASE IH

Soluções avançadas, soluções Case IH.



Wandell Seixas

12 REPORTAGEM DE CAPA

O peso de Goiás
no agribusiness
brasileiro



A Granja

24 TRATORES

A tecnologia que
o mercado está
exigindo



Antonio Sanchez

30 INFORMÁTICA

Braço direito
digital chega ao
campo



A Granja

34 TRITICULTURA

Quais os
segredos para ser
o melhor?



A Granja

38 CAFEICULTURA

O desafio é
ampliar o mercado
consumidor



Divulgação

44 AGRICULTURA DE PRECISÃO

A visão do momento



Divulgação

47 HORTICULTURA

Alcachofra é
destaque no interior
paulista

SEÇÕES

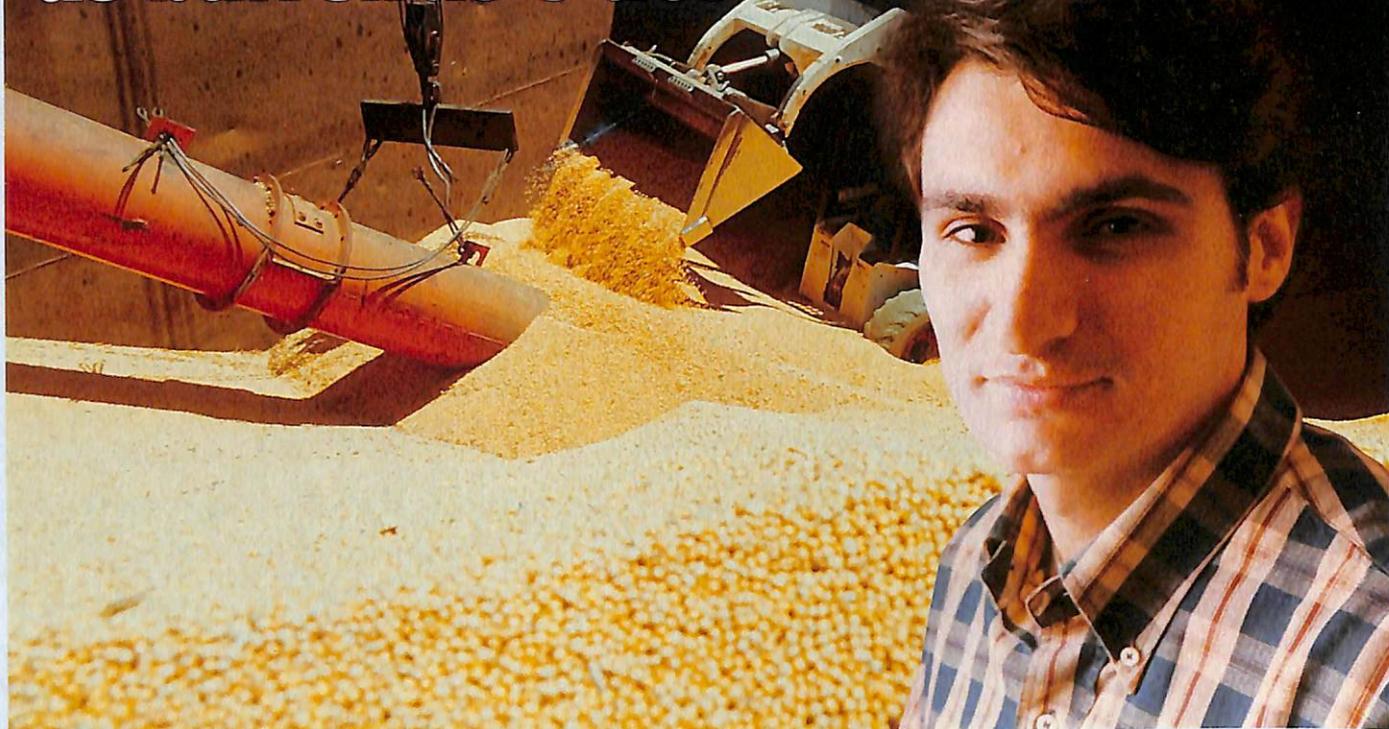
4 Depoimento
7 Aconteceu
8 Aqui Está a Solução
10 Cartas, Fax, E-mails
11 Eduardo Almeida Reis

50 Pastagens
52 Revista Chacra
53 Tudo Sobre Silo na Fazenda
54 Agricultura & Meio Ambiente
55 Plantio Direto

58 Agribusiness
62 Flash
64 Biotecnologia
65 Novidades no Mercado
66 Ponto de Vista

GUERRA

às barreiras e aos subsídios



A Granja

Pensar e atuar no agribusiness, considerando seus aspectos estratégicos e econômicos.

Essa foi a opção de **André Meloni Nassar**, 29 anos, integrante “da nova geração de agrônomos”, como ele mesmo gosta de dizer. Dividindo seu tempo nos trabalhos de pesquisa e consultoria do Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial (PENSA) e da Fipe Agrícola, esse jovem empreendedor entra de cabeça nas discussões que envolvem a eficácia das associações de interesse do agronegócio e nas questões de comércio internacional. Após três meses em Washington, onde atuou como pesquisador visitante do Programa de Estudos Brasileiros da Universidade de Georgetown, seu desafio agora é analisar as estratégias das empresas agroindustriais do Brasil no exterior

A Granja — É correto afirmarmos que a intenção do Brasil é bloquear a ALCA?

André Meloni Nassar — Sob o aspecto conceitual, não concordo. Não é lógico - do ponto de vista de um país em desenvolvimento, que necessita gerar divisas via balança de comércio para equilibrar sua conta corrente - frear um processo que permitirá, desde que bem negociado, maior acesso a um dos maiores mercados importadores do mundo. Embora muitos países em desenvolvimento possam ser compradores de produtos brasileiros, não se pode abrir mão dos mercados dos países desenvolvidos, especialmente no caso dos Estados Unidos. A diplomacia brasileira (e por que não, também, o setor privado?) prefere que a negociação seja feita com cautela, negociando ponto a ponto. Esse tipo de posição, para quem está do outro lado da mesa de negociação, cria a falsa impressão de bloqueio. Além disso,

o Brasil nunca esteve, na sua história de negociações internacionais, com tamanha clareza do que espera nessa negociação e nas demais que estão em curso. Eu entendo que, assim como não havia sentido criar o Mercosul sem o Brasil, não há sentido econômico, em termos de incremento de fluxos de comércio, criar uma ALCA sem os EUA e, é claro, sem o Brasil.

P — Na sua opinião, o Brasil está em condições de barganhar e conseguir incluir o agronegócio nas negociações da ALCA?

R — O Brasil sabe o que quer, nesse setor. Um acordo, entretanto, exige que todos os negociadores abram mão de parte de suas necessidades para se chegar a um consenso. No meu entender, o agronegócio não pode ser usado como moeda de troca, haja vista seu peso na economia e nas exportações brasileiras. Assim, os pleitos brasileiros na ALCA precisam ser hierarquizados segundo sua importância. Os impasses na negociação poderão ser compensados em outros setores, sempre que for dada prioridade ao agronegócio. Ou em questões, dentro desse campo, que afetem menos os fluxos de comércio. O agronegócio é parte da economia brasileira e a necessidade de compensações, nos momentos de impasses, poderá ser distribuída entre todos. Pela importância que o Brasil representa na ALCA, como maior País da América do Sul, é possível a inclusão do setor no bloco. Vale lembrar que “incluir o setor na ALCA” significa, em outras palavras, completo acesso aos mercados da América do Norte. Se isso não ocorrer, se os mercados hoje protegidos se mantiverem, ou se forem colocados em listas de exceção, a ALCA perderá o sentido para o agronegócio brasileiro.

P — No caso da Organização Mundial do Comércio (OMC), como pretende o governo brasileiro agir na reunião de novembro? A OMC é o palco ideal para negociar políticas e barreiras comerciais?

R — Na questão das negociações multilaterais, a OMC tem seu lado positivo e negativo. O negativo é que as negociações tendem a ser lentas, porque o consenso exige o esforço de muitos países, comparando-se com uma zona de livre comércio integrada por

poucos. Basta observar quantos anos foram necessários para fechar a Rodada Uruguai do GATT: ao redor de oito. Todo o processo de negociação do Mercosul e do NAFTA, por exemplo, durou menos tempo. Outro lado negativo é que a necessidade de consenso entre muitos representantes - a menos que as negociações ocorram entre blocos de países - tende a aumentar a necessidade de concessões país a país. O lado positivo é que a OMC é o fórum ideal para que os governos representados coloquem em negociação todas as suas questões. Por exemplo, os EUA não parecem dispostos a negociar subsídios domésticos na ALCA, argumentando que esse é um tema da OMC. A base da sustentação está no fato de que, se os EUA cortarem subsídios domésticos na ALCA, o mesmo não ocorrerá com os subsídios da União Européia. Caso essa negociação ocorra na OMC, ambos os blocos poderiam entrar num processo conjunto de corte de subsídios. Para o Brasil, é óbvio, interessa o corte dos subsídios na ALCA. A questão de barreiras comerciais difere da discussão de políticas de subsídios. As barreiras não precisam ser negociadas na OMC, porque os países da ALCA poderão manter suas tarifas para terceiros países. Assim, o Brasil não precisa da OMC para negociar acesso a mercados, pois isso pode ser feito via acordos com a ALCA, Mercosul mais a União Européia.

a mercados, vier o disciplinamento dos subsídios domésticos (políticas de suporte à agricultura) e a completa eliminação dos subsídios à exportação.

P — De que forma podemos nos sobressair no bloco econômico? Quais as condições que precisam e devem ser impostas?

R — A questão em jogo não é sobressair-se, mas conseguir plena liberdade de atuação no mercado dos EUA via exportações. As condições passam pelo completo acesso ao mercado dos países da América do Norte: queda das barreiras tarifárias, não-tarifárias, sanitárias e demais formas; eliminação dos subsídios à exportação, e disciplinamento do uso de subsídios à produção doméstica, especialmente aqueles baseados em instrumentos do tipo preço mínimo, adorados pelos norte-americanos. Esse tipo de subsídio, quando não acompanhado de um sistema de controle de oferta, gera elevados excedentes, que derrubam preços internacionais e prejudicam o Brasil nas suas exportações para terceiros mercados e, também, para o mercado dos EUA.

P — O que o Brasil já perdeu com as políticas restritivas impostas pelo governo norte-americano nos últimos anos? Quais os principais produtos afetados?

R — É muito difícil mensurar exatamente quanto o Brasil perdeu com o

O Brasil nunca teve tamanha clareza do que espera dessa negociação e das demais que estão em curso

P — A ALCA pode se tornar um excelente negócio para o Brasil? Ou nosso país será apenas um mero figurante nesse novo bloco econômico encabeçado pelos Estados Unidos?

R — A ALCA será um bom negócio para o *agribusiness* brasileiro se os mercados agroalimentares dos EUA forem, de fato, abertos. Isso não significa apenas queda das barreiras tarifárias (picos, escaladas e quotas tarifárias), mas também de todas as facetas protecionistas, tais como barreiras sanitárias, argumentos *anti-dumping*, barreiras sazonais e restrições ligadas a meio ambiente, trabalhistas, etc. A ALCA será um ótimo negócio para o Brasil se, junto com o completo acesso

protecionismo dos EUA, deixando de exportar para lá. Porque não basta olhar os produtos que foram exportados em volumes aquém do potencial, caso o mercado estivesse aberto (suco de laranja, frutas, açúcar), como também aqueles que nem sequer foram exportados (carnes bovina *in natura*, suínos e aves). O fato concreto é que as importações agroindustriais dos EUA cresceram 6% ao ano, ao longo dos anos 90, e o Brasil tem metade de sua pauta exportadora sujeita a barreiras comerciais. Os principais produtos brasileiros afetados, que costumamos chamar de contencioso agrícola, são: açúcar, álcool, suco de laranja, têxteis, calçados, fumo, óleo de soja, lácteos (aces-

so a mercados), carnes, frutas e legumes (restrições sanitárias), soja, algodão, milho, açúcar, lácteos, trigo e arroz (políticas domésticas).

P — Qual a participação brasileira na pauta de importação agrícola da maior economia do mundo?

R — Infelizmente o Brasil vem perdendo mercado em agronegócio. Temos exportado ao redor de US\$ 1,2 bilhão, o que corresponde a cerca de 3,1% nas importações totais americanas. No início dos anos 90, nossa participação era superior a 6%. Parte dessa perda está relacionada com os mercados protegidos. Com o NAFTA, os EUA abriram seus mercados para o Canadá e o México, que passaram a tomar espaço de países como o Brasil, que continuou a ter suas exportações barradas.

Incluir o agronegócio na ALCA significa completo acesso aos mercados da América do Norte

P — Quais os interesses e demandas apresentadas pelo Brasil na área de acesso a mercados?

R — Se analisarmos a estrutura tarifária norte-americana, veremos que a média das tarifas é baixa. Ao separarmos os produtos agroindustriais, observamos que a média é o dobro da média geral. Quando analisamos os produtos específicos protegidos pelos EUA, exatamente aqueles do contencioso citado acima, podemos observar que os mercados são protegidos por picos tarifários e quotas tarifárias. Agregando a isso as barreiras sanitárias, observaremos que os EUA protegem produtos escolhidos a dedo. O interesse do Brasil é eliminar esse tipo de proteção que temos chamado de "cirúrgica", para todos os produtos já citados.

P — O Brasil está sozinho nessa luta por maior espaço nas negociações da ALCA? Que outros países também estão sendo considerados "chatos" nessa negociação?

R — Nas questões agroalimentares, o Brasil está negociando junto com os demais países do Mercosul. Eventuais crises no bloco não deverão levar ao rompimento, porque os interesses agrícolas na ALCA são muito semelhantes. Regra geral, pode-se afirmar que há dois

blocos de países: aqueles que possuem grande dependência do mercado dos EUA, na atualidade, e aqueles que são mais independentes. O Mercosul faz parte do segundo bloco.

P — O que mais prejudica o Brasil na competição com os produtos agrícolas dos Estados Unidos?

R — Na competição por terceiros mercados, são os subsídios domésticos. Já no mercado dos EUA, são as barreiras comerciais. O que devemos ter em mente é que os EUA são um país gigante no *agribusiness* e um dos maiores exportadores mundiais. Em relação a produtos agrícolas, o Brasil tem pouco a se preocupar com a ALCA, pois as tarifas já são baixas. Nos produtos industrializados, o cenário muda um pouco, tendo em vista que as tarifas são mais altas.

Assim como aconteceu com o Mercosul, a queda das tarifas brasileiras provocará realocação e reestruturação dos setores econômicos. O importante é negociar as exceções naqueles setores considerados prioritários.

P — A previsão era de que a ALCA iniciasse efetivamente em 2005. No seu entendimento, os atentados ocorridos nos Estados Unidos podem alterar essa expectativa?

R — Acredito que não. As questões que podem prejudicar a ALCA continuam sendo as mesmas de antes do atentado: a necessidade do *fast track* (*trade promotion authority*) e uma eventual desaceleração do mercado americano, levando a menor dinamismo nas suas importações.

P — Como enfrentar os principais inimigos do agronegócio e ampliar nossas exportações? Se é que isso é possível...

R — Em primeiro lugar, para elevar as exportações deve-se fortalecer o posicionamento naqueles mercados não protegidos. O caso de produtos como café e castanhas, no mercado dos EUA, é sintomático. O mercado é aberto, mas as exportações crescem lentamente. Há, portanto, uma necessidade de repensar as estratégias empresariais e os mecanis-

mos de interação entre governo e empresas, para ampliarmos nossa atuação no mercado internacional. Em segundo lugar, questões básicas, como o problema da febre aftosa, precisam ser resolvidas, porque de nada adianta abrir um mercado quando não se é capaz de cumprir as exigências sanitárias mínimas. E, em terceiro lugar, deve-se atuar nos acordos bilaterais, com destaque para ALCA e Mercosul mais União Européia. E, no âmbito multilateral (OMC), negociando em bloco com países parceiros.

P — A tão almejada safra de 100 milhões de toneladas, se alcançada, poderá refletir no saldo da balança comercial?

R — Um país exportador precisa, no mínimo, de excedente no mercado interno e de estratégias voltadas ao mercado internacional. De nada adianta exportar quando sobra. Uma safra de 100 milhões de toneladas certamente trará maior excedente exportável, mas isso não quer dizer que as exportações crescerão continuamente, em decorrência de melhores condições de oferta. Ter oferta é fundamental, mas olhar a demanda também. Eu acredito que o Brasil não deve perder sua posição de exportador de *commodities*, mas precisa atuar nos mercados de produtos diferenciados. Do total das exportações agroindustriais, acredito que os produtos diferenciados representem, no máximo, 15%. Considero fundamental o crescimento mais acelerado das especialidades do que das *commodities*. E, para isso, oferta só não basta.

P — Estamos perdendo uma importante fatia no mercado internacional, com a não-liberação dos transgênicos? Ou estamos produzindo de acordo com as exigências de nossos principais importadores?

R — Hoje não estamos perdendo fatias no mercado internacional. No futuro, talvez. Eu entendo que, na ALCA, os EUA tentarão a todo custo impedir que os transgênicos sejam tratados como barreiras não-tarifárias, até porque os norte-americanos são os maiores produtores de transgênicos do mundo. No contexto atual, se o Brasil não colocar restrições às importações de transgênicos, será necessário permitir o cultivo. Caso contrário, a proibição ainda fica momentaneamente sustentável. ■

A percepção da verdade antes do tempo

Roberto Campos morto, só recebeu elogios.

Em vida, nem tanto.

Antecipar o futuro sempre foi um compromisso da revista **A Granja** com seu leitor, desde o primeiro exemplar.

Assim, na edição de dezembro último, nesta página registramos algo que consideramos oportuno reproduzir:

– “Se o governo já tivesse:

- a) privatizado a Petrobrás,
- b) proibido as estatais de fazerem empréstimos extremos (em US\$),
- c) negado dinheiro ao Judiciário para desperdiçar em prédios faraônicos, não haveria necessidade de pedir-mos ajuda ao FMI.”

É o que afirmou Roberto Campos, há exatamente quatro anos.

Simples, direto, objetivo. E, principalmente, profético.

Tempo de guerra Tempo de escassez de alimentos

Ruim para as bancas, para as agências de viagem, para quem fabrica aviões. Bom para a indústria Bélica e para os agronegócios.

A balança da prosperidade deverá pender cada vez mais para o lado de quem produz alimentos. Os volumes mundiais de armazenagem estão baixos e, em tempo de guerra, há necessidade de se estocar estrategicamente os alimentos; além do mais, a demanda aumenta.

Plantar grãos, criar bois, frangos e porcos, por certo serão atividades com boas perspectivas de renda.

Este, ao que tudo indica, é o cenário mundial.

Acrescente-se ainda que o Brasil precisa desesperadamente fabricar dólares através de exportação e temos, por consequência, uma visão otimista em função da atividade rural.

E o terrorismo interno?

Quando será que a sociedade vai despertar de sua letargia e perce-

ber que temos os nossos talibãs do MST?

E quando será que o Governo vai deixar a malemolência e atacar definitivamente o problema de uma reforma agrária que é piada, que só cria o caos no campo e sobrecarrega o bolso do contribuinte?

Quem mais vai ganhar com a guerra ao terrorismo

A Argentina, por exemplo. Tem auto-suficiência em petróleo. E exporta trigo, soja e milho.

Nem só de alimentos vive o homem

Pois é: o Brasil está batendo recordes na venda de fumo para o exterior. É a principal *commodity* de exportação do Rio Grande do Sul.

Aqui, um paradoxo. Porque, se o fumo faz mal à saúde, por outro lado, é o melhor remédio para a economia familiar do pequeno produtor, que tem o respaldo técnico das fumageiras e a tranqüilidade da compra da safra por preço pré-fixado.

A brutalidade dos impostos, que sobrecarregam o contribuinte

O Banco Internacional de Desenvolvimento acaba de divulgar um estudo sob o título “Competitividade: o motor do crescimento.” Sua leitura é uma tristeza. Lá está registrado com todas as letras: O Brasil ocupa o primeiro lugar no *ranking* negativo dos fatores de produção que mais cresceram.

Quem impediu o crescimento? Bem, quem impediu foi a burra carga de impostos e taxações de ordem federal, estadual e municipal.

Essa devastadora ação, que faz com que os produtos industrializados brasileiros alcancem a média de 46,3% do

preço final, tiveram uma enorme alavancagem a partir da famigerada Constituição Cidadã de 1988. No ano passado, a sociedade privada transferiu para os cofres públicos US\$ 190 bilhões, ou seja, 32% do PIB.

Com essa violência, não há burro de carga que não esteja estropiado.

A paranóia do Anthrax

A final de contas, o anthrax nada mais é do que o carbúnculo hemático que eventualmente aparece em bois, vacas e ovelhas, quando não devidamente vacinados.

Os sinais são de que finalmente o governo federal acordou para o crédito agrícola

Em 1999, o Governo destinou R\$ 200 milhões para a agricultura, onde a melhor coisa foi a instituição Moderfrota.

Em 2000, o Banco do Brasil aplicou R\$ 300 milhões no campo.

E, neste ano, ao que tudo indica, vai bater nos R\$ 500 milhões.

Como é possível, em 2001, alguém ser contra a tecnologia?

O presidente mundial da Syngenta Seeds, que recentemente participou do fórum “Rio + 10” de Desenvolvimento Sustentável, comentou sobre o direito dos produtores rurais que plantaram milho e soja transgênicos: “Eles não são estúpidos. Se plantaram é porque foi a melhor solução para os seus problemas.”

Comentando a opção do Brasil pela sementes geneticamente modificadas, concluiu: “É perigoso centrar as vendas apenas nesse nicho (não-transgênicos). Afinal, as compras da União Européia significam menos de 10% do comércio mundial de produtos agrícolas. ■



A Granja

Cabanhas de **OVINOS**

“Sou produtor de ovinos leiteiros na Argentina. Vocês poderiam me informar nomes de algumas cabanhas das raças texel e laucane?”

Pablo Mazzoli

pmazzoli@wamnet.com.ar

R — Amigo Pablo, por enquanto informamos apenas criadores da raça texel. Tome nota aí de três sugestões: Cabanha Recanto Verde, em São Sepé/RS, fone (55) 233-1629; Cabanha Refúgio, em Alegrete/RS, fone (55) 422-1312; e Cabanha São Jorge, Cidreira/RS, fone (51) 341-5291.

Empresa **RAIN AND HAIL**

“Quando será publicada a matéria sobre a empresa norte-americana Rain and Hail. Também gostaria de saber se A Granja é vendida em bancas?”

Melissa

melloda@mailbr.com.br

R — Melissa, publicamos a reportagem relativa à em-

presa americana Rain and Hail, sobre seguro rural, em nossa edição de setembro deste ano. Você pode adquirir o seu exemplar atrasado com o nosso departamento de assinaturas. Já os exemplares do mês podem ser encontrados nas bancas dos principais aeroportos do País.

Criação de **AVESTRUZES**

“Solicito a gentileza de enviarem-me informações sobre a criação de avestruz”.

Danilo Giacobbo

dimagil@orangenet.com.br

R — Caro Danilo, na edição de abril/2001 você vai encontrar uma matéria com todas as informações necessárias para iniciar a criação comercial de avestruz. Em relação à compra de matrizes, sugerimos que você entre em contato com a Associação de Criadores de Avestruzes do Brasil (ACAB) pelo telefone (11) 3812-7666 e visite o site www.acab.org.br; onde no link ‘mercado’ é possível verificar a disponibilidade de animais para comercialização na sua região.

FERTIRRIGAÇÃO em tomate

“Gostaria muito de saber se existe alguma revista que fala sobre fertirrigação em tomate. Caso saibam, informem em qual edição”.

Fabiana Barbosa

s.fabio@uol.com.br

R — Fabiana, não encontramos reportagem especificamente sobre o tema fertirrigação em tomate, mas fica a sugestão para nossas próximas edições. Mesmo assim, vamos adiantar algumas informações.

A fertirrigação (aplicação de fertilizantes através da água da irrigação) é realizada aproveitando-se os sistemas de microirrigação (gotejamento ou microaspersão) ou de aspersão (pivô central ou convencional). Com o uso dessa técnica, a aplicação dos fertilizantes é mais eficiente e mais barata para o produtor, pois há grande economia de produto (total controle da quantidade a ser aplicada) e de mão-de-obra,

o que significa aumento na produtividade.

A fertirrigação foi utilizada no Brasil pela primeira vez em 1976, em um experimento de tomate realizado na Embrapa Hortaliças. O sistema por gotejamento traz diversas vantagens para a produção de tomates, porque mantém o solo com umidade constante, evitando os efeitos nocivos da variação brusca da umidade (frutos ocados e podridão apical dos frutos).

Além disso, aplica a água e o fertilizante diretamente na raiz, reduzindo doenças e custos. É uma forma eficiente e prática de fornecer água e nutrientes para o tomateiro, permitindo alcançar maior produtividade pela redução das quantidades de água, defensivos e fertilizantes. Possibilita o aumento da produção, com economia de até 80% no uso de defensivos e de até 75% no uso de fertilizantes.

Entrevista com **ANTÔNIO SARTORI**

“Sou assinante de A Granja e estou fazendo um trabalho sobre o agribusiness brasileiro. Gostaria de resgatar uma informação publicada em uma das edições da revista, quando foi realizada uma entrevista com um empresário de uma corretora que atua na bolsa de mercadorias de Porto Alegre. Poderiam me informar o nome do entrevistado e em qual edição a entrevista foi publicada?”

Júlio Henrique Rovedder

jhrovedder@yahoo.com.br

R — Caro Júlio, o entrevistado foi Antônio Sartori, diretor analista da Corretora Brasoja. A matéria na seção “Depoimento” foi publicada na edição de novembro de 2000.



Leandro Cabral



A Granja

O melhor manejo da ALFAFA

“Sou leitor da revista **A Granja**, moro em Nova Prata do Iguaçu/PR e gostaria de ter informações sobre o manejo no cultivo de alfafa, principalmente a época de plantio”.

Laércio Galuppo

Nova Prata do Iguaçu/PR

R— Prezado Laércio, o plantio de alfafa – conhecida como a ‘rainha das plantas forrageiras’ – é mais indicado para o início da primavera (setembro e outubro) e no outono (final de março e abril). Essa leguminosa é muito exigente em relação ao solo e ao clima, necessitando de terrenos férteis, permeáveis, profundos, planos ou com pequena inclinação. Adapta-se bem em regiões de clima temperado e apresenta boa resistência ao frio. Sua produção é cara, pois exige

corretivos para o solo e a inoculação por culturas do “*bacillus radicola*”, fixador do azoto atmosférico. A cultura é propagada por meio de sementes e a semeadura pode ser feita a lanço ou em linhas, com espaçamento de 20 a 25 cm. As sementes devem ser cobertas com 1 cm de terra, sendo necessários entre 15 e 25 kg/hectare. Os estágios de desenvolvimento da alfafa que mais necessitam de água são: germinação, estabelecimento da muda, período pós-corte, e produção de sementes. Quando as chuvas escasseiam, a irrigação nessas fases é fundamental para o bom desenvolvimento da planta e o conseqüente aumento da produtividade. Os especialistas recomendam o uso da irrigação no período de pré-plantio, para deixar o solo em condições de umidade ideal

para a germinação da semente, além de evitar o risco de encrostamento, especialmente no caso de solos salinos. O corte da alfafa pode ser feito quando um terço da plantação já tiver iniciado a floração um pouco acima do colo da planta, isto é, da zona de brotação que fica quase ao nível do solo. A alfafa pode ser utilizada como feno, silagem, pastagem para ruminantes e como fonte de proteínas e vitamina A para animais não-ruminantes, como aves e suínos. No Brasil, a alfafa pode render até 10 cortes por ano, mas a média fica entre 6 e 8, com rendimento de 6 a 6,5 toneladas de

feno/hectare/ano. Essa média, no entanto, pode alcançar 8 toneladas, enquanto a produção de forragem verde varia de 18 a 30 ton/hectare/ano. Na operação de fenação, a alfafa perde 70 a 75% do seu peso. Na produção de sementes, pode variar de 300 a 400 kg/hectare/ano.

COMPOSIÇÃO QUÍMICA

Componentes	Alfafa verde	Alfafa fenada
Umidade	74,60	9,60
Proteína bruta	4,60	14,70
Extrato etéreo	1,00	2,00
Extrativos não-azotados	10,40	36,40
Fibras	7,00	29,00
Resíduo mineral	2,40	8,30
Total	100%	100%
Nutrientes digestíveis	14,7%	50,3%
Proteína digestível	3,4%	10,6%
Relação nutritiva	1:3,3	1:3,7

Material sobre GRANJA DE OVOS

Solicito indicação de sites, livros ou periódicos que abordem o tema “Granja de Ovos”. Tenho um cliente no interior do Mato Grosso que está precisando dessas informações.

Isabela Fonseca

isabelaf@mt.sebrae.com.br

R — Prezada Isabela, anote aí algumas sugestões de sites sobre o tema proposto:

www.fazendavenorte.com.br

www.planeta.terra.com.br

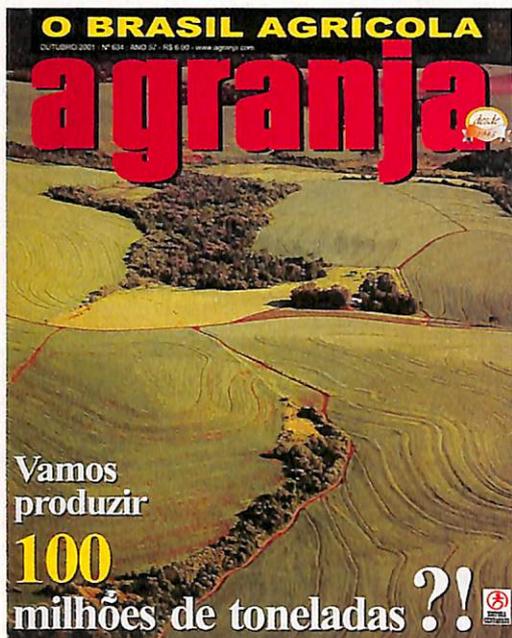
www.granjasantamarta.com.br

www.saoconsultoria.virtual.net

www.granjinoco.com.br



A Granja



Grata SURPRESA

Tive uma grata surpresa ao receber a última edição da revista **A Granja**. A reforma gráfica da publicação mostra como é possível aliar um belo *design* ao conteúdo de uma publicação tradicional, referência para os produtores rurais de todo o País. Um grande abraço,

Milton Rego

Diretor de Comunicações - Grupo CNH

EVOLUÇÃO e crescimento

A nova apresentação da revista **A Granja** é consequência da sua evolução e crescimento, decorrentes de seu conteúdo desenvolvido durante as edições. Isso tudo através de seus colaboradores, que continuamente demonstram a qualidade de suas matérias, tendo como meta manter os "Players" do segmento do *agribusiness*, atualizados nos aspectos de mercado, tecnologia e outros.

Adriano Mallet

Departamento de Marketing da Kepler Weber

Nossos CUMPRIMENTOS

As mudanças sempre são salutares em nossas vidas. A inovação dessa conceituada e tradicional revista **A Granja**, observando um novo conceito de seu *design*, trouxe um visual mais leve, mais agradável. O conteúdo não foi perdido de vista. Nossos cumprimentos à direção, extensivos aos demais componentes da equipe.

João Bosco Umbelino dos Santos

Pres. da Federação da Agricultura do Estado de Goiás

PARABÉNS

Queremos parabenizar a revista **A Granja** pela nova e competente reestruturação do *layout*, diversificação, matérias, mantendo a profundidade dos temas e orientando cada vez mais os produtores ou executivos, direta ou indiretamente ligados ao setor primário.

Nestes últimos 56 anos, a revista vem levando informação, tecnologias, alternativas administrativas e conhecimentos aos leitores, capacitando-os a resolver problemas ou mostrando adequados caminhos ao sucesso da empresa.

O somatório de conhecimentos transmitidos ao longo desses anos por **A Granja** daria uma enciclopédia agropecuária, pois todos os assuntos de interesse do mercado são tratados não só por entidades classistas, gestores, técnicos, produtores e profissionais de cada área.

Fazemos votos que os próximos 56 anos dessa importante mídia continuem sendo tão produtivos quanto os anteriores, ao bem orientar agricultores, empresas de serviços e empresários rurais brasileiros.

Luiz Vicente Gentil

Professor da Universidade de Brasília



A Granja



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann



MATRIZ
Av. Getúlio Vargas, 1.526
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Home page: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO
Praça da República, 473 - 10º andar
CEP 01045-001 - São Paulo - SP
Fone/Fax: (11) 220-0488/(11) 220-0686
E-mail: mails@agranja.com
Home page: www.agranja.com

GERENTES-EXECUTIVOS
Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO
Editoria
Adriana Langon
Reportagem
Ana Esteves e Luciana Radicione
Revisão
Walson Pontes Carpes
Colaboradores desta edição
Antônio Sanches, Emerson Urizzi Cervi, José Maurício de Toledo Murgel, Leandro Cabral, Roberto Barreto e Valdo Rodrigues Herling
Diagramação
Renato Fachel
Editoração
Jair Marmet

CIRCULAÇÃO
Amália Severino Bueno

ASSINATURA EXTERNA
Raquel Marcos

COMERCIALIZAÇÃO
São Paulo - José Geraldo Silvani
Caetano (gerente) e Rodrigo Martelletti (contato)
Porto Alegre - Cristina Centeno (gerente RS/SC)

REPRESENTANTES
Rio de Janeiro - Lobato Propaganda e Marketing Ltda. - Av. Oswaldo Cruz, 99/707 - Flamengo - CEP 22250-060 - Rio de Janeiro - RJ - fone: (21) 2554-8666 - fax: (21) 2554-8650 - celular: (21) 9958-2869 e-mail: sidney.lobato@ig.com.br
Minas Gerais - José Maria Neves
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222 conj. 105 - Luxemburgo - CEP 30380-530 Belo Horizonte - MG - fone/fax: (31) 3297-8194 - fone: (31) 3344-9100 celular: (31) 9993-0066, e-mail: jmneves@uai.com.br
Brasília - Mídia Real Publicidade Ltda. SCLN 302 - bloco C - sala 104 CEP 70723-530 - Brasília - DF fone: (61) 326-1271 - fone/fax: (61) 328-0456 celular: (61) 9975-2442 e-mail: midiareal@midiareal.com.br

Convênio editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1.526 CEP 90150-004 - Porto Alegre - RS fone/fax: (51) 3233-1822 Exemplar atrasado: R\$ 6,50

Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com

Méritos e **DISPARATES** funcionais

De vez em quando, para não dizer quase todo dia, temos notícia de fraudes nos pagamentos dos institutos de previdência, quando se constata que, em plena Era Informática, as repartições não sabem a quem pagam, por que pagam ou quanto pagam; não sabem sequer se o beneficiário dos pagamentos existe e se está vivo ou morto.

A bagunça seria cômica, se não fosse a mais pura verdade. Não faz muito tempo, na Academia Mineira de Letras, da qual sou membro, o secretário de Estado da Educação de Minas Gerais confessava não saber quantos funcionários tem sua Secretaria. Ora, é o tipo da informação que um menino de 14 anos, com um computador, obtém em duas horas, e ainda faz a lista bonitinha, em ordem alfabética, cores e letras caprichadas. Mas a Secretaria, que é talvez a segunda maior empregadora do Brasil em número de funcionários, ainda não deve ter descoberto o PC e o *laptop*. Paciência.

Era conhecida, na velha Rede Ferroviária, a história de um sujeito de 32 anos que se aposentou com 30 anos de serviço. Acontece que seu pai, também ferroviário, alugou à ferrovia uma carroça e um burro. Não tendo como enquadrar o burro e a carroça na contabilidade, botou o aluguel em nome de seu filho recém-nascido, que recebia os salários/aluguéis. Com o passar do tempo, o menino fez 14 anos e foi aproveitado como aprendiz numa oficina da Rede. Quando fez 32 anos, tinha 30 de serviços e foi aposentado. Engraçado, né?

Pois houve caso ainda mais hilariante, desta vez no Ministério da Agricultura: um veterinário que foi aposentado, na última letra da carreira, sem saber que havia sido funcionário público federal. O milagre foi o seguinte: seu filho, muito simpático e enrolão, também veterinário do Ministério, arranjou a nomeação do pai e recebeu seus vencimentos, por procuração, durante 30 ou 35 anos. Não fosse um vizinho, que tinha a mania de ler o DOU, Diário Oficial da

União, e o velho veterinário não saberia que se aposentou depois de relevantíssimos serviços prestados à nação. Observação: conheci pai e filho.

Como também conheci um agrônomo que me contou, estarecido, o seguinte caso: bacharelado em seu país de origem, fez o mestrado nos Estados Unidos e se doutorou na Austrália. No Brasil, procurou uma empresa séria, ligada ao governo, e se apresentou: sou engenheiro-agrônomo formado pela Universidade X, do meu país, M.S. pela Universidade Y, dos Estados Unidos, Ph.D. pela Universidade Z, da Austrália.

Admitido com vencimentos de doutor, prestou os melhores serviços ao Brasil e acabou pedindo demissão, quando herdou uma fazenda em seu país de origem. Seu espanto vinha do seguinte: nos quase 20 anos em que trabalhou para o governo brasileiro, nunca, jamais, em tempo algum, lhe pediram os documentos referentes ao Mestrado e ao Doutorado, como também não lhe pediram, sequer, o diploma de bacharel em Agronomia. Em tempo: o bacharel em Agronomia era Mestre e Doutor em Reprodução Animal.

Agrônomos e veterinários brasileiros devem ter sido precursores do executivo desejado por todos os *head hunters* (caçadores de talentos) do mundo moderno: a maioria dos veterinários gostava de exercer a agronomia, e quase todos os agrônomos exerciam a medicina veterinária. Hoje, as empresas já não procuram especialistas em determinadas áreas: procuram “o bom” de uma área para ser aproveitado noutra área. Alunos brilhantes do ITA, de São José dos Campos, têm sido contratados para trabalhar em conglomerados financeiros na Europa e nos Estados Unidos. Quer dizer: o sujeito se forma em Engenharia Aeronáutica e vai dirigir um banco...

O perfil do funcionário ide-

al inclui, necessariamente, fluência em duas ou três línguas, sólidos conhecimentos de informática, jogo de cintura, educação e simpatia pessoal, sem as quais o sujeito deveria ser proibido de sair de casa. Em outras palavras: o mercado de trabalho descobriu, agora, aquele faz-tudo que nunca dispensamos na fazenda.

Tive um compadre, hoje aposentado, de letras nenhuma e conhecimentos informáticos nenhuns, até porque os PCs ainda não se tinham vulgarizado na roça. Mas o digno obreiro era motorista, tratadista, inseminador, retireiro, soldador, pedreiro, calceteiro, vidraceiro, mecânico, carapina, segurança, alambrador, pintor, encanador – fazia de um tudo, o marreco. Fazia mal, mas fazia; aprendeu fazendo.

Matéria publicada recentemente numa revista semanal de informação mostra que o velho faz-tudo rural, travestido de executivo, lá vai tomando conta dos melhores empregos da praça. É o engenheiro que se transformou em distribuidor de produtos dos fornecedores credenciados pela McDonald's, a geóloga que se fez craque na análise do impacto das linhas de transmissão de energia em áreas de proteção ambiental, o físico craquíssimo em biologia molecular, o arquiteto que organiza *sites*, e assim por diante.

Camões versejou: “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades/ Muda-se o ser, muda-se a confiança/ Todo o Mundo é composto de mudança,/ Tomando sempre novas qualidades.” É muito de se desejar, portanto, que o serviço público brasileiro siga à risca o soneto do maior poeta da Língua Portuguesa e aprenda, ao menos, quantos funcionários têm, quanto ganham e o que fazem, quando fazem. ■

Hoje, as empresas já não procuram especialistas em determinadas áreas: procuram “o bom” de uma área para ser aproveitado noutra área.

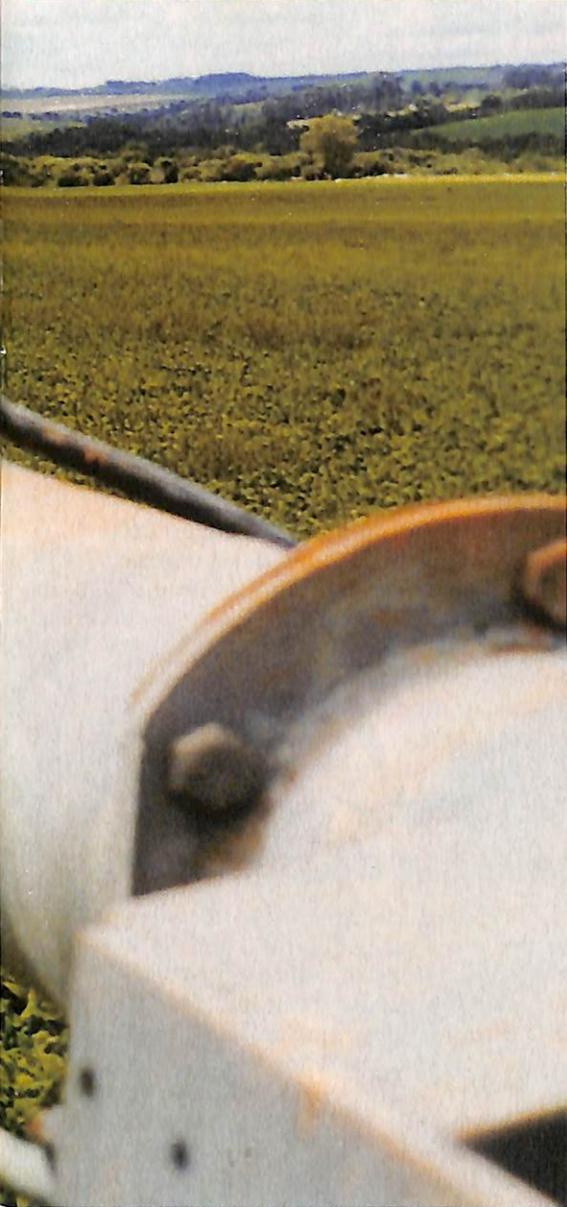


Do carro de boi à

MODERNIZAÇÃO

A evolução da atividade agropecuária transformou o Estado de Goiás, deslocando-o para a linha de frente do cenário produtivo do País. Um orgulho respaldado em resultados para lá de positivos

Texto e fotos: Wandell Seixas



Uma dádiva. Assim é Goiás, um estado favorecido pela natureza, com suas particularidades, dentro desse universo rico e vasto chamado cerrado. A água pura, cristalina (encontram-se desde águas termais, com propriedades terapêuticas, até água salgada), ali ainda jorra, embelezando ainda mais os traços naturais e irrigando os campos produtivos do Estado. Os pivôs, sinônimo de tecnificação de ponta na agropecuária, integram-se à linda paisagem goiana e fazem brotar 'produtividade'. Não é para menos que, hoje, são destaques quando o assunto é irrigação: são 1.500 pivôs centrais. Ou seja, a evolução tecnológica do produtor goia-

no salta aos olhos e os números comprovam que Goiás passou por uma verdadeira revolução em seu sistema de produção.

Dentro do cenário produtivo brasileiro, a agropecuária goiana ocupa posição privilegiada. Dados estatísticos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) comprovam que o Estado produz cerca de 8,72 milhões de toneladas de grãos, o que corresponde a pouco mais de 10% da produção nacional. O valor bruto da produção agropecuária de Goiás somou, em 2000, R\$ 4,97 bilhões entre a agricultura e a pecuária. Em termos de grãos, a soja é a grande líder, apresentando a maior participação: R\$1,11 bilhão. É com orgulho que o Estado ostenta o título de segundo maior produtor nacional de leite (2,3 bilhões de litros) e de algodão herbáceo (283,74 mil toneladas); e o terceiro de rebanho de corte (19 milhões de cabeças de gado). Sem falar da liderança no *ranking* da produção de tomate industrial (612 mil t) e sorgo granífero (174,82 mil).

A fórmula 'secreta' – a associação de novos investimentos tecnológicos, a capacitação e a profissionalização dos produtores rurais – deu certo. "Todo esse crescimento é fruto do trabalho do produtor. Nada disso aconteceu por acaso", observa Macel Caixeta, empresário rural em Vianópolis, conhecido por seus significativos índices de produtividade na área do trigo, superiores aos do Canadá, Estados Unidos ou Argentina. Caixeta é um dos pioneiros na lavoura irrigada nos cerrados da região da Estrada de Ferro e alcança um rendimento médio de 5,2 mil quilos por hectare. Em 1991, quando decidiu apostar no trigo irrigado, foi até chamado de 'louco', recorda ele.

É bom lembrar que, há cerca de 20 anos, o Estado era monocultor de arroz de sequeiro e de pecuária extensiva de corte. A região de Goiás detinha um alto índice de rejeição em razão de suas terras pouco férteis. Hoje, a exemplo das grandes regiões produtoras, as lavouras de soja parecem um imenso tapete verde e somem no horizonte. Com a inserção dos campos de cerrados no processo produtivo, graças ao grande apoio da pesquisa e à transferência de tecnologia,

pela então Empresa Goiana de Pesquisas Agropecuárias (Emgopa) e da Embrapa Arroz e Feijão e da Embrapa Cerrados, culturas como a soja, o milho, o algodão, o trigo e o tomate, entre outros produtos, passaram a pesar na economia goiana. A indústria alimentícia cresce, atraindo novas cadeias e formando pólos, gradual e rapidamente, em diferentes regiões.

O crescimento na agropecuária, na prática, se deve muito à iniciativa de pioneiros e seguidores que acreditaram no potencial do interior brasileiro e erigiram suas propriedades nos campos de cerrados goianos. O Estado, contudo, deu sua contribuição, ressalta o secretário da Agricultura e Pecuária, Leonardo de Moura Vilela, criador de gado de leite em Mineiros, na região Sudoeste. Segundo ele, os incentivos fiscais do Programa Produzir ou a própria reforma tributária posta em prática favorecem tanto os agropecuaristas quanto as agroindústrias. Uma das palavras de ordem tem sido agregação de valor.

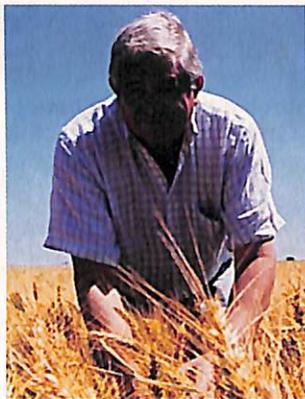
A carne bovina, em especial a questão sanitária, tem merecido uma atenção especial do Governo. Vilela atribui o sucesso nesse negócios à qualidade do rebanho goiano e ao *marketing* do chamado boi verde. Doenças infecciosas que afetam os animais, como a brucelose, estão erradicadas. "Livres da aftosa, da peste suína clássica ou da New Castle, podemos exportar para qualquer lugar, sobretudo para os exigentes mercados da Europa e dos Estados Unidos", enfatiza o secretário, naturalmente empolgado com os resultados do trabalho do atual governo em parceria com entidades representativas dos produtores. Goiás saiu, nos últimos três/quatro anos, do patamar de sete para dez milhões de toneladas de produção de carne bovina. O Secretário da Agricultura ressalta ainda outros avanços, como o incentivo à produção do algodão e o Propasto – programa que já recuperou nos últimos três anos 170 mil hectares de pastos degradados e que prevê, para o ano agrícola 2001/2002, a recuperação de mais 500 mil. O Governo dá atenção ainda ao programa de lavoura comunitária, envolvendo 35 mil famílias, que produzem 1 milhão de sacos de arroz. Enfim, foi criado o fórum de

REPORTAGEM DE CAPA

decisões envolvendo Governo e setor privado, “mas o Governo age com a ótica do setor privado”, conclui Leonardo Vilela.

Essa harmonia, podemos dizer assim, foi muito bem trabalhada. O presidente da Federação da Agricultura no Estado de Goiás (Faeg), João Bosco Umbelino dos Santos, atribui as conquistas da cadeia produtiva à integração do setor primário à indústria, passando pelo comércio e prestação de serviços. Todo o segmento está representado pelo Fórum Empresarial, que congrega a Faeg, a Federação do Comércio e Federação de Clubes de Diretores Lojistas, a Associação Comercial e a Federação das Indústrias. Integração que “no começo não era assim por falta de união de classe”, afirma o dirigente rural. Segundo ele, cada um atuava numa direção e com isso seus representados eram os principais prejudicados. Para a adoção de nova estratégia, tornou-se necessário um reordenamento, estabelecendo parcerias de resultados. A unidade foi estabelecida aliada aos objetivos comuns. “Essa formatação, fruto da organização, trouxe a adesão integral, propiciando um novo momento em Goiás”, acredita Bosco, observando que a adoção das parcerias, envolvendo inclusive o Governo, promoveu nova dinâmica ao agronegócio.

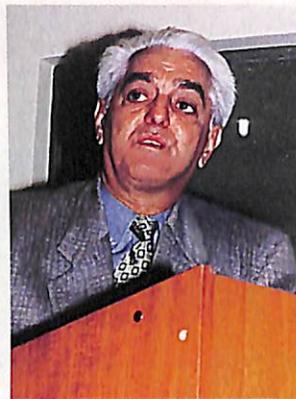
A extensão rural teve papel fundamental e decisivo nessa trajetória. Juscelino Borges Carneiro, engenheiro agrônomo e um dos pioneiros na extensão rural, através da Acar e Emater/GO, lembra dos dois períodos: da atividade agropecuária ainda arcaica e seguindo os princípios modernos. Na visão de Carneiro, os avanços decorreram de um processo de geração e difusão de tecnologia. Primeiro,



Caixeta, de Vianópolis: o crescimento é fruto do produtor



Para Vilela o Estado também deu sua contribuição



Santos atribui as conquistas à integração da cadeia produtiva

através da pesquisa por instituições pioneiras e depois pela difusão e orientação de uma Secretaria da Agricultura dinâmica, associada a entidades como a Emater, hoje Agenciarrural. “Essa transformação da atividade primária gerou uma agricultura moderna e de mercado, o que muito deve aos sistemas de assistência técnica e extensão rural”, conclui Juscelino Carneiro.

Salto — Nesse salto em direção a uma agricultura moderna e eficiente, uma das ferramentas indispensáveis foi a irrigação. Em 1983, a área irrigada era de 559,2 hectares. Hoje, ascende a 100 mil hectares. Um avanço gigantesco. São 1.500 pivôs centrais, quando em 83 se restringiam a sete. Projetos de irrigação por inundação, como o Luís Alves, no Araguaia, visa a 30 mil hectares de arroz, mas com capacidade para até 200 mil hectares. Esboçando esses números, hoje, o Estado de Goiás é destaque nacional quando se fala em irrigação.

Evoluções que se refletem também na área de armazenagem, com capacidade instalada superior a sete milhões de toneladas, através de 547 estabelecimentos. E muito mais: segundo dados do IBGE, 8,5 % do total de

fertilizantes vendidos no País tiveram como destino o Estado de Goiás — o quinto maior comprador; 90% dos estabelecimentos rurais realizam controle de pragas e doenças nas lavouras; 32% utilizam assistência técnica; 61,5% possuem energia elétrica. E um dado muito interessante: apenas 7% tomam recursos emprestados para o desenvolvimento ou expansão de suas atividades.

‘Tirador de leite’ é coisa do passado

Não se pode abordar o movimento progressivo deflagrado em Goiás sem falar no setor leiteiro. O produtor de leite goiano ‘mudou de cara’ nos últimos anos, apesar das adversidades impostas pelo mercado. Se, há dez anos, sua figura era de ‘tirador de leite’ — que não tinha em mente a formação da pecuária leiteira, porque o produto provinha em grande parte do gado de corte, como o nelore, ou de matrizes que não correspondiam — hoje aquele sistema é uma lembrança do passado. A produção de 2 bilhões e 300 milhões de litros anuais coloca o Estado como o segundo do ranking



A inserção dos campos de cerrados no processo produtivo de Goiás se deu graças ao apoio da pesquisa e transferência de tecnologia

Quem lida com a terra precisa ser forte.



futura

Não é por acaso que o TM95 é líder de mercado. Ele possui barras alternadamente longas e curtas e diferentes planos de rigidez no fundo do desenho, que proporcionam maior tração, estabilidade e autolimpeza. O TM95 tem também um rodar mais uniforme que elimina as vibrações e as oscilações laterais. Na hora de escolher o pneu, escolha aquele que garante mais força e produtividade. Escolha TM95 da Pirelli.

VOCÊ PERGUNTA E A PIRELLI RESPONDE:
0800-787638 Internet: www.pirelli.com.br



POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

REPORTAGEM DE CAPA

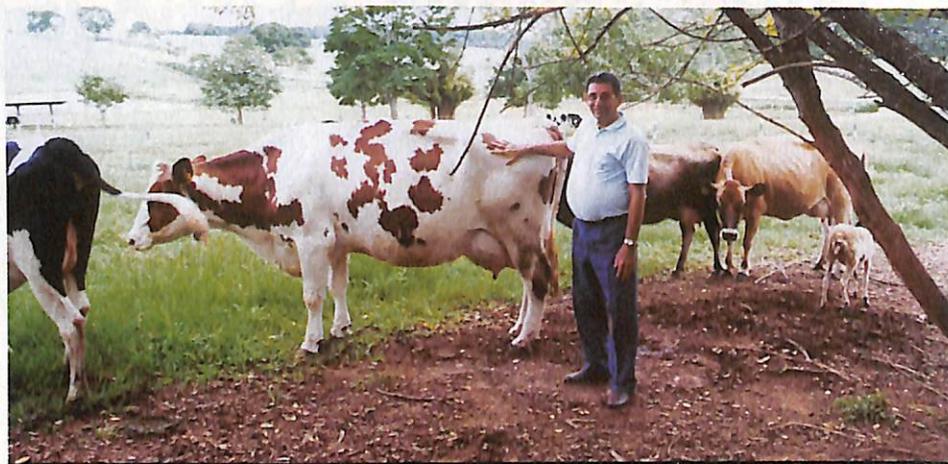
brasileiro, logo depois de Minas Gerais. O que é realmente considerável, pois há quatro anos detinha a quarta posição.

Se cresceu em produção e produtividade, deu uma verdadeira guinada no sistema produtivo com relação à qualidade do produto, o que se atribui à introdução do sistema de coleta e de resfriamento do leite a partir da fazenda, melhoria genética e de sanidade do rebanho. O sistema manual de coleta está desaparecendo por completo do mapa do Estado, bem como a condução do leite por meio de laticônios. Hoje, são caminhões-tanques que conduzem o leite das fazendas às indústrias de laticínios.

Maurivan Siqueira, pequeno produtor em Silvânia, com 220 litros diários em média, recorda que nos idos de 80/90 o produtor “estava totalmente desarticulado”. A consequência direta desse procedimento era o prejuízo. “Não havia entrosamento entre as bacias leiteiras, os sistemas eram isolados e com isso a tecnologia não chegava, ou se chegava não correspondia”, complementa.

Com o decorrer dos anos, instituições como a Emater/Goiás, Embrapa, Faeg, sindicatos rurais, cooperativas e a Universidade Federal de Goiás, passaram a demonstrar maior preocupação com o problema relativo à melhoria da produtividade e da qualidade. Dezenas de palestras, de cursos, de seminários na Capital e Interior passaram a ser ministrados; o criador começou a tomar maior consciência e conhecimento de tecnologia, da melhoria da qualidade. Os resultados positivos foram uma ocorrência natural.

Altos e baixos — Com 31 anos na Fazenda Córrego Branco, em Itaberaí, José Alves de Almeida (mais conhecido por Zé Bentinho) tem uma história de altos e baixos. Num determinado momento, aborrecido com o andamento da pecuária leiteira, vendia todo o gado e ia cuidar de lavoura. Noutro, como em 1971, investiu em matrizes cruzadas e depois em animais de origem holandesa pura ou PO importados. Ele foi apenas um dos criadores que, empolgados com a dineirama oferecida pelo governo federal, ainda durante o regime militar, entraram nessa onda, mas o resultado não foi muito favorável, porque mui-



Zé Bentinho comercializa o seu leite granelizado, uma produção de 1,5 mil litros por dia, e trocou a ordenhadeira tradicional pela espnha de peixe realizando um antigo sonho

tos animais morreram em decorrência da infestação por carrapatos. No caso de Zé Bentinho, como não fora feita uma imunização, 12 das 110 cabeças compradas morreram, lembra ele.

No início do século XXI, o cenário é bem diferente e a sanidade do rebanho faz a diferença. Em sua propriedade estão atualmente 200 cabeças de gado da raça holandesa, todas matrizes. Sua produção por ani-

mal é de 25 quilos por dia ou 1.500 litros diários. Animado com os ganhos, entusiasma-se e estima para o próximo ano uma média anual de 2.500 litros/dia e três mil litros diários para o ano 2003. Mesmo assim, não se prende apenas à produção leiteira e comercializa os bezerros machos recém-nascidos. De quebra, dá a receita para o êxito: “Não fico com um centavo da comercialização do leite.



ÁREA COLHIDA EM HECTARES

Cultura	95/96	96/97	97/98	98/99	99/00	00/01
Algodão	81.575	83.234	186.661	117.056	96.718	100.505
Arroz em casca	189.897	138.092	130.607	196.558	150.334	112.661
Cana-de-açúcar	117.179	129.630	128.093	128.746	138.750	146.550
Feijão 1ª safra	10.423	16.473	18.564	38.853	56.456	40.055
Feijão 2ª safra	43.265	59.477	46.699	70.499	26.524	48.915
Feijão 3ª safra	30.054	31.717	43.073	33.818	29.299	34.659
Café	5.654	5.090	3.979	3.603	3.986	4.073
Milho 1ª safra	801.561	746.620	460.349	596.658	604.967	738.486
Milho 2ª safra	128.450	203.131	205.631	205.631	234.877	156.864
Soja	913.871	1.016.388	1.382.788	1.333.646	1.491.066	1.530.643
Sorgo granífero	59.687	93.048	134.963	117.559	175.850	118.464
Tomate de mesa	5.098	6.185	5.568	10.677	10.196	10.196

O que lucro, aplico no pasto". Na Fazenda Córrego Branco, o implante de embriões já é uma tecnologia usual e dominada.

Como outros criadores que se adequaram aos tempos modernos, comercializa o leite granelizado. Trocou a ordenhadeira tradicional por outra - espinha de peixe -, que considera mais ágil na extração do leite, além de lavagem automática. "Esse era um sonho que acabei de realizar. Agora vou introduzir o sistema de computação", revela.

Zé Bentinho aprendeu a lição do passado de, se possível, não ficar res-

trito a uma única atividade na fazenda, mas sim procurar diversificar ao máximo. Hoje, investe também na pecuária de corte, mantendo um confinamento de 500 bois para engorda de animais de terceiros, cobrando por dia ou por porcentagem. É o chamado hotel de bois. O milho pamonha, que ocupa 140 hectares, com uma produção de 15 t/ha, é produzido em pivô e vendido no comércio local. Os pés são cortados e transformados em silagem. No sistema de pivô produz ainda feijão, utilizando a rotação de culturas, que envolve também duas safras de milho. O milho de sequeiro, numa área

de 100 hectares, rende 12 mil sacas, que comercializa, ficando com duas mil, destinadas à alimentação de suas matrizes. E dá mais uma dica aos detentores de rebanho leiteiro em Goiás: "Para ser bom produtor de leite, o ideal é plantar grãos".

Abrigo em outro lugar

A disponibilidade de terras, a topografia e o clima favoráveis, atraíram um gaúcho de Panambi/RS aos extensos campos de cerrados de Rio Verde, sudoeste goiano, a 234 km de Goiânia. Sílvio Wegener deixou o Sul em 1982, porque a fronteira agrícola gaúcha se esgotara e ele entendera que maiores perspectivas para si e sua família era buscar abrigo em outro lugar.

Naqueles idos, em Goiás, se compraria quatro ou cinco imóveis por um, em comparação com o seu estado natal. Passados 20 anos, a terra goiana sofreu forte valorização, como por extensão toda a região Centro-Oeste, onde ocorre a nova e promissora fronteira agropecuária. Hoje, não apenas Rio Verde atrai os novos imigrantes, sobretudo os gaúchos, que tomam conta de regiões economicamente importantes, como o Chapadão do Céu, Jataí ou Mineiros. Há uma verdadeira colônia gaúcha no sudoeste goiano.

Vinte anos atrás, a soja foi introduzida no Estado praticamente pelos gaúchos. Os goianos não tinham a

Soja lidera exportações

O complexo soja exporta US\$ 400 milhões anualmente, representando 60% do total goiano. O crescimento tem sido mais forte em relação à soja em grãos, o que é atribuído à Lei Kandir. Em Goiás, a empresa Caramuru, sediada em Itumbiara, município ao sul do Estado, é um exemplo dessa política. "Somente a Caramuru, incrementou suas exportações em 273% nos últimos quatro anos", revela o diretor da empresa, Alberto Borges de Souza.

Em 1997, o Estado enviava para fora 439,6 mil toneladas de soja em grãos; hoje, exporta 920 mil toneladas - praticamente o dobro. Com relação ao farelo, as exportações aumentaram de 540 mil t para 800 mil t. "Esse crescimento não foi decorrente do aumento da produção industrial, mas sim da migração, no Estado, das vendas brasileiras para o mercado externo", expõe o diretor da Caramuru.

Souza mostra-se otimista com relação ao futuro, observando que as perspectivas sinalizam o crescimento das exportações de soja in natura, já que o aumento da produção agrícola deve seguir na faixa de 10% ao ano. "Já a produção industrial seguirá estagnada", vaticina. Na sua opinião, as exportações fortalecem a renda do produtor goiano. Lamenta, no entanto, que a produção industrial tenha permanecido estagnada em dois milhões de toneladas, "o que demonstra claramente que não estamos tendo o mesmo dinamismo da agricultura". O industrial atribui essa condição ao desequilíbrio tributário ocorrido na Lei Kandir que, na sua visão, desestimulou a geração de valor agregado no próprio País. "Esse assunto re-

quer solução do governo federal", reage.

Com relação ao exportador brasileiro, Alberto Borges de Souza está seguro de que só sobrevive quem é altamente profissional. "As margens são pequenas, a logística tem que ser competitiva e exige escala elevada", constata. Indagado se os conflitos internacionais - decorrentes dos ataques terroristas nos Estados Unidos e de sua represália em rincões do Afeganistão - podem contribuir de forma positiva para a agropecuária brasileira e às exportações, Borges de Souza acredita que, a longo prazo, as nações desenvolvidas revisarão o seu relacionamento com as nações periféricas. "Espera-se a redução do protecionismo nos países desenvolvidos, o que será positivo para o Brasil", estima. Mas, defende que o Brasil necessita desenvolver uma plataforma industrial compatível com o desenvolvimento agrícola, considerando "preocupante nossas exportações de soja terem saltado de três para 15 milhões, enquanto os produtos industrializados reduziram. Não conheço, no mundo, agricultura forte sem uma indústria forte ao seu lado. Essa estratégia tem que ser perseguida pelo Governo e pelo sistema produtivo", conclui.



REPORTAGEM DE CAPA

menor tradição com o cultivo da oleaginosa. A cultura tradicional em Goiás era o arroz em regime de sequeiro. Além dos gaúchos, famílias de norte-americanos e russos formavam colônias no município de Rio Verde e passavam a cultivar soja.

O único problema estava relacionado à armazenagem, lembra Sílvio Wegener, observando que o caminhão ficava até dois dias para carregar o grão. Com isso, a colheita se retardava, exigindo em certas circunstâncias a instalação de lonas nas piscinas da soja. O Governo relegava a atividade agrícola a segundo plano e com isso muitos agricultores desistiram de plantar, enquanto outros literalmente quebraram. O Plano Real trouxe estabilidade, ao fixar os juros, antes variáveis, além do indexador que sufocava a atividade no Brasil. Outro aspecto importante, considerado por Wegener, foi a introdução do sistema de plantio direto na palha. Sempre atento às novidades tecnológicas, o produtor rural tem uma posição muito definida, quando o assunto em pauta é transgênicos. “Lamento que o governo brasileiro não tenha autorizado o plantio de soja transgênica, que reduz custos e faria o Brasil competir melhor no mercado com a soja da Argentina, que concorre com a da gente”, argumenta ele, um dos muitos defensores do plantio de produtos geneticamente modificados.

Transcorrido o período de maior pioneirismo dos últimos 20 anos, hoje a rede armazenadora supre tranqüilamente a produção crescente. Lembra ele ainda que a pesquisa, posta em prática pela Embrapa e pela Emgopa, foi responsável pela introdução de variedades de alto poder produtivo e resistente às doenças. Hoje, é comum o agricultor produzir 60 sacos de 60 quilos por hectare. É sinal seguro da contribuição dos produtores rurais no processo de desenvolvimento ou do avanço do agronegócio em Goiás.

Nova postura — A agregação de valor começou a fazer parte do dicionário dos agricultores de Goiás e Sílvio Wegener é um exemplo típico desse novo comportamento profissional. Atualmente, planta-se visando à rotação de culturas em primeiro lugar e, em decorrência, a lucro. Dessa forma, nada de prejuízos.



O gaúcho Wegener apostou em Rio Verde e não se arrepende. Hoje, ele é um exemplo típico de que a agregação de valor na propriedade significa uma colheita de resultados positivos

Agora, planta-se o milho – o bicho-papão de muitos, porque seus preços estão baixos em comparação com outros produtos, sobretudo quando avaliados em dólar, que é a moeda-referência, por exemplo, para a soja e o girassol. Planta-se milho porque é o alimento do suíno, a nova atividade que se implanta em Goiás, graças à presença da Perdigão em Rio Verde.

Wegener produz milho visando ao consumo de 25 mil sacas/ano, apenas em sua granja. Ele não tem preocupação com a comercialização no mercado, porque toda a utilização do cereal produzido na Fazenda São Tomás, que é de 35 mil sacas em 330 hectares, será por sua nascente, a suinocultura. Seu projeto é de 1.200 matrizes. Na opinião dele, a Perdigão, que optou por altos investimentos em Goiás, é ‘a bola da vez’.

A suinocultura de fato é um fator positivo a mais neste Estado, porque ela consome o milho e o farelo de soja, gerando, além do mais, empre-



Nogueira Júnior, da COMIGO, ressalta que Rio Verde tem tradição em cooperativismo

gos à região. A criação de suínos exige muita mão-de-obra e mais investimentos no setor ou em toda a cadeia produtiva. Apenas ele, por exemplo, gera 17 empregos diretos mais a utilização da família no processo de criação. Se a lucratividade é festejada, um adendo econômico importante é ressaltado pelo granjeiro de Rio Verde: os dejetos dos suínos são utilizados na lavoura, reduzindo os custos operacionais na compra de adubos.



O Projeto Buriti, da Perdigão, fechará este ano com a destinação de R\$ 70 milhões para a região

O pólo agroindustrial é aqui

A Perdigão se aportou em Rio Verde e hoje é uma das exportadoras goianas. O Complexo Agroindustrial da Perdigão (Projeto Buriti), em Rio Verde/GO, completou um ano de operação em agosto passado. A empresa fechará 2001 tendo empregado cerca de R\$ 70 milhões na região. No mesmo período, os produtores integrados terão aplicado outros R\$ 35 milhões na implantação de granjas de suínos e frangos no município.

Até o momento, os recursos já somam R\$ 290 milhões, do total previsto de R\$ 400 milhões a serem investidos até 2003, quando o projeto estará totalmente concluído. Neste primeiro ano, o abate na unidade de Rio Verde já atinge a marca de 2 mil suínos/dia e 100 mil aves/dia.

No próximo ano, a empresa concluirá a implantação da primeira fase do projeto, que prevê o abate de 3,5 mil suínos/dia e 280 mil frangos/dia, além de 250 toneladas diárias de industrializados, como mortadela, lingüiça calabresa, hambúrguer e empadados.

Desde junho estão sendo realizados embarques de carcaça de suínos para a Rússia, produzidos em Rio Verde. Inicialmente foram embarcadas 300 toneladas e, segundo o diretor operacional da regional, Euclides Costenaro, deverá chegar a 800 toneladas mensais a partir de outubro e atingir a marca de mil toneladas em dezembro. A Perdigão também já está exportando, através da unidade, cerca de 600 toneladas de carnes de aves por mês para países da União Européia e Japão.

Desde que se estabeleceu no município, a empresa já gerou 2.200 empregos diretos. Desse total, 240 trabalhadores receberam treinamento nas linhas de produção das unidades industriais de Santa Catarina, para conhecerem na prática a função e se tornarem agentes multiplicadores. Serão criados na unidade, ainda este ano, mais 400 empregos e, até o final de 2002, deverão ser 3.500 empregados diretos.

Algodão herbáceo em ascensão

Goiás é o segundo maior produtor nacional de algodão, com área cultivada de 100 mil hectares. No ano agrícola 1989/1990, o algodão herbáceo colhido ocupou 35,45 mil hectares, ocorrendo sucessivas ascensões. Já na safra 1997/1998, alcançou a casa dos 186,66 mil ha e uma produção de 260,18 mil t. Para este ano, a produção esperada é de 283,74 mil t, o recorde de sua história em campos de cerrados goianos, segundo levantamento do IBGE e da Faeg. A produção esperada do algodão em pluma é 98,8 mil t nesta safra.

A topografia plana do terreno e o clima da região favorecem o desempenho da cultura, cuja produção de qualidade e elevada produtividade fazem a performance do algodão cultivado em solo goiano igualar-se às maiores do mundo, sob condições de chuva, conforme análise da Associação Goiana dos Produtores de Algodão (Agopa).

Programa de manejo — Para contornar os vários problemas tecnológicos, que afetam a produtividade e a rentabilidade final do algodoeiro, a Fundação de Apoio à Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário de Goiás (Fundação GO) está atenta a novos cultivares para a região e o alto custo de produção. Nesta safra, um projeto foi implantado e seu

objetivo é — através da geração e transferência de tecnologias — reduzir os riscos e o custo de produção, assim como aumentar a rentabilidade para a sustentação da cotonicultura, conservando o meio ambiente.

Na safra 1999/2000, o projeto foi implantado e conduzido em oito municípios, constando de três programas: um de melhoramento do algodoeiro próprio de Goiás, outro de manejo cultural e ainda mais um de transferência de tecnologias, cujos resultados obtidos neste primeiro ano de trabalho já são de grande relevância para o aperfeiçoamento da cotonicultura regional.

Foram identificadas várias cultivares comerciais e linhagens com grande potencial produtivo e tecnológico, como alternativas para plantio em Goiás e seus níveis tecnológicos de manejo. Na atual safra, o projeto foi instalado em nove municípios, onde já se iniciaram ações de transferência de tecnologia.

Um dos fortes campos experimentais da Fundação GO é na Fazenda Palmares, em Santa Helena de Goiás. Os programas de difusão de tecnologia ocorreram através de dias de campo em Chapadão do Céu, Goiatuba, Acreúna e Santa Helena de Goiás.



Os investimentos das empresas não param por aí e não se restringem a Rio Verde. Em Goiânia, a Arisco Produtos Alimentícios é a mais antiga e a mais importante, gerando acima de três mil empregos diretos e con-

tribuindo fortemente na geração de impostos, entre outros aspectos de ordem econômica e social. A Arisco atua na área de extratos e, em decorrência, implantou-se importante pólo tomateiro industrial no Estado. Se-

gundo a Secretaria da Indústria e Comércio, mais de 300 empresas estabeleceram-se no Estado nos últimos anos, representando investimentos da ordem de R\$ 713 milhões, gerando mais de 40 mil empregos diretos.

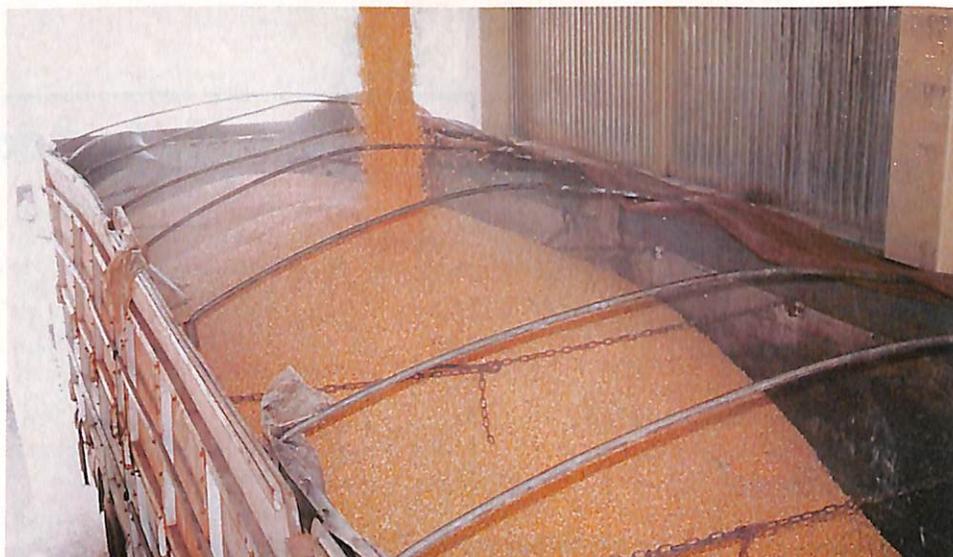
Granjeiros integrados — Para dispor de uma melhor articulação gerencial, os produtores de suínos estão criando a Associação dos Granjeiros Integrados, em substituição à Associação dos Produtores de Leitão. A nova entidade torna-se assim mais abrangente, saindo dos 12 produtores de leitão para dezenas de granjeiros, e conta com a orientação técnica da Perdigão, explica José Antonio Nogueira Júnior, um dos articuladores da associação, diretor-secretário do Credi-Rural da COMIGO (Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano).

Nogueira Júnior lembra que o município de Rio Verde tem tradição em associativismo, dispondo desde 1975 da COMIGO, sindicato rural e a Associação dos Produtores de Grãos. Para ele, o Estado é referência nacional em cooperativismo de crédito. “Isso não foi construído por banqueiros, mas por produtores comuns do Estado”, observa, lembrando que o crédito rural na região surgiu nos porões da cooperativa.

Capitalização — Ao se fazer uma análise evolutiva do agronegócio goiano, fica-se convencido de que o empresário rural mudou, avançou e está mais capitalizado. A opinião é manifestada por Nogueira Júnior. Alguns sinais ilustram bem essa nova performance, embora o produtor enfrente adversidade climáticas e econômicas. Mais capitalizado, os reflexos são sentidos no comércio, explica ele. E o carro é o sinal mais evidente de que as coisas vão bem na lavoura. É muito comum comentários do tipo “A primeira coisa que o fazendeiro faz, quando tem lucro, é trocar de carro. E é sempre uma caminhonete, de preferência importada”.

Em Rio Verde, por exemplo, é difícil encontrar automóvel velho. “Velho vai para o asilo”, brinca Maria José Londe, criadora na região, ao concordar que, quando pode, o rioverdense é vaidoso.

Nogueira Júnior, formado em agronomia, mora há 20 anos na cida-



Carregamento de soja chega a COMIGO, cooperativa referência no Estado e no País que ocupa-se do beneficiamento, industrialização e comercialização de produtos agrícolas

de de Rio Verde. Oriundo de Viradouro, interior de São Paulo, ao formar-se foi para Goiás. Acabou lecionando na Faculdade de Agronomia e comprando sua primeira gleba de terra, pois já estava encantado com a topografia do solo e com o povo acolhedor. Ele logo notou que a região dispunha de todos os ingredientes para crescer, com o povo receptivo às novas idéias, à utilização da tecnologia e aos investimentos.

Hoje, além das funções financeiras no Credi-Rural COMIGO, produz milho, soja, cria gado de corte e suínos. Como outros produtores do município, cultiva milho como alimento dos leitões. Isso significa dizer que a queda no preço do grão não o preocupa, porque “o milho será transformado em leitão”, ressalta. Entretanto, ele tem os pés no chão: “Ficar rico com a suinocultura, não acredito, mas estou convencido de que representa mais uma possibilidade de equilíbrio financeiro a quem produz”, depõe.



Para Arante, de Acreúna, o produtor rural está fazendo a sua parte

A força do cooperativismo

A COMIGO é uma das principais referências de como o cooperativismo pode ser eficiente. Fundada na cidade de Rio Verde, em 1975, por pioneiros como Paulo Roberto Cunha, atual prefeito do município, hoje é presidida por Antônio Chavaglia, um verdadeiro executivo.

São 4.156 o número de cooperados e 1.313 o de empregados, dispondo de unidades armazenadoras em Rio Verde, Jataí, Montividiu, Acreúna, Santa Helena, Paraúna e Indiara, com capacidade total de 772 mil toneladas e 1.870 toneladas/hora de secagem. A cooperativa se ocupa do beneficiamento, industrialização e comercialização de produtos agrícolas.

Em suas instalações em Rio Verde conta com uma loja, onde há um supermercado, seção de peças e de veterinária, armazéns, indústrias de óleo e farelo de soja, como moageira e refinaria com capacidade para mil toneladas diárias. A indústria de laticínios, 100 mil litros/dia; a fábrica de sabão, 20 t/dia; a de fertilizantes, 90 t/dia. Diariamente também são produzidas 320 toneladas de ração, sem contar a unidade de descaroçamento de algodão, com cinco mil arrobas/dia, e a unidade de beneficiamento de sementes, com 80 mil sacos/ano.

A marca COMIGO desbravou novas fronteiras e seu mercado atinge praticamente todo o País, em especial o paulista. Para ganhar ainda mais

PRODUÇÃO EM TONELADAS

Produção	95/96	96/97	97/98	98/99	99/00	00/01
Algodão herbáceo	173.307	189.744	260.182	278.363	254.476	283.742
Arroz em casca	303.378	231.874	213.819	352.135	294.629	187.091
Cana-de-açúcar	8.767.380	10.222.459	9.871.489	9.251.798	10.042.959	11.231.800
Feijão 1ª safra	12.976	27.104	30.378	68.492	99.838	66.583
Feijão 2ª safra	32.139	69.129	53.953	50.391	29.265	64.106
Feijão 3ª safra	70.281	72.001	102.151	82.094	71.312	89.225
Café	5.529	4.973	4.948	5.045	5.877	6.990
Milho 1ª safra	3.333.563	3.056.711	1.885.799	2.811.789	2.973.719	3.493.630
Milho 2ª safra	367.257	633.050	660.537	602.812	685.756	430.000
Soja	2.019.153	2.451.163	3.409.191	3.420.653	4.092.934	3.734.939
Sorgo granífero	111.904	115.348	224.419	152.198	287.502	174.820
Tomate	262.275	354.076	331.813	759.009	712.448	712.448
Trigo	18.439	8.196	11.757	12.520	8.509	12.881



força, foi criada a joint-venture Dalland-COMIGO, um núcleo produtor de genética de suínos, fornecendo 25% da linha fêmea para o Projeto Buriti, da Perdigão, e 75% dos machos. A difusão de tecnologias e pes-

quisa é uma das prioridades. Cerca de 169 hectares são destinados ao desenvolvimento de novas variedades de soja, algodão e trigo.

Segundo Antônio Chavaglia, que também preside a Organização das

Cooperativas de Goiás (OCG), o cooperativismo goiano tem contribuído fortemente para o desenvolvimento organizacional e de união do produtor rural no Estado. Goiás dispõe de 58 cooperativas agropecuárias, com

Os encantos do girassol nos campos do cerrado

O cultivo do girassol teve início há oito anos na região de Rio Verde, graças à implantação de uma indústria do município de Trindade, cidade consagrada em Goiás pelas manifestações religiosas. Trindade representa para os goianos o que Aparecida, em São Paulo, significa para os brasileiros. A cidade está a cerca de 15 quilômetros de Goiânia, na região mais a oeste, e Rio Verde se situa no sudoeste. Apesar de se localizar em uma "cidade santa", nenhuma reza segurou a moageira do girassol e ela faliu.

Com isso, a cultura recém introduzida no Estado, apesar do sucesso tecnológico e crescente interesse por novos produtores, sentiu o peso. Há quatro anos, no entanto, a Caramuru, indústria moageira localizada em Itumbiara, região sul de Goiás, tomou interesse pelo girassol e assim os agricultores voltaram a cultivá-lo em Rio Verde. A indústria Caramuru promoveu este ano a primeira exportação de girassol Made in Goiás.

Marion Kompier (na foto) – filha de holandeses que implantaram a Fazenda Brasilanda e entre os pioneiros na região, introduzindo inclusive novas técnicas as-

similadas pelos vizinhos – é uma jovem que segue os passos dos pais. Marion não tem dúvida, mostrando-se convencida de que "o produtor sabia plantar, mas com relação ao girassol, muitas vezes faltava quem o comprasse".

O girassol é uma cultura comemorada por agricultores modernos, como Marion Kompier, formada em Agronomia. "É uma opção ótima para a safrinha. O girassol pode ser plantado em cima da área do milho", explica. A nova alternativa de cultivo é fator relevante no processo de rotação de culturas, porque é relativamente to-



lerante à seca. Para apresentar resultados lucrativos, seu plantio deve ocorrer até fevereiro. Em março, as chances "são de se cobrir apenas os custos", observa a produtora rio-verdense. Algo em torno de 18 sacas por hectare, o correspondente a R\$ 360. A produção média é de 30 sacos por hectare, em Rio Verde.

Na atual safra, a saca de 60 quilos foi comercializada por R\$ 19,50. Sua cotação é em dólar. A expectativa dos produtores de girassol no Estado é que a saca seja cotada a US\$ 9, ou seja, mais de R\$ 25 ao câmbio atual.

A jovem Kompier sustenta a necessidade de outras indústrias no Estado, para comprar e moer, observando que mais de 90% do óleo de girassol procede da Argentina. A COMIGO é uma das esperanças dos agricultores. Como ela mói soja, a perspectiva é de que também introduza a moagem de girassol.

Em tempo: se milagre existe, os produtores goianos de girassol podem agradecer à Santíssima Trindade. A indústria que havia falido em Trindade será reativada, depois que seus equipamentos foram recentemente comprados pelo grupo Irmãos Soares, de material de construção de Goiás.

70 mil associados oriundos das áreas específicas de grãos, carnes, laticínios, algodão, suínos e frangos.

Eixo de escoamento da produção

Acreúna, uma cidade do sudoeste, com pouco mais de 20 anos – localizada às margens da BR-060, que liga Goiânia/GO a Cuiabá/ MT –, é como centenas de outras em Goiás, que surgiram em função da agricultura. A própria rodovia contribuiu fortemente para o seu desenvolvimento, porque tornou-se um dos eixos de escoamento da produção. Sua população alcança 20 mil pessoas, que vivem direta ou indiretamente da renda do agricultor ou do pecuarista.

Archimedes dos Santos Arantes, da Fazenda Canadá, é um dos pioneiros. Natural de Ourinhos, interior de São Paulo, chegou a Goiás por convite de um parente. Gostou dos cerrados



O desenvolvimento da lavoura em Goiás, que acabou impulsionando a adoção do sistema plantio direto, pode se dizer que é recente. Há 20 anos, o Estado era monocultor de arroz de sequeiro

dos goianos, sobretudo da existência de água dos pântanos. Despertado pela disponibilidade de terras a preços convidativos, começou sua atividade agrícola. Primeiro, plantou arroz de sequeiro. Após, aderiu, como

muitos outros, à corrida da soja, do milho e do algodão.

Muitos dos pioneiros ficaram ricos. Há dez anos, 4,84 hectares não passavam da casa dos R\$ 2 mil. Atualmente, essa mesma área vale R\$12 mil. “Há gente que não entrega por menos de R\$ 20 mil”, afirma Archimedes, numa demonstração de que a terra sofreu forte valorização e muitos querem preservar esse patrimônio.

Em Acreúna e, por extensão na totalidade dos municípios da região Sul/Sudoeste, a atividade agrícola é tocada com a utilização da tecnologia de ponta. Os equipamentos são os mais sofisticados e os engenheiros agrônomos possuem alto conhecimento teórico e prático.

Os investimentos são altos. Os custos operacionais na cultura do algodão, por exemplo, oscilam entre R\$ 4 mil e R\$ 4,5 mil. Mecanização é a ordem do dia. Na Fazenda Canadá, são mais de 200 máquinas agrícolas da mais alta sofisticação operando numa área de cerca de 700 alqueires.

Para Arantes, o produtor rural está fazendo a sua parte. “O produtor rural brasileiro entende do seu riscado”, diz ele, acrescentando que cabe ao governo federal a definição de uma política agrícola em benefício do agro-negócio brasileiro.

Crítico, ele lamenta que o governo federal mantenha alíquotas altas, prejudicando o agricultor, e defende a criação de institutos de pesquisa direcionados a oferecer sementes de melhor qualidade. ■

Cadeia tritícola é fomentada

O trigo é ainda incipiente no Estado, mas este ano, em decorrência da política cambial brasileira, recebe novo fomento, congregando inclusive toda a cadeia tritícola. A área a ser colhida este ano chega a 7,93 mil hectares, com uma produção prevista de 12,88 mil toneladas. Os produtores goianos adotam o sistema irrigado.

A cultura, é interessante lembrar, passou por momentos difíceis em passado recente, porque o governo brasileiro estimulou a importação de trigo, sobretudo da Argentina, parceiro de Mercosul. Na safra 1995/1996, por exemplo, Goiás chegou a produzir 18,43 mil t do cereal em seus campos de cerrados.

Já se fala em produção de trigo orgânico na região do cerrado, no período outono-inverno. Segundo o pesquisador da Embrapa Arroz e Feijão, Abelardo Díaz Cánovas, o trigo orgânico “pode se constituir numa boa perspectiva econômica para os produtores que dispõem de estrutura de irrigação, em locais acima de 500 metros de altitude, em Goiás e no Distrito Federal, e de 400 metros em Minas Gerais”.

A produção pode ser destinada à indústria dos chamados produtos naturais derivados do trigo, muito comuns nos su-

permercados, mercados e feiras livres. Na opinião de Cánovas, numa perspectiva de mercado mais ampla, pode-se promover a organização de associações de produtores de trigo orgânico que, sob a orientação e certificação do órgão competente, poderá conquistar nichos de mercado para o produto em grão ou criá-los para os produtos originados de seus diversos usos industriais.



SEMEATO

Qualidade



Durabilidade

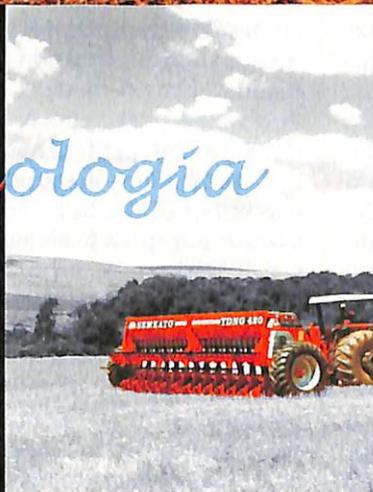


Pioneirismo

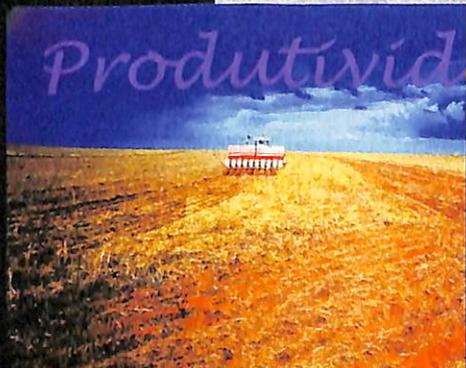
- Sam
- Shm
- Ssm
- Personale Drill
- Pse
- Psm
- Par
- Land Master
- Tdax
- Tdng
- Shp
- Fenação
- Taipadeira - TS
- Valetadeira - VS
- Colhedeira de Milho - CMR



Tecnologia



Assistência Técnica



36 anos
oferecendo
soluções
à sua lavoura.



TECNOLOGIA para todos os bolsos

Existe no mercado uma grande variedade de marcas e modelos de tratores. Cabe ao produtor adquirir aquele que melhor se adapta às necessidades de sua atividade agrícola

Luciana Radicione

O agricultor brasileiro – ciente de que a concorrência não está apenas no vizinho do outro lado da cerca, mas nos produtores das principais regiões agrícolas do mundo – está cada vez mais atento à importância da renovação do parque de máquinas como fator de evolução dos índices produtivos e de competitividade. Essa profissionalização trouxe um interesse e uma maior exigência em relação às máquinas agrícolas utilizadas na propriedade. O trator, por exemplo, veículo de extrema utilidade nas atividades do campo, onde ele passa mais tempo, deve mostrar eficiência nos vários tipos de operação, como plantio, gradagem e aplicação de insumos.

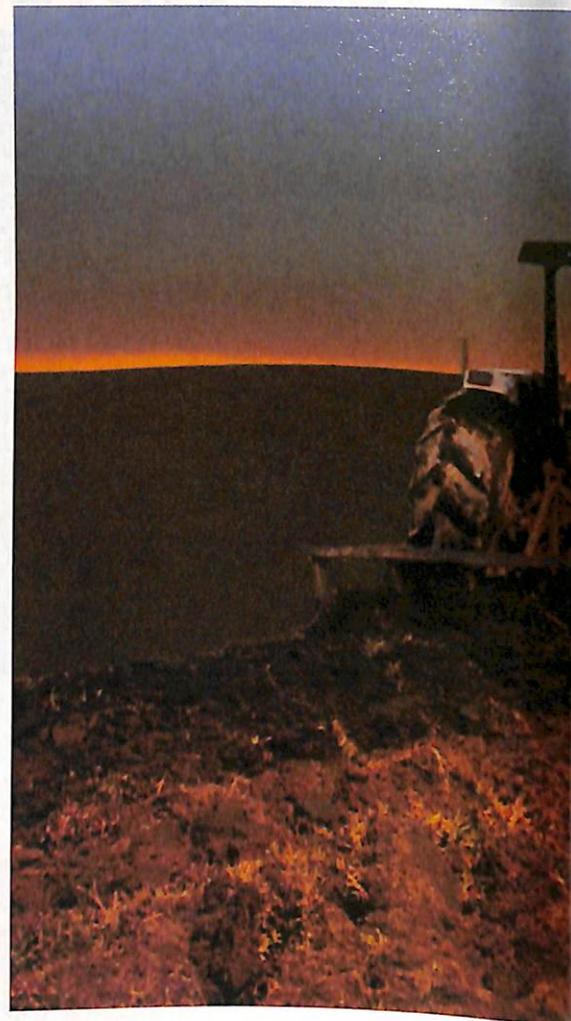
Independentemente da escala produtiva, os agricultores estão buscando máquinas que disponibilizem tecnologia suficiente para atender às necessidades de produção, de acordo com a atividade rural e em sintonia com os implementos utilizados.

De olho nas novidades dos fabricantes e nos preços, os produtores de hoje aprenderam a valorizar a evolução tecnológica e buscam, dentro do possível, equipar sua propriedade com o que consideram indispensável. Analisam, sim, a real necessidade de uso e as vantagens que as máquinas modernas podem proporcionar. O grande aliado, nesse momento, é o cálculo custo x benefício: de nada adianta o trator ser o melhor – e o mais caro – se o produtor não necessita de tantos recursos. Já se apenas o fator

preço for considerado, o produtor acabará adquirindo um trator com características inferiores ao necessário e certamente sua atividade será prejudicada.

Segundo o engenheiro agrícola da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Carlos Antônio Marques Andersson, a fabricação de tratores no País tem seguido uma certa tendência ao longo dos últimos anos. A relação entre tratores produzidos com diferentes faixas de potência bruta no motor, principalmente entre 50 a 99 cv e 100 a 199 cv, mantém uma relativa estabilidade. “Com a adoção de novas técnicas de preparo do solo e outras tarefas que minimizam a utilização de tratores na propriedade, pela redução do número de horas de trabalho, o interesse dos produtores passa a ser pela compra de tratores médios, com faixa de potência entre 80 e 120 cv”, afirma ele. O modelo de trator mais produzido pelos fabricantes e mais procurados pelo agricultor brasileiro é o que possui faixa de potência bruta no motor entre 50 e 99 cv. “É o ideal para a grande maioria das tarefas e também adequado ao plantio direto, onde são usadas máquinas e implementos de menor porte, nas lidas de plantio e aplicação de produtos químicos, basicamente”, informa o engenheiro da UFPEL.

Na região Centro-Oeste do País, onde predominam lavouras com áreas mais extensas, é normal o agricultor adquirir tratores de maior porte, com potência superior a 120 cv. “São máquinas de elevada capacidade de trabalho, para fun-



cionarem em amplas áreas durante o dia, tracionando e acionando grandes implementos. Um só modelo desses é capaz de realizar o trabalho de até quatro tratores médios”, enfatiza Andersson.

Tendência — Conforme o diretor de marketing da Valtra, Cláudio Costa, os tratores europeus já alcançaram a potência de 260 cv. “Com o objetivo de aumentar ainda mais a produtividade de trabalho, a tendência vem sendo o uso de implementos cada vez maiores, que por sua vez exigem máquinas de maior potência”, afirma. Segundo ele, no Brasil já existe demanda por esse tipo de máquina, embora ainda muito restrita. No segmento de alta tecnologia da Valtra destacam-se os modelos importados HiTech, de 125 a 160 cv, equipados com computador de bordo e câmbio semi-automático. Conforme Costa, as usinas paulistas têm comprovado os bons resultados proporcionados pelos modelos referidos, inclusive auxiliando no processo de nacionalização, para atendimento à demanda. “Essas máquinas representam o que há de mais moderno em tecnologia agregada e têm se constituído na



A Granja

tendência de aquisição daqueles que procuram um trator com avançado desempenho”, afirma.

Que a escolha do trator depende do tipo de atividade desenvolvida pelo produtor rural, ou seja, da sua aplicação no campo, não resta dúvida. “Foi-se o tempo em que se ganhava dinheiro utilizando mais os braços do que a cabeça”, afirma Carlos Andersson. Segundo o técnico da UFPel, o produtor que deseja permanecer na atividade que desenvolve, mantendo boa margem de lucro, deve estar atento às melhorias tecnológicas a todo momento introduzidas na maquinaria agrícola. Ressalta, no entanto, que não basta adquirir um trator novo e moderno. “Deve haver, isto sim, uma incansável busca pela melhor utilização do equipamento, para que renda ao máximo”.

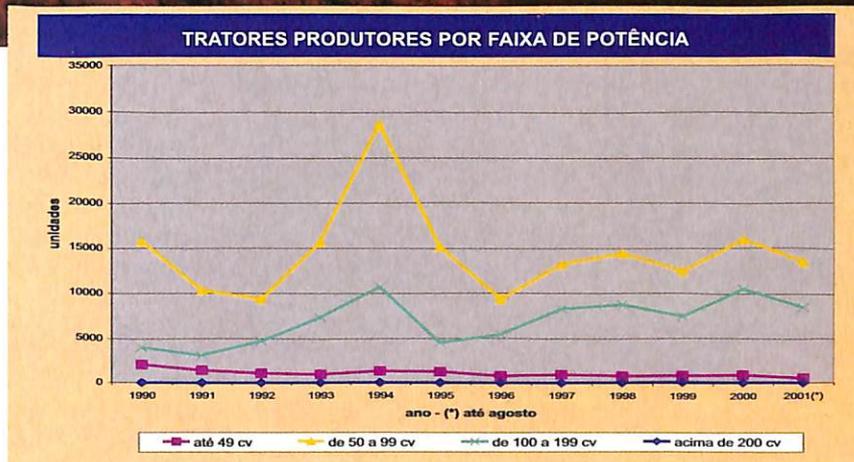
Os fabricantes do ramo têm mostrado muito empenho em seduzir agricultores com tecnologias de ponta que fazem a diferença na decisão da compra, embora muitos dos benefícios alegados não possam ser visualizados no momento de fechar o negócio. Precisam ser com-

provados é no campo. De acordo com Andersson, o trator deve atender na medida exata às exigências dos produtores: uma máquina de custo razoável, dotada de alta versatilidade, em condições de acoplar os mais diferentes tipos de implementos. “Seu projeto deve incluir conforto, ampla visibilidade, fácil manobrabilidade e grande resistência”, aponta.

O consultor em mecanização e professor da Universidade de Brasília (UNB), Luiz Vicente Gentil, informa que há muitas novidades à disposição

dos produtores, em termos de redução de custos na operação do trator. “O agricultor agora se convence de que máquina barata é sempre dor de cabeça”, diz. Entre o que há de mais moderno ao alcance do produtor estão os tratores cabinados, com reserva de torque, transmissão hidrostática, pneus de alta flutuação, comando tipo *joystick*, tomada de potência múltipla, computador de bordo, console lateral informatizado e motor ecológico. Com muito conforto e completa segurança.

Pesquisa — De olho na exigência



TRATORES

dos produtores por tratores altamente versáteis, com ótima relação custo x benefício e capazes de executar múltiplas tarefas, as empresas investem pesado na pesquisa e no lançamento de tecnologias para serem disponibilizadas nas máquinas, conforme as necessidades dos seus clientes. Na opinião do gerente de produto e mercado da John Deere, José Luís Coelho, a exigência por tecnologia está muito associada à performance das máquinas: motores de menor consumo e maior eficiência, transmissões com adequado escalonamento de marchas, sistemas hidráulicos de alta vazão, segurança e conforto operacional, cabines climatizadas com baixo nível de ruído e vibrações, assentos e comandos ergonomicamente posicionados, e monitores de performance. “Todas as novidades têm como objetivo o aumento da produtividade e do conforto, assim como segurança operacional”, salienta Coelho.

Embora em termos de volume os tratores mais vendidos estejam na faixa de 75 a 100 cv, Coelho afirma que o aumento da potência é uma tendência na produção de quase todas as culturas, especialmente no caso de grãos. “Isso ocorre porque o agricultor, que busca



Costa, da Valtra: a tendência vem sendo o uso de máquinas de maior potência



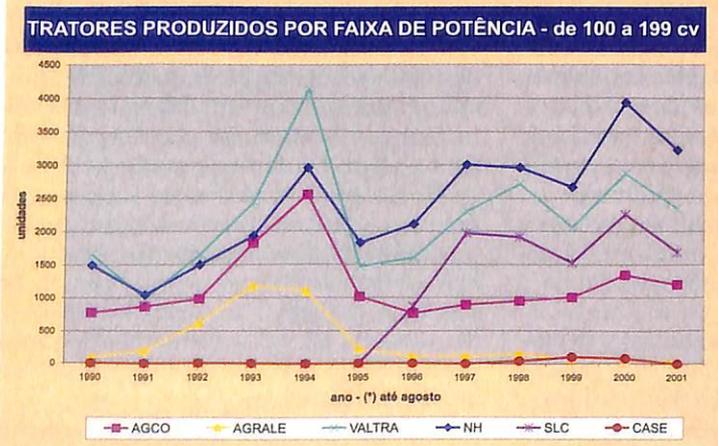
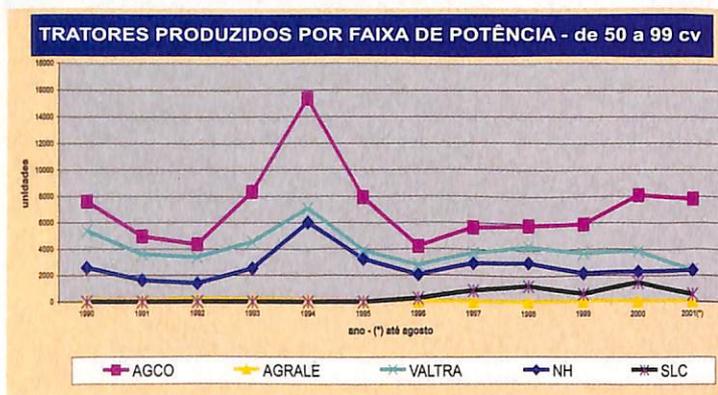
Coelho, da John Deere: a exigência por tecnologia está muito associada à performance

Fotos: Divulgação

maior produtividade, muitas vezes tem que conciliar mais de uma operação em cada passada do trator na lavoura”, afirma. Conforme o gerente da John Deere, os componentes que hoje são realidade nos tratores mais modernos permitem ao operador apenas ‘guiar’ a máquina. “Os sistemas hidráulicos computadorizados são capazes de memorizar várias funções de regulação simultaneamente”, salienta.

sobre chassi, o que os tornam mais robustos e, conseqüentemente, menos sujeitos a paradas e quebras”, salienta Coelho.

Indispensável — Para muitos produtores brasileiros, o conforto deixou de ser um luxo para se transformar em um item indispensável para melhorar a produtividade agrícola. Um trator cabinado, além de confortável, trabalha maior número de horas com menor número de paradas. “O produtor já percebeu que cabine é sinônimo não só de conforto, mas também de praticidade, desempenho e produtividade”, destaca o diretor comercial da New Holland no Brasil, Francesco Pallaro. Na John Deere, o segmento acima de 120 cv de tratores cabinados já responde por mais de 65% das vendas da empresa. A expectativa, na opinião de José Luís Coelho, é de aumento significativo da participação no segmento de 100 cv. “No caso dos tratores menores isso ainda não ocorre, pois proporcionalmente o valor percentual de uma cabine em relação ao trator ainda é bem maior do que num trator com potência superior”, afirma. De acordo com Coelho, a presença da cabine pode aumentar a performance do trabalho em até 20%. Para a Massey Ferguson, empresa com participação de 34,1% no mercado brasileiro, o indicativo de demanda por tratores cabinados é crescente, mas ainda se restringe a determinados nichos de mercado: Centro-Oeste, para tratores de alta potência; no Sul, para produtores que costumam pessoalmente operar o trator; e o setor sucroalcooleiro, em função das jornadas diárias triplas, assim como ocorre nas





Pallaro, da New Holland: o conforto se transformou em um item indispensável

Divulgação

grandes lavouras de arroz do Sul.

Conforto — Outros itens, no entanto, já estão no mercado e vêm facilitando o trabalho do homem do campo. As empresas, cada vez mais, estão investindo no planejamento ergonômico dos componentes dos tratores. Incluem-se, aí, os bancos (assento e encosto), a vi-

sibilidade da cabine e até mesmo a altura dos pedais e a posição dos botões e teclas de acionamento, que influenciam diretamente no resultado final do trabalho. “Comandos e alavancas de fácil operação tornam mais confortável o trabalho do operador, agilizam a atividade e evitam quebras ou problemas causados pela má condução da máquina”, afirma Francesco Pallaro, da New Holland. Dentro dessa proposta, no caso da New Holland, o Lift-O-Matic (sistema hidráulico) e a transmissão sincronizada se tornaram itens obrigatórios em todos os tratores. “Outro recurso muito bem aceito pelos produtores é o sistema de transmissão Range Command, em que as marchas podem ser trocadas durante qualquer operação, mesmo em movimento”, explica Pallaro.

A linha TM, da New Holland, é exemplo de que a tecnologia caminha ao lado da produtividade e do conforto. A alavanca de câmbio, tipo *joystick*, é ajustável, para adaptar-se ao operador. Permite a programação de velocidades e o

acionamento do modo automático de transmissão (para deslocamento em estradas). Uma segunda alavanca, à esquerda do volante, possibilita inverter o sentido de direção do trator sem o uso da embreagem. O sistema hidráulico desses modelos é mais um exemplo de avanço tecnológico. O engate de três pontos vem equipado com sistema de controle eletrônico de flutuação, com botões de controle de esforços, de sensibilidade de tração, controle de velocidade de descida e uma posição de bloqueio, para o controle eletrônico do transporte. “Isso tudo facilita a operação e diminui o desgaste do trator e do operador”, revela Pallaro.

A Agrale, seguindo o conceito de que para cada exploração agrícola existe um trator ideal, disponibiliza tecnologia nos seus tratores de até 48 cv. São máquinas adequadas ao trabalho de pequenos produtores rurais voltados à horticultura, à viticultura e à fruticultura, por exemplo. “No segmento em que atuamos com maior ênfase, o agricultor exige tratores de pequeno porte,

ESTE PNEU
É UM TRATOR.

A MAIS COMPLETA LINHA DE PNEUS AGRÍCOLAS AGORA COM 7 ANOS DE GARANTIA.

Os pneus de tração diagonais e radiais para uso agrícola da Goodyear têm tudo que o homem do campo procura para colher as melhores safras e os melhores frutos. Quem procura resistência, durabilidade e a mais avançada tecnologia já sabe muito bem onde encontrar. Os pneus agrícolas Goodyear têm tração superior, maior poder de autolimpeza, melhor dirigibilidade e conforto para o operador e a tranquilidade de uma assistência técnica sempre presente no campo, assegurando um resultado perfeito em qualquer tipo de solo e de equipamento. Por isso, peça sempre Goodyear, a melhor safra de pneus agrícolas.



GOODYEAR

TRATORES



Rigoni, da Agrale: a empresa desenvolve máquinas direcionadas aos pequenos produtores



Piltcher, da AGCO: os tratores se ajustam tanto à pequena quanto à grande propriedade



Eckert, da Case IH: a tecnologia oferecida apresenta uma boa relação custo x benefício

Fotos: Divulgação

compactados”, afirma Silvio Rigoni, gerente de vendas de tratores da Agrale. Destaca ainda como exigência dos produtores desse segmento as máquinas com tração 4x4, com baixo custo operacional e baixo consumo de combustível. O modelo 4100.4, com potência de 14,7 cv e tração 4x4, é um dos que apresenta custo operacional baixo e consome, em média, um litro de diesel por hora trabalhada. Além de suas dimensões reduzidas, o trator utiliza direção hidrostática, o que torna sua condução mais leve.

Na Massey Ferguson, os componentes que vão facilitar a vida do operador são parte integrante do trator básico, como freios e comandos hidráulicos. Os modelos básicos da Massey Ferguson são utilizados em diversos tipos de operações, como plantio direto, pulverização, transporte, preparo do solo e cultivo. “Esses tratores se ajustam tanto à pequena propriedade quanto às de grandes dimensões”, afirma Fábio Piltcher, gerente de *marketing* e comunicações da AGCO. Os tratores básicos da Massey Ferguson podem ser de simples tração (4x2) ou com tração auxiliar (4x4) e a potência varia de 65 a 105 cv. “Os tratores mais procurados são aqueles que conseguem atender às necessidades operacionais do produtor e oferecem confiabilidade com baixo custo de manutenção, assim como simplicidade na operação e assistência técnica eficiente e presente no campo”, salienta Piltcher.

Exigências — Não há como negar o crescimento do interesse dos produtores brasileiros pela tecnologia. Mas, segundo Piltcher, essa exigência é por uma tecnologia útil, adequada às necessidades específicas, o que significa tratores equipados com motores econômicos, de baixo consumo e fácil manutenção. “A redução do custo de operação de um trator está ligada diretamente à evolução tecnológica do equipamento, mas essa evolução muitas vezes não é percebida visualmente”, destaca Astor Kilpp, analista de *marketing* da AGCO. De acordo com ele, o motor é um desses itens, apresentando maior eficiência na queima do combustível; e os novos sistemas hidráulicos, que unificam o lubrificante e atendem às exigências operacionais de novos implementos agrícolas que surgiram no mercado”, constata Kilpp.

Para o diretor nacional de vendas da Case IH, Carlito Eckert, itens como transmissões mais eficientes, que resultem em aumento do tempo de trabalho, motores com alta reserva de torque e eficiência no consumo de combustível, sistema hidráulico com alta vazão (mais de 1000L/min) e eixo traseiro duplado, são as principais novidades que estão sendo efetivamente requisitadas pelos produtores rurais. A empresa, que no segmento de tratores de alta potência (mais de 190 cv) possui 70% de participação no mercado nacional, tem a linha Magnum como a campeã de vendas, em função da tecnologia de ponta

oferecida e por apresentar uma boa relação custo x benefício.

Todos os tratores da Case IH são equipados com as modernas transmissões Full powershift, que permite ao operador trocar de marchas sem a necessidade de usar a embreagem, sistema hidráulico avançado (que possibilita trabalhar com todos os implementos oferecidos no mercado nacional), motores emissionados, eixos passantes com ajuste milimétrico da bitola (que permite trabalhar com pneus duplados no eixo traseiro, reduzindo a compactação de solos e aumentando a força de tração) e cabines com ar condicionado. “A Case IH é a única empresa de tratores onde a cabine com ar condicionado é equipamento *standard* em todos os modelos. Essa tecnologia aumenta a eficiência no trabalho e resulta, no final do dia, em mais hectares trabalhados”, destaca Eckert. Dependendo da atividade agrícola, a cabine torna-se quase obrigatória. De acordo com Cláudio Costa, da Valtra, a quantidade de tratores cabinados montados este ano dobrou, em relação ao ano passado. O maior aumento ocorreu na linha pesada, com o modelo BH 180 4x4 com 180 cv, para o setor sucroalcooleiro. “Como nesse setor as condições de trabalho são muito adversas, uma cabine faz muita diferença para o conforto operacional do tratorista”, diz. ■

Tratores John Deere. A melhor tecnologia do mundo em suas mãos.

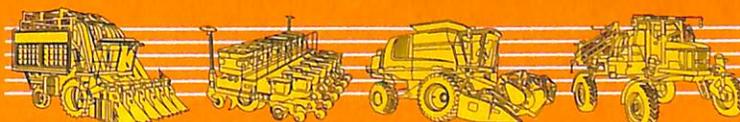
ESCALA



A John Deere revolucionou o mercado de tratores agrícolas. Os modelos 6300, 6600, 7500 e 7810 usam tecnologia avançada para garantir a máxima produtividade e durabilidade com conforto e segurança. Equipados com motores John Deere turbinados, garantem alta eficiência e menor custo de manutenção. Se você quer sua lavoura mais lucrativa, compre logo o seu trator John Deere.



**Sistemas
Mecanizados
John Deere**



Tratores



JOHN DEERE

w w w . j o h n d e e r e . c o m . b r

A menina dos olhos do **AGRICULTOR**

Software, hardware, megabytes.

Hoje, mais do que nunca, o vocabulário de informática se mistura ao palavreado do produtor e já é realidade no campo

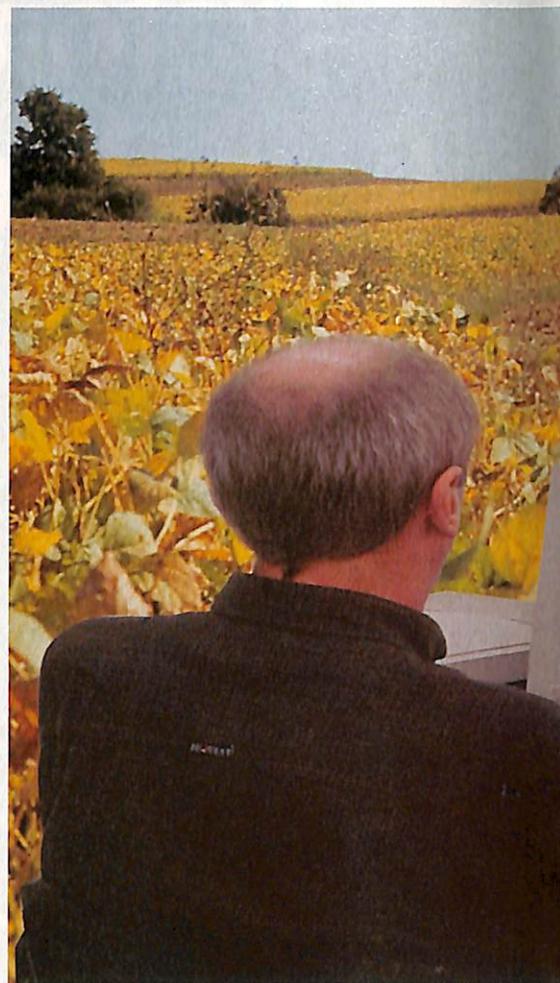
Ana Esteves

Há dois anos, o agricultor Fausto Pires, de Alegrete/RS, cumpria sempre a mesma rotina: caneta e caderninho na mão, para verificar os custos e o orçamento da propriedade de 1.500 hectares. O ritual, repetido mês a mês, além de demandar muito tempo, trabalhava com uma margem de erro muito alta, chegando a cerca de 10% ao ano. Hoje, a realidade é outra: o pecuarista e orizicultor, proprietário de 1.300 cabeças de gado e 150 ha de arroz, está com a sede da fazenda totalmente informatizada e tem ao seu alcance *softwares* de última geração, desenvolvidos especialmente para ele. “O método da caneta era trabalhoso, com o computador ficou muito mais fácil. Agora opero programas específicos para cada área de atuação, que trazem mais detalhes sobre a minha produção. Na pecuária, por exemplo, tenho todas as matrizes registradas no computador, pai, mãe, filhos, toda a seleção do gado da fazenda e todas as características de cada animal. Antes, tinha que me deslocar até a mangueira para checar”, revela Pires.

Segundo ele, a introdução da informática no seu dia-a-dia também trouxe muitas facilidades na lida com a lavoura de arroz, através de um programa para verificação de custos e orçamento. “A informatização me garante maior agilidade na organização, através da verificação de custos da lavoura, produção de arroz e custos com mão-de-obra. Além disso, me auxilia no orçamento anual, prevendo gastos para a safra seguinte e, assim, permitindo uma

melhor programação”. O agricultor gaúcho afirma inclusive que a informática tem ajudado a incrementar a produção, principalmente em função da economia.

Frente a tantas vantagens, fica explicado por que, aos poucos, a informática está se tornando a menina dos olhos dos agricultores. Segundo um levantamento da Confederação Nacional dos Agricultores (CNA), divulgado no ano passado, 17% dos produtores rurais brasileiros possuem computador em casa, na cidade ou na fazenda, e 25% estão interligados à Internet. “A adesão dos produtores agrícolas à informática está crescendo vertiginosamente em todas as regiões do Brasil. Não importa o nível cultural ou mesmo o tamanho da lavoura”, informa a analista de sistemas e gerente-geral da DMC Informática, de Cuiabá/MT, Cristina Cabral. De acordo com ela, um número cada vez maior de produtores se dá conta que é preciso evoluir, transformando a fazenda em uma empresa com todos os controles inerentes. “Eles querem saber como anda o dia-a-dia da lavoura, para poder tomar decisões corretivas oportunas e, com isso, garantir a maior rentabilidade possível do seu empreendimento”, acrescenta Cristina. Conforme a especialista, com a atual dança frenética dos números – cotação do dólar, bolsa de valores, cotação dos produtos e preços do maquinário e dos insumos – o empresário agrícola que não se mantiver informado sobre tudo o que acontece em sua propriedade, com toda a certeza terá dificuldades em avaliar se a sua



produção deu lucro ou prejuízo e se a produtividade alcançada foi além ou ficou aquém do esperado. Pior, não terá meios de saber com exatidão o custo de sua unidade de produção (saca, fardo, etc.), ficando dessa forma sem elementos palpáveis para verificar se o preço de venda lhe foi favorável ou não. “Os agricultores em geral estão conscientes disso e a informática deixou de ser ‘coisa da cidade’ para se tornar uma valiosa ferramenta para auxiliá-los a deixar de ser simples produtores e assumirem de vez o papel de empresários rurais”.

Para Marcelo Lima, zootecnista e proprietário da Agro-Info, Informática Rural, de Botucatu/SP, a necessidade de um controle meticuloso sobre todas as fases da administração e operação das unidades produtivas tem acelerado o processo de convencimento dos agricultores sobre a importância de informatizar a propriedade rural para otimizar seus negócios. “É um investimento que, sem dúvida, ajuda a garantir melhores índices de lucratividade e produtividade”, declara. De acordo com Marcelo, a informática já marca forte presença



Antônio Sanchez

em praticamente todos os segmentos do *agribusiness*. “O primeiro setor focado foi o administrativo e, hoje, o que mais preocupa e demanda tempo do produtor é o controle de produção. Atualmente, se busca muito mais a lucratividade do negócio do que metas de produção, o que faz da informação o caminho certo para o sucesso do empreendimento. Nesse sentido, a informática viabiliza uma análise e um gerenciamento mais correto e eficiente”, analisa.

Para o diretor de desenvolvimento de negócios da Planejar Processamento de Dados, de Canoas/RS, Leandro Ries, os agricultores estão com as margens de lucro cada vez mais estreitas, precisando tomar decisões baseadas em informações corretas e reais. “Esse é o grande benefício da informática: informação atualizada, com base de comparação de vários anos/safra. E com credibilidade!”, afirma.

Vantagens — Mas os benefícios não param por aí. Cristina Cabral afirma que a informática é um poderoso recurso a ser aplicado em todas as fases da lavoura. “Quando bem utilizada, é

de grande valia em todas as atividades: desde o preparo do solo até a entrega da produção, passando pelo plantio, tratamentos culturais e colheita”. Conforme Cristina, a DMC desenvolve programas para computador através dos quais é possível controlar desde doenças e pragas até o nível pluviométrico, a oficina mecânica, o consumo médio de combustível por equipamento, a depreciação das máquinas, peças em tempo de manutenção, estoques, custo e produtividade, sem esquecer do controle da qualidade de produção e dos contratos de fornecimento.

Segundo ela, o *software* ideal é aquele capaz de, ao final de cada safra, gerar históricos automáticos que possibilitem ao produtor plenas condições de acompanhar e comparar safra a safra. “Por que razões a produtividade caiu (ou cresceu) este ano, em relação às safras anteriores? E a sua rentabilidade, por que variou tanto? Como se comportou a qualificação do solo, a partir da aplicação dos insumos? Quais as variedades, desta ou daquela cultura, que obtiveram melhores resultados nesta safra e nas passadas? Essas – e tantas outras – perguntas podem ser respondidas com o auxílio do computador”, diz.

Na opinião do diretor da Planejar, Leandro Ries, a informática é decisiva principalmente na organização das informações relativas a manejo e elaboração de custos de produção. “Qualquer dessas atividades, se executadas manualmente, exigem um longo trabalho e, mesmo assim, não está afastada a possibilidade de obter-se dados incorretos, de pouca credibilidade”, comenta. A Planejar oferece *softwares* que permitem a realização do cálculo dos custos de produção para qualquer tipo de propriedade e produção rural, controle individual ou em lotes de animais em relação a manejo sanitário, nutricional, reprodutivo e genético. Também possibilita a realização dos controles de agro-indústria e orçamentos para as atividades de pecuária e agricultura.

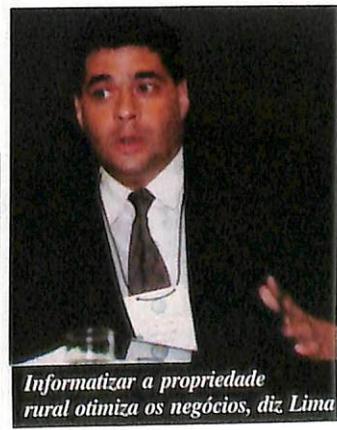
O analista de sistemas e diretor da Web Rural, de Alegrete/RS, Fernando Lopa, afirma que muitos produtores, principalmente os que produzem apenas uma cultura de pequenas extensões, alimentam a ilusão de que podem realizar todo o controle de sua atividade “no caderninho”. “Eles não deixam de ter razão, porém a utilização do computa-



Pires substituiu o antigo caderninho pelo computador



Para Cristina, a adesão dos agricultores está crescendo



Informatizar a propriedade rural otimiza os negócios, diz Lima

Fotos: Divulgação

dor, com programas que atendam às necessidades da sua produção agropecuária, traz enormes benefícios”. Entre os benefícios, ele sublinha a maior rapidez na execução de simulações para diversas produtividades, custos de produção, valores de comercialização e fluxo de caixa, permitindo antever cenários e, então, tomar decisões mais seguras no presente, diminuindo os riscos inerentes à atividade. E vai além: “O menor distanciamento entre produtor e o computador virá, com certeza, ajudá-lo no domínio da nova tecnologia que, a médio prazo, se apresenta como uma revolução na produtividade e na redução de custos das lavouras: a agricultura de precisão”.

Outra vantagem, segundo Lopa, é a possibilidade de obter um maior controle das etapas produtivas, proporcionando uma melhor visualização dos problemas que muitas vezes acarretam aumento nos custos envolvidos, facilitando assim as correções necessárias. Ele aponta ainda a facilidade de armazenar-se muitas informações em um só local, com rápido acesso, permitindo um maior controle das atividades. Salienta, também o melhor planejamento e o acompanhamento do que foi planejado com o que está sendo realizado. “Em relação aos produtores que possuem grandes propriedades, várias lavouras ou que integram a agricultura com outra atividade, como a pecuária, é indispensável a utilização da informática para o controle de suas atividades, para garantir a sobrevivência num mercado cada vez mais competitivo”.

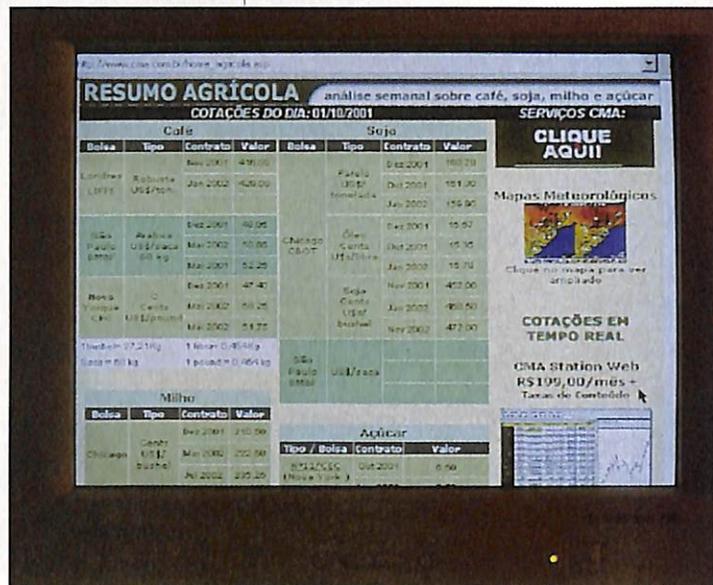
Lopa adianta que, ainda neste mês, sua empresa estará lançando uma ferramenta de gerenciamento de atividades agrícolas e pecuárias via Internet. “Os produtores poderão lançar informações de suas propriedades em um banco de dados seguro, que poderá ser acessado pelo gerente, ou profissional que assiste a propriedade, obtendo relatórios gerenciais, numa linguagem de fácil compreensão e com baixo custo para utilização”, explica. O analista de sistemas lista uma série de fatores que podem estar influenciando

na adoção da informática. “Um maior número de produtores está tendo acesso aos canais da mídia, como TV, rádios e revistas, que a todo o momento evidenciam os bons resultados alcançados pelos produtores e profissionais da área que informatizaram suas propriedades”. Ele cita ainda a questão do “status” de ser proprietário de um computador. “Por incrível que pareça, está sendo um forte fator de aumento de demanda, pois,

além do componente de *marketing*, muitos produtores acham que, se adquirirem uma máquina, se modernizarão e resolverão problemas de administração e gerenciamento do seu negócio”, justifica.

Outra importante vantagem da informática é a sua utilização nas unidades de gestão administrativa. Marcelo Lima, da Agro Info, diz que, na empresa rural, os recursos de informática são aplicados no departamento de recursos humanos, contabilidade, controle financeiro (como contas a pagas e receber), fluxo de caixa e vendas, além da área de gestão de etapas de produção. Lima destaca que, entre os programas desenvolvidos pela sua empresa, está o sistema para gerenciamento de atividades avícolas. “Temos agora o mais recente sistema da Agro Info, batizado de Sistema Frango, para gerenciamento da produção de frangos, perus e frangos caipiras”.

Cautela — Apesar das inúmeras vantagens, vários agricultores ainda ficam “com o pé atrás” na hora de optar pela informatização da propriedade. Fernando Lopa afirma que a desconfiança do produtor em relação ao retorno financeiro dos recursos de informática tem colaborado para frear a migração dos computadores para o campo. “Também é possível afirmar que muitos agricultores e profissionais da

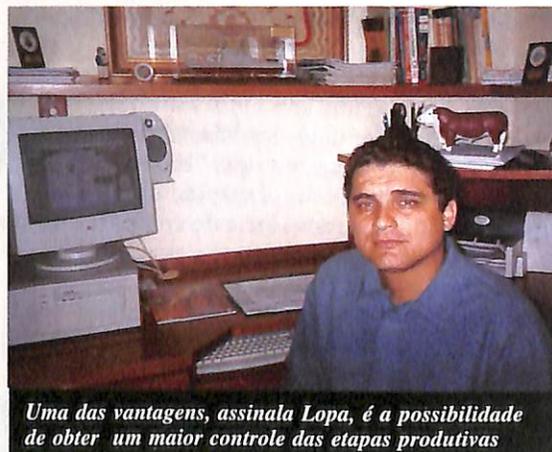


A Gracjia

área técnica, como agrônomos, zootecnistas e veterinários, embora convencidos da importância da informatização, ainda se encontram despreparados para manusear o computador e seus programas, ou mesmo analisar os resultados obtidos com a utilização dos mesmos. Como consequência, não alcançam os resultados esperados, o que causa frustração”, analisa. O especialista acrescenta ainda que, devido à necessidade de gerar receitas compatíveis com o custo de desenvolvimento de



Na opinião de Ries, o produtor precisa tomar decisões baseadas em informações corretas e reais



Uma das vantagens, assinala Lopa, é a possibilidade de obter um maior controle das etapas produtivas

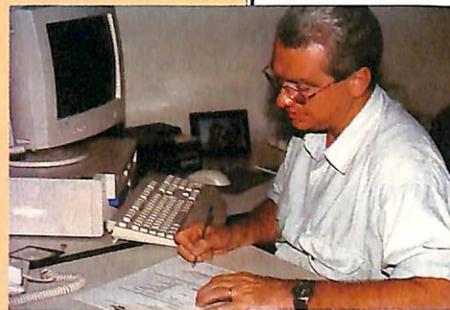
Fotos: Divulgação

A família de softwares Embrapa

Lactus. Custagri. Proleite. São alguns dos softwares para gerenciamento de propriedades rurais, oferecidos e desenvolvidos pela Embrapa Informática Agropecuária, com sede em Campinas/SP. De acordo com José Gilberto Jardine (na foto), chefe-geral da entidade, a alta competitividade que se verifica no negócio agrícola determina que o produtor rural, cada vez mais, dê ao seu negócio um caráter empresarial, adquirindo informações precisas e organizadas. "A informática é uma arma estratégica para o aumento da competitividade e produtividade das propriedades agrícolas isoladas e do sistema agrícola como um todo. Os produtores rurais têm percebido a utilidade da informática na geração, armazenamento e processamentos de dados, exercendo forte influência em suas tomadas de decisão", ressalta.

Conforme Jardine, esses elementos resultam em redução de custos na obtenção da informação e aumento dos lucros. "Os computadores tornam-se cada vez mais acessíveis, com preços cada vez menores, transformando-se em recursos indispensáveis às pequenas e médias propriedades". Para Jardine, o interesse dos agricultores pela informática é bastante recente. "Teve início nos últimos dez anos, aqui no Brasil". Um dos destaques da família de softwares da Embrapa é o Custagri, que permite estimar custos de uso de máquinas agrícolas e custos de produção na agropecuária, na forma de tabelas e gráficos, fornecendo inúmeras informações para uma decisão mais embasada dos produtores. "Com o Custagri, se avalia cada decisão,

de acordo com a atividade, o tipo de máquina, o processo produtivo (tecnologia), se analisa talhão individualmente, preços de insumos, mão-de-obra e expectativas de preços de venda e de rentabilidade", explica Jardine. O sistema, desenvolvido em parceria com o Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, foi criado para simplificar as análises de custos, rentabilidade e de eficiência da maquinaria. Além disso, a Embrapa colocou à disposição dos agricultores brasileiros o Lactus, um programa para gerenciamento de fazendas de criação de gado e o Proleite, um sistema para a organização das informações de desempenho produtivo e reprodutivo de animais de rebanhos leiteiros. "Temos ainda o Pdam, sistema de suporte à elaboração de planos diretores agrícolas municipais, e o Infolab, para automação de atividades executadas em diversos tipos de laboratórios, o qual faz parte dos softwares desenvolvidos para atender às demandas da pesquisa", declara Jardine. Ele destaca ainda o Diagnose Virtual, um sistema interativo de consultas on-line, para diagnóstico virtual de doenças do milho. "Com ele, o usuário identifica o problema da planta e seu agente causador, recebendo orientação sobre a forma de controle mais indicada para a doença identificada na cultura".



Divulgação

softwares, muitas empresas estão criando programas multifuncionais, que abrangem diversas atividades da propriedade ou exigem muitos controles, ou uma coleta de dados muito complexa, o que inibe os agricultores que dominam pouco os instrumentos da informática.

Marcelo Lima concorda com o diretor da Web Rural e declara que, apesar de conhecerem cada vez mais os recursos e a eficiência dos métodos informatizados, os produtores ainda ingressam muito timidamente no campo das novas tecnologias. "Trata-se de uma compreensível posição de cautela em relação às soluções inovadoras. Todos nós, no passado, tivemos receio das fórmulas mágicas. Hoje, contudo, há condições de afirmar que a adoção de sistemas informatizados – ou robóticos – não representa qualquer risco para a empresa", aponta.

Cristina Cabral, da DMC Informática, identifica um problema: "É mais fácil um produtor agrícola conhecer informática do que um analista de sistemas, voltado para a área mercantil, de serviços ou financeira, conhecer a agricultura, a ponto de desenvolver um sistema que atenda plenamente às necessidades do produtor sem criar burocracia". Segundo ela, o agricultor tem tido dificuldade de encontrar sistemas que "falem a sua linguagem" e atendam realmente às suas carências, sem ter que reformular totalmente as atividades da fazenda. ■

Leia na edição de dezembro da revista

■ **As perspectivas para a cultura da CANA-DE-AÇÚCAR**

■ **A invasão das pick-ups, caminhonetes & jeeps**

O BRASIL AGRÍCOLA
www.agranja.com
agranja

Os CRAQUES DO TRIGO e seus segredos

Triticultores de peso revelam suas principais fórmulas para manter o reconhecimento alcançado, graças à dedicação, tecnologia e eficiência

Ana Esteves

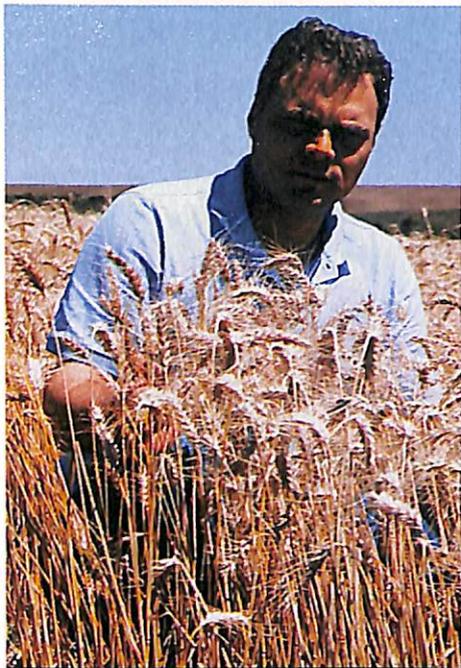
Ultimamente, as notícias referentes à situação do setor tritícola brasileiro não têm sido muito animadoras. Mesmo com a previsão de uma safra de 2,8 milhões de toneladas (um milhão a mais do que no ano passado), o Brasil ainda é considerado o maior importador de trigo do mundo. A justificativa para essa incômoda liderança se deve em grande parte à falta de trigo em nosso país, para suprir a demanda interna, e à qualidade do cereal, muitas vezes sem as especificações necessárias para atender o produto final.

Ainda assim, contamos com triticultores que esbanjam otimismo e acreditam na possibilidade de o País inverter essa situação e se tornar auto-suficiente na cultura. É justamente por confiar na força do cereal que esse seleto grupo de produtores chegou ao nível onde se encontra.

Hoje, são considerados os maiores craques do trigo brasileiro. Eles, que sempre acreditaram e buscaram o sucesso, revelam aqui as táticas para entrar no jogo e vencer.

“O segredo para alguém se tornar um grande triticultor é deixar de ser apenas agricultor e se transformar num empresário do *agribusiness*”, ensina o triticultor Ivo Arnt Filho, que possui 1.200 hectares cultivados no município de Tibagi/PR. De acordo com ele, hoje é preciso identificar qual a necessidade específica de cada moinho, ou seja, se o trigo é para produzir massa, pão ou bolacha, e atendê-la. No Paraná, é muito comum os produtores firmarem contratos com os moinhos, onde são definidos parâmetros de qualidade para o cultivo, com oferecimento de garantia de compra da colheita. “Hoje sei exatamente para qual empresa vai a farinha feita com os grãos que entreguei e que tipo de trigo é necessário produzir. A parceria com os





Para Arnt Filho, de Tibagi/PR, o segredo é se transformar num empresário do agribusiness

compradores é fundamental”, argumenta. Segundo Ivo, a sua veia empresarial garantiu, por exemplo, que toda a produção colhida recentemente já estivesse vendida. “Não precisamos especular com os moinhos. Já acertamos os preços e a data de pagamento. Plantamos com o trigo vendido”, revela.

Arnt Filho, que há 10 anos administra o Grupo Paica, de propriedade de sua família, conta que na última safra a produtividade média ficou na faixa dos

3.600 kg/ha. “Para chegar a esse patamar, invisto muito no plantio, com altas taxas de adubação. O tratamento fitossanitário é feito de maneira preventiva, ou seja, aplicamos o defensivo antes que a doença se instale. Além disso, sempre procuro sementes de boa procedência. Investindo bem no trigo, o retorno é garantido”, declara. Prova disso é que, para a próxima safra, ele prevê um aumento de área cultivada em torno de 20 a 25%. O agricultor, de 39 anos, administra a propriedade comprada pela avó em 1921. “A fazenda tem um total de 4.500 hectares, onde cultivamos, além do trigo, lavouras de soja feijão, milho e aveia. Parte da área destinamos à pecuária. Outros 1000 ha são ocupados com uma reserva ecológica, a Itáytyba, onde está localizado o sexto maior *canyon* do mundo, o Guartelá”, conta Arnt Filho. Segundo ele, todas as atividades são divididas entre a família. “Meu pai cuida da pecuária, minha mãe da parte financeira e minha irmã da reserva ecológica. Também há 80 funcionários que trabalham no grupo, entre técnicos e engenheiros agrônomos”, detalha.

Distante 400 quilômetros de Tibagi, no município de Palotina, também no Paraná, está localizada a propriedade de outro campeão do trigo: o agricultor Ivo Riedi, de 53 anos. Para ele, não existe mistério para obter sucesso, é só acredi-

tar naquilo que se faz. “É preciso administrar bem e investir alto em tecnologia, com insumos de primeira linha, sem se preocupar com o preço, pois tudo o que é investido reverte positivamente”, afirma. Riedi, que administra a empresa Iriedi Cia Ltda, produtora de sementes e grãos de trigo, cultiva um total de 1.200 hectares do cereal, sendo 1.000 no Paraná e 200 em Brasília, numa propriedade localizada na fronteira com o estado de Goiás. “Neste ano a produtividade média da safra que acabamos de colher foi de 2.230 kg/ha aqui em Palotina e de 5.400 kg/ha em Brasília, onde planto trigo irrigado, com uma produção total de 2.100 toneladas nos dois estados”, revela. A previsão para a próxima safra é de um incremento na produtividade, o que, segundo ele, depende muito do clima. “Em 2002 esperamos ter mais sementes à disposição, pois com a geada de 2000 perdemos variedades boas e não conseguimos plantar grandes áreas”, diz. Ele conta que começou a plantar trigo em 1974, num período em que a cultura era mais rentável, devido à estatização. “Até 1990 o produto era subsidiado, mais interessante comercialmente do que a soja, mesmo a produtividade não sendo muito grande. Tínhamos preços mínimos de garantia, apoio de custeio e garantia de preço. Isso acabou ao assumir o governo Collor”, lamenta. Segundo ele, o se-



TECNOLOGIA EM EVOLUÇÃO



IMASA

PLANTIO DIRETO

CONSÓRCIO NACIONAL



O futuro da agricultura profissional.

Av. Davi José Martins, 884 - Ijuí - RS - Fone: (55) 3332-1000 - www.imasa.com.br

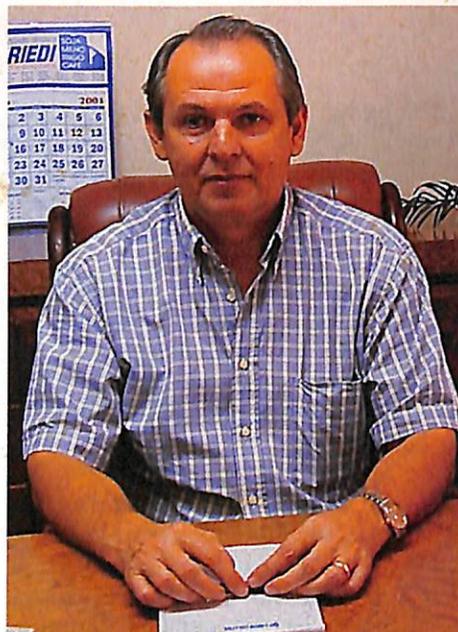
TRITICULTURA

tor tritícola ficou mais vulnerável ao produto argentino com a abertura do mercado e a entrada do Mercosul.

Já o triticultor Valdir Acatrolli, de Palmeira das Missões/RS, cultiva trigo 'desde que nasceu'. "Eu era guri em Colorado/RS, filho de pequenos agricultores e minha mãe me levava junto para a roça quando iam preparar a lavoura, plantar ou arrancar algum inço", recorda. Segundo ele, foi no final da década de 60 que a família começou a plantar em grande escala. "Foram anos excepcionais, a terra foi um pouso natural para a cultura, pois os campos só eram usados para a criação de gado. O trigo parecia que encontrava a terra em cio", complementa. Para explicar a fórmula do sucesso com a lavoura de trigo, Acatrolli faz uma analogia entre as mãos e o seu método de administrar a propriedade. "É preciso imaginar a administração da fazenda como uma mão: se você construir a empresa na proporção dos dedos, ou seja, puxando setores como planejamento estratégico, controle de custos, maquinários, terras e armazenagem, e tendo como a palma da mão a consciência humana e social, ela terá possibilidade de ser grande", ressalta.

O agricultor, que cultiva 2.500 hectares de trigo, afirma que, quando o clima ajuda, a produtividade média fica em torno dos 3.000 kg/ha, com uma produção de 7.500 toneladas. Mas, de acordo com ele, está difícil alcançar esses números, devido às condições meteorológicas desfavoráveis. "Já não faz tanto frio no inverno, nem tanto calor no verão, e as chuvas estão se transformando cada vez mais em pedras. Em razão das geadas ocorridas em setembro, fica difícil precisar números de produtividade", lamenta. A propriedade emprega 50 funcionários efetivos e mais 10 a 20 eventuais, dependendo da época do ano. "Dois engenheiros agrônomos prestam assistência na lavoura, os demais empregados trabalham no armazém e na granja", explica.

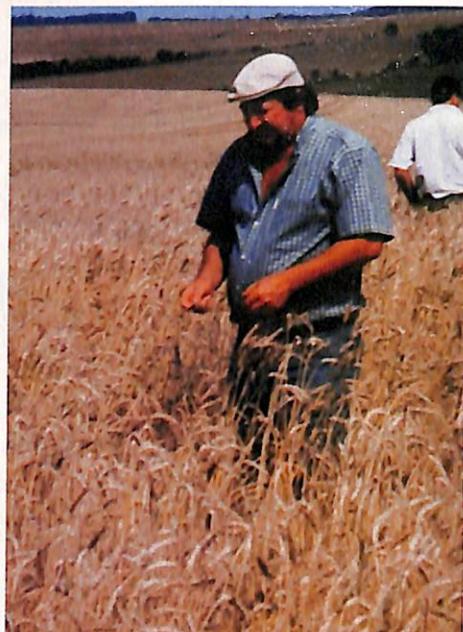
Tecnologia — A fórmula mágica para obter sucesso no cultivo de trigo é composta de inúmeros elementos, mas um deles é unânime entre todos os agricultores: tecnologia. "O mundo é uma constante evolução e quem pára fica para trás. Por isso, estamos sempre em busca das melhores tecnologias, pois elas existem para nos trazer maior precisão e eficiência. Quando falo em tecnologia, falo em pesquisa. Mesmo que um pouco esque-



Riedi administra uma área cultivada de 1.000 ha de trigo no Paraná e 200 ha em Brasília

cida pelo Governo, verificamos um esforço dos pesquisadores da Embrapa de Passo Fundo e da Fundacep de Cruz Alta, no RS, que mantêm viva a chama do trigo no Brasil", enfatiza Valdir Acatrolli. O agricultor Ivo Riedi concorda com Acatrolli e diz que os agricultores não têm outra alternativa a não ser acreditar na tecnologia. Além disso, destaca a importância de trabalhar terras bem corrigidas, com máquinas adequadas. "No caso do trigo, são indispensáveis as plantadeiras e os pulverizadores modernos", revela.

Virada — Mas, afinal de contas, é possível mesmo o Brasil deixar de ser o maior importador de trigo do mundo? O triticultor Arnt Filho acredita que sim. "Uma boa maneira é dar início a um processo de estímulo e reeducação dos agricultores. Eles precisam aprender a trabalhar como parceiros das indústrias para poder crescer", afirma. De acordo com ele, mercado para o trigo sempre existiu, mas para produto de qualidade e segregado. "Os moinhos importam porque, muitas vezes, o Brasil não tem boa qualidade industrial e apresenta sérias dificuldades de armazenagem", avalia. Porém, ele acredita que a situação está aos poucos mudando. "O número de moinhos está aumentando e a melhora na remuneração ajuda a corrigir esse quadro. Acredito que no futuro será possível nos tornarmos auto-suficientes na produção e, se tivermos qualidade, até mesmo exportar trigo", afirma. Arnt Filho acrescenta ainda o problema da competição do trigo com o milho safrinha, mais rentável, principalmente porque



Acatrolli, de Palmeira das Missões/RS: a busca pelas melhores tecnologias deve ser constante

com o trigo é preciso usar mais tecnologia. "Aqui na região, o pessoal costuma dizer 'quem faz conta, planta trigo', ou seja, só quem investe pode trabalhar na cultura e, aqui, 45% da área de inverno é coberta com trigo", salienta.

Ivo Riedi também demonstra grande otimismo e acredita que, para haver uma virada, o País precisa acreditar na força das pesquisas. "Agora temos mais incentivos para a pesquisa. Estamos passando por um momento de transição, quando trabalhamos com sementes mais resistentes, que colaboram para aumentar a produtividade e nos tornar mais competitivos". Na opinião dele, seria importante ainda a implantação de uma política agrícola especial para o trigo e para a agricultura como um todo. "Quando a produção nacional se visse prejudicada deveria haver um gatilho para proteção dos preços, pois sem isso perdemos em competitividade para o trigo argentino".

No que se refere aos problemas com a qualidade, Riedi é taxativo: "A qualidade do trigo brasileiro pode ser considerada igual ou superior a do argentino. O que o País precisa é realizar estudos técnicos para localizar os pontos propícios para plantar determinada variedade de trigo, de acordo com as necessidades das indústrias — o que nós chamamos de zoneamento". Arnt Filho concorda, afirmando que, se o produto nacional for devidamente segregado, poderá suplantá-lo o estrangeiro. "É preciso ter qualidade industrial, separar por variedade e qualidade, o que antigamente não era feito", destaca. ■

AS MAIS AVANÇADAS TECNOLOGIAS NO MAIOR EVENTO DA AGROPECUÁRIA BRASILEIRA

Show Rural

COOPAVEL

2002

4 a 8 de fevereiro de 2002

Centro Tecnológico Coopavel - CTC
BR 277, Km 577 - Cascavel - PR

Café brasileiro quer (re)conquistar o MUNDO

Governo federal e entidades privadas

fortalecem ações de marketing no exterior para divulgar o já famoso produto nacional e buscar a ampliação do mercado consumidor, como é o caso da China

Jussara Goyano

Mesmo tendo aumentado sua participação no mercado internacional para 30%, nos últimos anos o café brasileiro ainda vive o desafio de encontrar novos consumidores e conquistar nichos que exigem *blends* refinados e grandes campanhas de *marketing* do produto. As baixas cotações que assolam o setor cafeeiro, dado o excedente de produção existente no mundo todo e as reservas obtidas nos países que consomem café, têm sido um entrave. Porém, as exportações batem recordes a cada ano. É de se espantar que, com toda a tecnologia existente, além de um quadro de adensamento dos cafezais, ainda predomine a colheita manual do café em grão em São Paulo, estado que detém o maior volume financeiro proveniente dos negócios realizados com o produto (ainda que a mecanização dependa de outros fatores que não os recursos financeiros). A região torna-se também um importante sorvedor de mão-de-obra, reafirmando a importância também social do cultivo cafeeiro. Minas Gerais continua sendo o primeiro do *ranking* da produção nacional.

A queda de preços do café, no entanto, não é uma novidade, ainda que no primeiro semestre de 2001 a situação tenha chegado ao grau mais preocupante dos últimos tempos nesse aspecto. A verdade é que o produtor ainda não aprendeu a se proteger, na opinião de especialistas entrevistados aqui. No ano passado, muitos cafeicultores acreditaram que a colheita em 2000/01

fosse menor que os 24,5 milhões de sacas estimados na primeira previsão da Embrapa. Divulgadas as novas pesquisas, constatou-se que o volume colhido superaria os 31 milhões de sacas, adicionando sete milhões de sacas à safra e alterando radicalmente o quadro de escassez de café. Trabalhar com as próprias estimativas, segundo as técnicas utilizadas em cada fazenda, minimiza as perdas nas negociações com as sacas produzidas, pois permite um melhor planejamento da produtividade e do escoamento da produção. Dentro desse contexto, mudança e reestruturação do mercado mundial de café são a ordem do momento.

Produtividade e baixos preços — A realidade é desanimadora para o café no mundo todo, inclusive no Brasil, embora o produto nacional mantenha sua força e posição entre os principais exportados pelo País. As geadas esperadas para o inverno brasileiro este ano não passaram do âmbito das previsões e o déficit hídrico menor do que se esperava para este período sinalizou uma grande colheita de café em 2001/02, baixando o preço do produto devido à oferta demasiada. Diante desse quadro, ainda que as exportações brasileiras tenham ganho maior ritmo, os negócios mantêm-se “arrastados”.

Em julho, as cotações cafeeiras atingiram o patamar mais baixo nos últimos nove anos, segundo dados organizados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Agência Paulista de Tecnologia do Agronegócio (APTA), vin-



culada à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Os valores obtidos nas negociações oscilaram entre US\$ 53 e US\$ 56 cents/lb peso (em 1992, tivemos o mais baixo preço da história do café: US\$ 48 cents/lb peso). Os cafés finos abriram o mês cotados entre R\$ 127/sc e R\$ 130/sc, perdendo sustentação e declinando para R\$ 122/sc a R\$118/sc nas semanas subsequentes. O reconhecimento do padrão de qualidade dos cafés preparados pela via cereja descascada (CD) que, segundo Martin e Vegro, vale ressaltar, tem

garantido para o produto ágios de R\$ 15 a R\$ 20 por saca. Esse prêmio pode significar a parcela de lucro no ano, principalmente para os cafés colhidos de talhões em fase de baixa produtividade e, conseqüentemente, com maiores custos unitários. Para a produtividade de 40 sacas por hectare, o custo

unitário médio foi de R\$ 118,02 (praticamente empatando com o preço recebido pelos cafeicultores). A tecnologia de retirada do pergaminho do grão, que resulta no café cereja, é a mais indicada ainda, proporcionando os melhores valores recebidos pelos agricultores. Tendências se esboçam para todas as

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉ NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2001

Item	Valor (US\$ mil)			Quantidade (mil sacas)		
	2001	2000	Var. (%)	2001	2000	Var. (%)
Café em grão	588.137	805.327	-26,97	8.638	7.461	15,79
Café solúvel	94.365	90.072	4,77	1.101	826	33,30
Total	682.502	895.399	-23,78	8.639	8.287	16,53

Fonte: a partir de dados básicos da SECEX/MDIC, 2001



qualidades, com preços maiores para o princípio do mês e queda ao seu término. Sendo assim, a produção cafeeira nacional de café arábica sofreu um declínio de preço da ordem de 9,24%, enquanto o café robusta, em função de os países asiáticos ofertarem volumes crescentes, apresentou queda de 6,17% nas cotações em julho. No cenário mundial, nada muda: de janeiro a junho de 2001, os preços do café no mercado de futuro de Nova Iorque caíram 14,60% e, no período de julho de 2000 a junho de 2001, 34,23%. Essa situação é fruto do contínuo crescimento das exportações, dados o excedente de oferta disponível nos países produtores e os volumosos estoques formados nos países consumidores, explicam os pesquisadores Nelson Batista Martin e Celso Luis Rodrigues Vegro, do IEA, autores do estudo.

As exportações cafeeiras, no entanto, de acordo com os dados da pesquisa, cresceram 16,53% já no primeiro semestre deste ano, em relação ao ano passado. Não foi possível fugir, porém, da seguinte situação: o café foi o único dos mais importantes produtos do agronegócio brasileiro que apresentou redução na receita de exportação (-23,78%). A única novidade foi o café solúvel, cujo volume de exportação apresentou forte crescimento, compensando a perda de preço, com o aumento de 4,77% nas receitas em dólares.

Negócio da China — Com um pequeno mercado consumidor de café, a China utiliza apenas 300 mil sacas ao ano. Não demorou muito para que o Brasil enxergasse no fato a possibilidade de entrar sem concorrência nesse mercado em potencial. “O chinês não conhece café”, diz Juez Valle, diretor executivo da Agência Cooperativa Internacional Brasil-China (ACIBRAC),



Martin: redução na receita de exportação foi de 23,78%



Vegro: volume embarcado, no entanto, cresceu 16,53%



Valle (à dir.), da ACIBRAC, em negociação com a China

Fotos: Divulgação

“vamos ensinar a ele a diferença entre um produto e outro, estabelecendo como parâmetro o café brasileiro”. De preferência, o especial, mais valorizado. Através de uma campanha de *marketing* lançada pela cooperativa, com apoio do governo chinês e da All China Federation Supply de Marketing Cooperativo, habitantes das quatro principais cidades chinesas experimentarão 300 mil cafezinhos brasileiros por dia. Serão servidos 6 blends diferentes, para pessoas de diversas classes sociais e faixas etárias. A meta palpável é, em apenas três anos, aumentar 10 ve-

zes o consumo de café, estabelecendo um gosto geral por um tipo determinado de produto brasileiro. Todo o projeto é uma extensão do Programa Cafés do Brasil, desenvolvida pelo CDPC, que já investiu mais de R\$ 3 milhões em campanhas de *marketing* para divulgar a boa qualidade do café brasileiro no mercado externo.

Só a sombrinha — A política nacional de retenção do café, este ano, afrouxou as amarras e deixou o guarda-chuva entreaberto, apenas. Em abril, membros do Conselho Deliberativo de Política Cafeeira (CDPC) promoveram

Tecnologia e mão-de-obra na região que mais ganha com o café

Pesquisa realizada pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) revela que o café emprega 51.701 produtores familiares e 70.322 assalariados fixos. Do total de pessoas que trabalham permanentemente nos imóveis, 57,6% correspondem aos assalariados, sendo o mensalista a categoria mais numerosa, totalizando 57.320 trabalhadores. Nas etapas de formação e/ou manutenção do cafezal predomina o trabalho permanente (residente ou não na propriedade). Com relação ao trabalhador temporário (volante), foram pagas 7.112.623 diárias na safra agrícola de 1999/2000. Essa categoria de trabalho será a principal atingida com o avanço da mecanização da colheita, que vem lentamente. Esse processo, que a princípio representa a liberação da mão-de-obra, pode significar com o tempo a consolidação da estrutura regional de ocupação, com efeitos positivos na qualificação dos trabalhadores locais. A colheita manual foi, assim, realizada em 94% do total de pés colhidos, tanto da safra 1991/92 (451.282.111 pés em produção) quanto da safra 1997/98 (323.981.861 pés em produção). Essa operação representava 72,6% do total de dias/homens

ocupados (número de pessoas multiplicado pelos dias de trabalho) na cafeicultura paulista em 1997/98. Na safra 1991/92 a absorção total de dias/homens ocupados era de 55%.

Os pesquisadores José Eduardo Rodrigues Veiga, Maria Carlota Meloni Vicente, Celma da Silva Lago Baptistella e Malimíria Norico Otani, autores do levantamento, afirmam que esses números, embora reduzidos em relação a pesquisas anteriormente realizadas, mostram que a retomada de investimentos na lavoura cafeeira pode contribuir para conciliar crescimento econômico com emprego de mão-de-obra rural. Pode vir também a viabilizar a produção familiar, reafirmando a importância social já constatada do cultivo do produto no Brasil e no mundo.

As mudanças que tiveram impacto na absorção de mão-de-obra, baixando a participação dos trabalhadores na atividade cafeeira, estão, segundo os pesquisadores, circunscritas aos tratos culturais. O avanço da capina química (herbicidas), por exemplo, fez com que os tratos culturais, que no início da década de 90 correspondiam a cerca de 40% da absorção total da mão-de-obra na safra, sofressem redução para 22,4% em 1997/98.



Baptistella: investimentos podem conciliar o crescimento econômico e mão-de-obra

Divulgação

VALTRA

www.valtra.com.br

Bagaço é uma
palavra que a
Valtra não conhece.



Fmecom



ABASTECIMENTO
ORIGINAL DE FÁBRICA

A **Pesquisa Nacional - Master Cana 2001**, feita com produtores do setor sucroalcooleiro, revelou que a **Valtra** é a marca de trator que mais entende da cultura de cana-de-açúcar no país. Muita força, robustez, torque e, acima de tudo resistência para aguentar o dia-a-dia.

Por tudo isso, a **Valtra** foi eleita pela **Master Cana 2001** como a **fabricante dos melhores tratores** e a **mais eficiente prestadora de Serviços de Pós-Venda** do mercado sucroalcooleiro.

Tanta força e resistência só podiam dar em prêmios, mostrando que os tratores **Valtra** não conhecem mesmo o que é bagaço, a não ser o da cana-de-açúcar, claro.

Prêmios:

Máquinas Agrícolas - Trator de Rodas

Serviços - Área Agrícola e Destaque Inovação



JUBILEUM
1951-2001

Valtra do Brasil S/A
Rua Cap. Francisco
de Almeida, 695
CEP 08740-300
Mogi das Cruzes - SP
Ligue grátis: 0800-192211
e-mail: falecom@valtra.com

PARTEK

A Valtra é uma empresa do Grupo Partek.

mudanças. Embora desmentida oficialmente, na prática, a decisão encerraria o programa de contenção de oferta para 2001. O governo federal autorizou a substituição dos 2,9 milhões de sacas de café retidos pelo produto da safra nova, reivindicação antiga do setor cafeeiro. A intenção das autoridades governamentais foi evitar que os produtores vendessem café da safra nova para financiar a estocagem, enquanto o café retido caminhava para o chamado produto “desmerecido” (com menor valor no mercado). Os grãos financiados em pré-comercialização foram finalmente aceitos como pertencentes aos 20 % de produto retido. A instrução normativa estabelece vários critérios para a substituição dos cafés retidos. Para os 2,3 milhões de sacas de café em retenção, com financiamento do Banco do Brasil, a troca é permitida com anuência do agente financiador. Para as 600 mil sacas retidas sem financiamento, a troca pode ser por café arábica tipo 6 ou café robusta tipo 7, independentemente da qualidade do café retido. Mundo a fora, porém, nenhuma atitude realmente inovadora foi capaz de mudar a política de oferta. Ainda está instalado, conforme dizem as lideranças, o caos gerencial do setor cafeeiro.

Produto especial — A demanda por produtos de qualidade superior, garantidos ou certificados, é mundial. No entanto, certificação e garantia estão indo muito além de parâmetros físicos para uma ampla gama de variedades do gênero alimentício, permitindo, com mais facilidade, diferenciá-los quanto aos seus atributos ou instalando verdadeiras barreiras para o seu reconhecimento pelo consumidor. Os atributos de qualidade do café especial cobrem, por exemplo, conceitos que vão desde características físicas, como origens, variedades, cor e



Desafio do setor é conquistar novos nichos de mercado com produtos mais refinados

A Grãnia

tamanho, até preocupações de ordem ambiental e social, como os sistemas de produção e as condições da mão-de-obra sob os quais se obtém o produto, destacando-os como especial e permitindo sua rastreabilidade. Atualmente a complexidade da mensuração desse produto pelo consumidor está na diversidade desses conceitos, segundo a pesquisadora Maria Célia M. Souza, do Instituto de Economia Agrícola. O mercado de cafés especiais (12% do café consumido no mundo) pode ser comprometido, se a gerência dos conceitos aplicados não for a melhor. O Brasil ainda participa timidamente do segmento, mas já há discussões para melhorar o quadro que se anuncia e permitir que o País abocanje uma parte maior deste nicho superior.

As manifestações ocorridas em Seattle, nas negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC), protestavam contra sua política atual, que permitiu o crescimento de várias empresas à custa do empobrecimento alheio. Entre elas estava a Starbucks — uma das maiores redes norte-americanas de dis-

tribuição de café — que, segundo os manifestantes, cresceu explorando os pequenos produtores de café do terceiro mundo. Em resposta a isso, a rede assinou um contrato prevendo o lançamento de uma linha de grãos com o certificado de Fair Trade (também conhecido como comércio justo ou solidário), fazendo com que o produto entrasse para a linha dos especiais.

Segundo a Fair Trade Federation, os princípios desse movimento incluem: pagamento de salários justos aos trabalhadores, trabalho cooperativo, educação do consumidor, sustentabilidade ambiental, suporte técnico e financeiro, e respeito à identidade cultural. Também conhecidos como cafés conscientes, esses segmentos estão ampliando sua parcela no mercado de cafés especiais, dado o aumento da preocupação com as dimensões ambientais e sociais nos padrões de consumo, o que tem estimulado as preferências por bens produzidos de forma sustentável. Para o consumidor, é difícil identificar o produto como especial, uma vez que o diferencial requer um esforço de conscientização e não apenas a prova da bebida. Com outras categorias, como a de cafés orgânicos (produzidos sem produtos químicos), ou apenas com o selo de origem, o mesmo ocorre.

Nesse contexto, porém, somente o consumidor com algum conhecimento sobre o mercado pode distinguir, pelas características da bebida, o café-padrão do de qualidade superior — o café gourmet, ou especial, vindo dos grãos de café arábica, processado de forma diferenciada (cereja descascado). O consumidor, contudo, não consegue distinguir, mesmo após saborear a bebida, se ela possui os atributos por ele desejados. ■

classigranja

PEQUENOS ANÚNCIOS - GRANDES NEGÓCIOS

PULVERIZADOR AUTO PROPELIDO

**SEGURANÇA - CONFORTO
PRODUTIVIDADE**

- Ar condicionado digital
- Cabine com isolamento duplo com fibra de vidro
- Ampla espaço interno
- Ampla visão do solo e total visibilidade das barras
- Excelente iluminação para aplicação noturna



MACRO

Jet

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA TODO O BRASIL

Agrotecno Ltda.

VENDAS
Fone/Fax: (0**46) 224-6349
<http://www.macrojet.com.br>

classigranja

**PEQUENOS ANÚNCIOS
GRANDES NEGÓCIOS**

ASSINE A REVISTA

agranja

E RECEBA
MENSALMENTE AS
MELHORES INFORMAÇÕES
DO CAMPO
(51) 3233-1822

classigranja

**PEQUENOS
ANÚNCIOS
GRANDES
NEGÓCIOS**

**AQUI
SEU ANÚNCIO
APARECE**

**AUTORIZE
JÁ!**

**(11) 220-0488 - SP
(51) 3233-1822 - RS**

www.agranja.com

seu endereço rural na internet

- Matérias jornalísticas
- Artigos técnicos
- Seções
- Plantio direto
- Sites rurais
- Agendas de eventos e leilões
- A GRANJA DO ANO
- Bolsas de valores
- Números anteriores das revistas A GRANJA e AG Leilões

CARRO TRANSPORTADOR



Carro Transportador Agrícola para transporte de molinete de colheitadeiras e plataformas de milho sendo tracionada pela própria colheitadeira. Disponíveis nos modelos de: 19 pés, 23/25 pés e 30 pés.

STAHAR

STAPELBROEK & CIA. LTDA.
Ind. Impl. Agrícolas

Rua Emilio Favaretto, 625 - Caixa Postal 22 - Fone: 0(xx)54-332-1825 - Fax: 0(xx)54-332-2080
CEP 99470-000 - NÃO-ME-TOQUE/RS
E-mail: vendas.stahar@dgnnet.com.br - http://www.dgnnet.com.br/stahar

COLHE MAX

PLATAFORMA DE COLHER MILHO

- Plataforma universal, pode ser acoplada em diversos modelos de colhedora, desde que use o kit específico de adaptação.
- Plataforma leve, próxima do embocador e com um melhor ângulo de colheita.
- Acoplamento fácil, rápido e seguro na colhedora.
- Fácil troca de espaçamento entre linhas.



A MELHOR TECNOLOGIA DE COLHER MILHO

IRMÃOS THÖNNIGS LTDA.

BR 386 km 174 - Telefax: (054) 330-2300 - CEP 99500-000 - Carazinho - RS
HOME-PAGE: www.max.ind.br - E-mail: agricola@max.ind.br

PLATAFORMA PARA COLHEITA DE MILHO VENCE TUDO

- ◆ Chassi universal, acoplável em todas as marcas e modelos de colheitadeiras. IDEAL - JOHN DEERE - SLC - MF - AGCO ALLIS - NEW HOLLAND - CASE
- ◆ Caixa de transmissão com engrenagens cônicas temperadas e retificadas, banhadas a óleo.
- ◆ Ângulo de 20º(graus) de ataque ao solo, o menor do mercado, que garante o menor índice de perda de espigas na lavoura.
- ◆ Acompanha peneira superior do milho e fechamento de cilindro.
- ◆ Fabricadas de 3 à 14 linhas com espaçamentos variáveis de 50 a 90cm entre linhas.
- ◆ Ganhadora do prêmio Gerdau Melhores da Terra, na Expoiner 2000, categoria destaque.



*Aprovada
pelo usuário*



**INDÚSTRIA DE IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS VENCE TUDO
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA.**



Rod. RS 223 - Km 53 - Área Industrial - Ibirubá - RS - Brasil Fone/Fax: (0xx)(54) 324-1169
e-mail: vencetudo@pro.via-rs.com.br

A passos **LENTOS**

Especialistas fazem um contraponto e reconhecem que esta inovadora proposta tecnológica, de uma certa forma, está estagnada no Brasil. O alto custo ainda é um impeditivo

*José Paulo Molin, engenheiro agrícola, PhD, Departamento de Engenharia Rural, ESALQ/USP
Leandro .M. Gimenez, agrônomo e pesquisador da Fundação ABC, Castro/PR*

Há indícios de que a curva de adoção da agricultura de precisão (AP) no Brasil está saindo do ponto de inflexão. Isso era, de uma certa forma, previsto. Fica ainda mais evidente a necessidade de cada um, envolvido no sistema de produção agropecuário, se manter atualizado em relação ao que anda acontecendo nessa área, que ainda vai gerar muitos fatos novos.

É fácil concluir que a agricultura de hoje é praticada “pela média”. Todo o controle de entradas e saídas em cada talhão é baseado em valores médios. Faz-se a amostragem de solo e um resultado vale para todo o talhão, ou até para a propriedade inteira. A partir desse resultado, diz-se que deve ser aplicado um determinado fertilizante, com “tantos” quilos por hectare. E, na colheita, comenta-se que a produção foi de “tantos” sacos por hectare. Novamente pela média. No entanto, essa agricultura pela média esconde muita informação. Desconsidera-se a existência de manchas na lavoura e, por simplificação, assume-se que tudo está uniforme.

A dinâmica que se observa no desenvolvimento e implementação das práticas de AP demonstram o quanto é jovem a proposta. Entretanto, há uma crescente expansão na adoção da idéia. O número de colhedoras equipadas com monitor de colheita é um bom indicador disso. A comercialização desses equipamentos, na Europa, teve início em 1992 e, nos Estados Unidos, em 1993. Os americanos abraçaram a causa com mais

empenho e na safra de 1997 já existiam 17 mil colhedoras equipadas com monitores. Hoje, na Argentina, o número chega a 350 máquinas. Na Alemanha, existem em torno de 500 máquinas. Na Inglaterra, próximo de 350 e, na Austrália, quase 800.

Dados do ano passado, dos Estados Unidos (levantamento feito junto a distribuidores de insumos), dão conta de que 15% da área cultivada já é monitorada com mapas avaliadores da produção e o número de colhedoras equipadas com monitor de produtividade está na casa das 30 mil. Esse mesmo levantamento faz uma projeção para 35% da área monitorada em 2002. Hoje, a área coberta com amostragem de solo em grade é da ordem de 12%, projetada para 32% em 2002. Fertilizantes e corretivos, atualmente, são aplicados com taxa variada, algo em torno de 25% da área, incluindo-se controle manual, automático para um produto e de mais de um produto simultaneamente. A projeção é otimista e espera-se chegar a 53% da área no próximo ano. Em agroquímicos (líquidos), os números de hoje indicam que em torno de 15% da área recebe aplicação com taxa variada, sendo grande parte disso (12,5%) com controle manual. A expectativa é de que esse número ultrapasse 30% em 2002.

Tais números indicam uma predominância de concentração do uso dessas ferramentas no meio-oeste americano, contra o resto do país. O levantamento também ressalta os maiores problemas e entraves apontados pelos usu-

ários e fornecedores de produtos e serviços nessa área. Tornar essas técnicas lucrativas; custo elevado; falta de pessoal preparado para trabalhar com as ferramentas (tanto profissionais de alto nível como pessoal de campo), foram os problemas mais salientes no levantamento.

É evidente que o domínio das tecnologias ligadas à agricultura de precisão, propostas ao agricultor brasileiro, deve passar por uma avaliação e adaptação às nossas particularidades. Neste momento, o que mais falta ao usuário é informação. A obtenção dessa informação é lenta e cara, e quem começa tem o sabor e o ônus do pioneirismo. A implantação de projetos nesse sentido deve sempre ser gradual e com a consciência de que ainda temos pouco domínio dos conceitos de variabilidade espacial da produção e de suas causas. Essa deve ser a tônica de qualquer iniciativa nesta fase do desenvolvimento da tecnologia de Agricultura de Precisão no Brasil.

É importante lembrar que o pessoal lá de fora encontra muitas coisas já prontas para começar a trabalhar com AP. Exemplos disso são os mapas de solo, as redes de dados climatológicos, o sinal de GPS diferencial gratuito em muitas regiões, etc. Por aqui, estima-se que o número de colhedoras equipadas com monitor de produtividade chegue hoje às 50 ou 60 máquinas, excluídas aquelas envolvidas com pesquisa e demonstrações. É um número inexpressivo; porém, há três anos, não havia sequer 5 colhedoras.

Empresas já vem fazendo aplicação variada de calcário e adubo a lanço em larga escala. Também algumas máquinas de pequeno porte já estão sendo importadas para aplicação de produtos usando essa técnica e já se dispõe de pulverizador nacional com controle automático, para aplicação variada de líquidos.

O aspecto econômico desse contexto perturba o usuário potencial e esse tem sido o aspecto em que o sistema menos avançou. Por razões óbvias, para avaliar-se o benefício de uma nova tecnologia é necessário pô-la em execução e por completo. Essa tem sido a dificuldade maior, pois o cumprimento do ciclo total na Agricultura de Precisão requer tempo. Os americanos e os europeus têm alertado para o fato de que no caso de grãos em geral, como cultu-

ras de baixo valor agregado, a rentabilidade da Agricultura de Precisão é menos evidente do que em culturas mais nobres. No entanto, os especialistas da área advertem para o fato de que a mensuração da relação entre custo e benefício é bastante complexa e intuitiva. Grande parte do produto desse investimento todo se chama "informação" e estabelecer valor à informação é algo nada mecânico. A respeito disso, a situação tem evoluído para um campo novo, chamado 'base de informação' ou 'banco de dados'.

Um fato que começa a se destacar é a corrida pela organização de "Cooperativas de Informação". Sabe-se que é difícil quantificar o valor da enormidade de dados gerados pela agricultura de precisão. Porém, os pioneiros nessa luta agora começam a se servir dos dados como uma ferramenta poderosa de auxílio na tomada de decisões elementares do dia-a-dia. Talvez essa venha a ser a maior contribuição que a AP venha a nos oferecer, o que é muito animador.

Outra tendência bastante recente – e muito provável de se tornar o caminho futuro – é o gerenciamento por unidades de manejo. Na medida que o agricultor passa a trabalhar sobre a propriedade não mais como uma coisa só (isolando cada talhão e os considerando como unidades gerenciais), o nível de desuniformidade começa a aparecer. Isso leva ao tratamento individualizado de cada talhão em todos os sentidos, desde a amostragem de solo, passando pela colheita, até a contabilidade, com um caixa para cada talhão. Assim é o início do processo de gerenciamento por unidades de manejo. O que falta é definir essas unidades dentro de cada talhão.

Assumindo que as manchas existem e que as conhecendo podemos melhorar as técnicas de manejo da lavoura, deve-se lançar mão de recursos que permitam definir essas unidades. Para isso, podem ser utilizados os mapas de produtividade, as fotos aéreas ou videografia em infra-

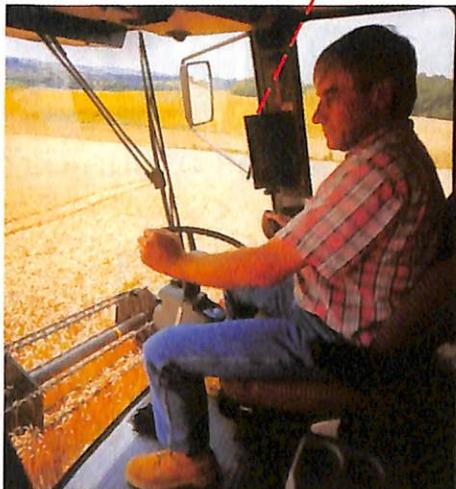
vermelho, a amostragem de solo em grade e outras técnicas mais recentes, como a medição da condutividade elétrica do solo com sensores específicos.

Definidas essas unidades, passa-se a criar subdivisões virtuais nos talhões, que se constituem na diferenciação das bordas das unidades entre si por algum critério ou fator. Desse ponto em diante, as táticas de gerenciamento devem ser mudadas e todos os princípios até aqui discutidos, relativos à AP, podem ser aplicados, porém, sem tanta sofisticação de equipamentos. A própria delimitação e demarcação dessas unidades de manejo pode ser realizada a partir de tecnologias apropriadas. Em função das recentes dificuldades que a agricultura de precisão tradicional vem enfrentando – especialmente ligadas ao seu alto custo de adoção e à indefinição quanto ao retorno, bem como ausência de boas correlações que expliquem as causas das variabilidades locais –, a tendência da adoção das unidades de manejo vem crescendo.

Contudo, para que a adoção dessas tecnologias venha a acontecer numa

marcha que gere mais volume, tanto de negócios quanto de experiências para todos, deve haver esforço concentrado em duas grandes frentes. Por um lado, a pesquisa, com recursos públicos e privados, deve acelerar o processo de entendimento dos fenômenos associados à variabilidade existente nos campos e as formas de intervir ou conviver com isso. A outra frente, também de importância prioritária, deve atacar a redução do custo de adoção.

Há uma demanda reprimida que se frustra com os valores dos equipamentos hoje disponíveis. Sabe-se que os preços praticados são decorrentes de falta de escala de produção e de nacionalização. ■



Mesmo com dificuldade, a adoção do conceito de AP vem evoluindo



Empresas tem investido em dias de campo para apresentar aos produtores as vantagens desses sofisticados equipamentos

Fotos: Divulgação

FEIJÃO - SOJA
DEFENSIVOS AGRÍCOLAS
PLANTIO DIRETO
IRRIGAÇÃO ARTIFICIAL
AGRIBUSINESS • GENOMA
TRANSGÊNICOS
AGRICULTURA DE PRECISÃO
BIOTECNOLOGIA
INTEGRAÇÃO LAVOURA/PECUÁRIA

Quem falou primeiro nestes assuntos?

www.agranja.com

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja 

É claro!

Há 56 anos levando a informação ao produtor rural.

O saboroso efeito medicinal da **ALCACHOFRA**



Divulgação

*Hortalíça herbácea, perene, originária do Mediterrâneo, a *Cynara scolymus* vem ganhando crescente destaque na produção hortigranjeira nacional*

José Renato de Almeida Prado

A flor arroxeadada, que até alguns anos era quase uma desconhecida, começa a ter uma presença mais freqüente nas feiras e prateleiras de supermercados. E também a trazer bom lucro em áreas pequenas. Do interior paulista sai quase toda a produção da cultura, que, além de saborosa e nutritiva, tem qualidades medicinais.

Cultivada principalmente em municípios de clima temperado, próximos à capital paulista, a alcachofra é uma hortalíça de grande porte, chegando a atingir 1,20 m de altura. A parte consumida é um botão, na verdade, inflorescência

ou capítulo, também chamado vulgarmente de “cabeça” ou “fruto”, que é colhido antes da maturação. A parte interna do talo pode ser consumida como palmito, sendo muito apreciada pelas cozinhas italiana e francesa.

A alcachofra é considerada uma planta medicinal, apresentando efeitos benéficos nas atividades gastrintestinais e do coração, auxiliando ainda o fígado na sua ação neutralizante de toxinas presentes no corpo humano. Além de apresentar baixas calorias, é rica em vitaminas A e C e minerais: cálcio, ferro, fósforo, sódio, iodo e magnésio. Favorece ainda o

controle da glicemia, a taxa de açúcar no sangue, sendo indicada para diabéticos. A cinarina, um princípio ativo encontrado nas folhas, é usada para fabricação de remédios, contra doenças dos rins. Na Itália, é também usada na fabricação de um licor popular e bastante amargo.

Segundo dados da Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), a cultura ocupa, no mundo, uma área de 114 mil hectares, com produção de 1,07 milhão de toneladas. Cerca de 90% dessa área se encontra na região do Mediterrâneo e, o restan-



São produzidas 6,5 milhões de cabeças anualmente, na região oeste de São Paulo, o maior pólo de alcachofra do Brasil

te, nos Estados Unidos (6 mil ha). A Itália, com 52 mil ha, é o país onde a espécie é mais amplamente cultivada, seguida da Espanha, com 23 mil ha, e da França, com 15 mil ha.

No Brasil, seu cultivo ainda é recente, ocupando pequenas áreas nos Estados de São Paulo, do Paraná e do Rio Grande do Sul (na região norte). No oeste de São Paulo, na região formada pelos municípios de Ibiúna, Piedade, São Roque e Capão Bonito, encontra-se o maior pólo produtor de alcachofra do país. No ano passado, saíram de lá 6,5 milhões de cabeças, segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA), em São Paulo. Existem várias cultivares, tais como roxa comprida, roxa romana, verde redonda, mas no Brasil o mais plantado é o roxa-de-são roque, desenvolvido pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC).

Introdução — Segundo o engenheiro agrônomo Iran de Góes Júnior, chefe da divisão de agricultura da Prefeitura da Estância Turística de São Roque, a alcachofra foi trazida ao Brasil pelos imigrantes europeus, porém o cultivo comercial deu-se pela colônia oriental. “De São Roque expandiu-se para outros municípios da região, como Ibiúna e Piedade”, conta ele. Atualmente, o mercado consumidor está concentrado na capital paulista, onde há um maior hábito de consumo.

O município de São Roque produziu no ano passado 1 milhão de cabeças de alcachofra, segundo dados disponíveis no

IEA. Esse volume, conforme Iran Júnior, corresponde a aproximadamente 80 mil caixas, com 12 botões florais cada uma. São Roque, segundo o agrônomo, conta atualmente com 15 produtores, que juntos cultivam a alcachofra em um total de 100 ha. “Num hectare, são cultivadas 5 mil plantas que chegam a produzir 30 mil botões”, explica. “O custo de produção desse hectare no primeiro ano é de aproximadamente R\$ 10 mil, levando em conta o preço da muda, e de R\$ 5 mil para os demais anos. O rendimento líquido é de R\$ 15 mil por ano”, declara o agrônomo.

Cultivo — A temperatura tem grande influência sobre o cultivo da alcachofra. Segundo Iran Góes Júnior, a média anual deve ser igual ou próxima a 20°C. “Tolera geadas, mas não suporta temperatura superior a 30°C”, declara. O solo deve ser bem preparado antes do plantio, com aração profunda e gradagem.

Não se recomenda fazer a propagação por sementes, pois nem sempre se reproduzem as características desejáveis da planta-mãe. O processo mais usado é o de reprodução por mudas, que devem medir entre 20 e 30 centímetros de comprimento, possuir raízes finas e não ter ferimentos. As mudas “destacadas” da planta-mãe devem ser plantadas em covas abertas, em locais de meia encosta ou em várzeas bem drenadas e ricas em matéria orgânica. Comumente são necessárias entre 5 mil e 6 mil mudas por hectare, para plantio em espaçamento, vari-

ando entre 2,0 e 2,5 m entre as linhas e 1,0 e 1,5 m entre covas.

A irrigação para a cultura é indispensável na região de São Roque, mesmo durante o verão. “A irrigação é feita, geralmente, em sistema de aspersores; o solo deve permanecer constantemente úmido”, ressalta Iran Júnior. Se o solo estiver seco, deve-se irrigá-lo antes de plantar. As mudas são enterradas somente até o ponto de inserção das folhas. Uma recomendação é proteger o solo com cobertura morta, sem pragas, ao redor da muda, de forma a mantê-lo mais fresco. A melhor época de plantio das mudas é de março a maio. Seu ciclo varia de 180 a 210 dias.

Colheita — Os primeiros botões de alcachofra florescem logo após o inverno. À medida que vão surgindo, vão sendo embalados com papel para que permaneçam com a cor arroxeadada intensa. O papel tem dupla função, pois também protege as flores das chuvas, de doenças e da aplicação de agrotóxicos. A cor arroxeadada, segundo Iran Júnior, também é sinônimo de botão fresco ou novo, pois, à medida que os botões passam do ponto, vão se tornando esverdeados. Para quem vai comprar a hortaliça, as alcachofras mais novas, mais apropriadas para o consumo, têm as pétalas bem fechadas. Quando estão muito abertas, é sinal de que o fundo já está fibroso e não serve mais para consumo.

Numa mesma planta, ainda confor-

me Iran Júnior, aparecem de um a três botões principais, com maior diâmetro, e nas mesmas hastes surgem botões secundários com diâmetro menor e, conseqüentemente, de melhor valor comercial. “Há também os botões terciários colhidos apenas para a indústria”, comenta.

As principais pragas da alcachofra são: broca de ramo, caracóis, cochonilha da raiz, lagarta-rosca, nematóides de galhas e pulgões. O controle se faz por meio de pulverização com dimethoate. Entre as principais doenças, estão a bacteriose, a antracnose, a fumagina, a mancha de alternaria, o oídio e as viroses. O controle recomendado é o cultural, como o uso de mudas sadias e os cuidados para evitar ferimentos na planta.

Há outra peculiaridade no cultivo de alcachofra: a produção de folhas. No período do inverno até o verão, são colhidas folhas das plantas, principalmente as que ficam próximas ao solo. Essas folhas são secadas e enfardadas pela maioria dos produtores da região de São Roque, que as vendem para a indústria farmacêutica. “Delas são extraídas a cynarina e os demais produtos à base de alcachofra, usados para pacientes que sofrem de problemas hepáticos e renais, além de serem ricas em vitamina K, B₁ e B₁₂”, afirma Iran Júnior.

Em condições normais de cultivo, a colheita dos botões florais da alcachofra é feita no mês de outubro. Nessa época, há o maior volume de produção e, conseqüentemente, a queda dos preços. A colheita é feita manualmente, cortando-se a haste entre 20 e 30 cm de comprimento. O ponto de colheita é quando os botões apresentam as brácteas aderentes carnosas. Após o corte, as alcachofras são levadas para um galpão, classificadas por tamanho e embaladas. Para antecipar a colheita, muitos produtores têm feito uso de hormônios vegetais, como a giberelina ou o ácido giberélico. Com sua aplicação, a produtividade é menor, mas os preços são mais compensadores.

Veterano — O produtor Shiniti Miyazaki, membro de uma das famílias pioneiras no cultivo de alcachofra em Piedade, é um dos que utilizam a aplicação de hormônio para antecipar a floração. O hormônio é usado bem no centro do caule da planta. Com uma aplicação no mês de maio, por exemplo, os agricultores conseguem colher antecipada-

mente em agosto e ter novas flores, das mesmas plantas, no período normal da safra.

A família de Miyazaki começou a cultivar alcachofras a partir de 50 mudas ganhas de um amigo. Pensaram algumas vezes em desistir da plantação, mas aos poucos foram substituindo os cultivos de cebola, tomate e cenoura pela alcachofra. Hoje, tem cerca de 15 hectares plantados, com uma produção média de 40 mil caixas.

No ano passado, Shiniti Miyazaki foi eleito presidente da Associação dos Produtores de Alcachofra de Piedade, que conta com 15 associados. A entidade foi criada porque, entre outros projetos, pretende montar uma agroindústria para produzir conservas. “Também queremos fazer panfletos, explicando como conservar o produto e as receitas com alcachofra”, destaca.

O município de Piedade é o maior produtor entre os que compõem o pólo paulista, com uma área de 70 hectares e tendo produzido no ano passado 2,8 milhões de cabeças de alcachofra, segundo dados do IEA. Segundo Miyazaki, 80% da produção vai para a capital pau-

lista, onde é comercializada na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp). O restante é comercializado pelos varejistas e pela Ceasa/Campinas, em caixas de madeira tipo K (10 Kg a 20 kg).

Shiniti Miyazaki conta que em 2000 houve excesso de produção e no pico da safra os preços foram desanimadores, “chegando a R\$ 1 a caixa na Ceagesp”. Ele não arrisca uma previsão para a safra de 2001, argumentando que tudo vai depender do clima, mas espera que o preço da caixa de 15 quilos obtenha o preço mínimo de R\$ 10.

José Benedito N. Silveira, gerente do departamento de tecnologia e informação da Ceasa/Campinas, estima que o preço médio comercializado por caixa de 15 kg, com base no ano de 2000, deva ficar entre R\$ 12 e R\$ 15.

Na Ceasa são comercializadas mensalmente cerca de 880 caixas de 15 kg, procedentes dos municípios de Piedade e Guapiara. O volume de alcachofra vendido por lá caiu 2,44% em 2000, quando foram comercializadas 10.600 caixas, contra 10.866 de 1999.

Para estimular o consumo da alcachofra, os municípios de São Roque e Piedade realizam festas no pico da colheita. “Em Piedade, vamos promover este ano a 4ª Festa da Alcachofra, com sugestão de vários pratos”, comenta Shiniti Miyazaki.

Já em São Roque será realizada a XI Expoflora, durante a última semana de setembro e as primeiras semanas de outubro. “Nessa festa, além de alcachofra, temos exposições de flores e vinhos”, declara Iran Góes Júnior. “No ano passado, a festa atingiu um público de 100 mil pessoas, e a maior atração ficou por conta do mercado e restaurante de alcachofras, onde todos puderam apreciar e aprender a preparar pratos típicos, como risoto e massas, até mesmo a tradicional, com molho de vinagre”, complementa Góes Júnior. ■



**COMPOSIÇÃO/ INFORMAÇÕES NUTRICIONAIS
100 GRAMAS DE PARTE COMESTÍVEL FORNECEM:**

29 calorias

2,7 gramas de proteínas

0,2 grama de lipídios

5,9 gramas de glicídios

44 miligramas de cálcio e 58 miligramas de fósforo
Ação conjunta nos ossos e dentes.

0,8 miligrama de ferro
Formação dos glóbulos vermelhos do sangue.

320 UI (Unidades Internacionais) de vitamina A
Importante para a visão e para a pele.

0,06 miligrama de vitamina Tiamina (B₁)

0,07 miligrama de vitamina Riboflavina (B₂)
Atuação sobre a saúde dos cabelos, olhos, nariz e lábios.

0,8 miligrama da vitamina Niacina
Auxiliar no desenvolvimento e no crescimento.

5 miligramas da vitamina C dos “alimentos frescos”
Atuação na resistência dos vasos sanguíneos e tecidos, agindo contra infecções. Auxiliar na vitalidade das gengivas e na cicatrização de ferimentos.

DEGRADAÇÃO: conceitos, altern

Manuel Cláudio Motta Macedo – pesquisador do Laboratório de Solos, Embrapa Gado de Corte

A degradação das pastagens pode ser explicada como um processo dinâmico de degeneração ou de queda relativa da produtividade. Assim, é interpretada de diferentes formas por produtores e técnicos.

Tem-se observado que, após a implantação ou renovação de uma pastagem, normalmente a produtividade é sempre maior no primeiro e segundo anos de exploração. Estima-se que a produção de pastagens e animal sejam, em média, de 30 a 40% superiores no primeiro ano de exploração, em relação aos três ou quatro anos subsequentes, quando o potencial produtivo não é afetado por problemas de clima, solo ou manejo animal inadequado.

Após essa fase mais produtiva, nota-se com o tempo uma queda natural da produtividade. Ela poderá se intensificar de forma rápida e constante – até atingir determinado ponto de equilíbrio –, caso não seja aplicada uma ação de manejo visando à manutenção da produção. Alguns autores ponderam que o estresse do pastejo e a permanente desfolhação da planta modificam o hábito de crescimento, causado principalmente pela alteração na estrutura do relvado. Dessa maneira, são alterados o número de perfilhos, tamanho e número de folhas, e relação parte aérea-raiz. Esse novo perfil morfológico conduz a diferentes relações fisiológicas e nutricionais na planta, que sem um manejo adequado, levando-se em consideração cada

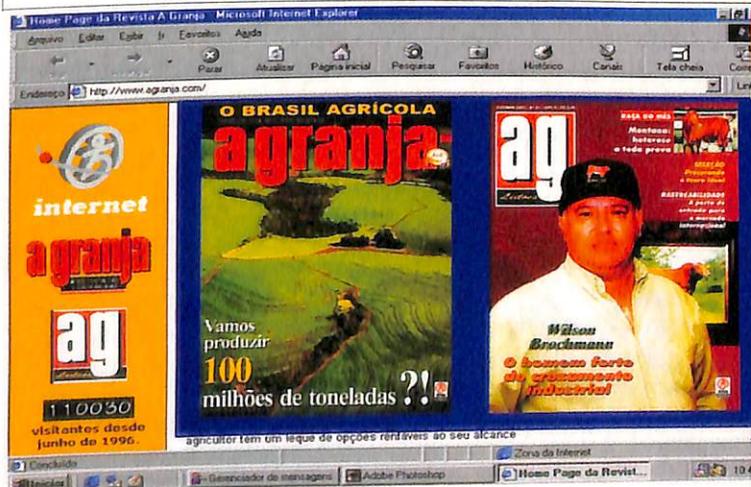
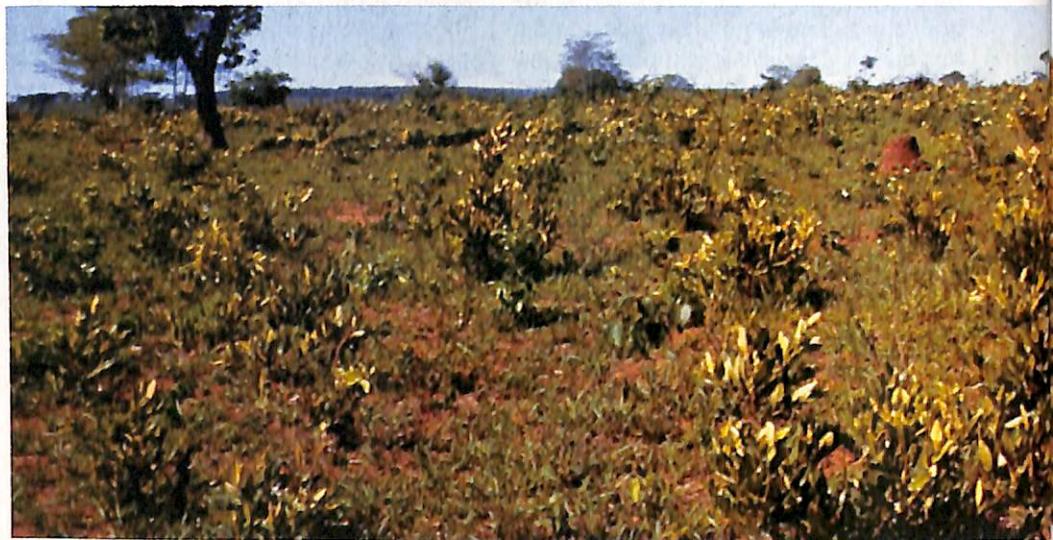
situação específica, alteram o equilíbrio solo-planta-animal e dão início ao processo de degradação das pastagens.

Recomenda-se, então, que antes do início do processo de degradação seja introduzida uma ação de manejo com vistas à manutenção da produtividade. Ela pode estar relacionada ao manejo animal, como um ajuste da lotação, ou ao manejo da pastagem, através de práticas culturais como a calagem, a gessagem e a adubação.

As mais importantes causas da degradação de pastagens são: germoplasma inadequado ao local; má formação inicial, causada pela ausência ou mau uso de práticas de conservação e de preparo do solo; correção da acidez e/ou aduba-

ção; sistemas e métodos de plantio impróprios; e manejo animal na fase de formação. Além disso, também podem provocar degradação o uso rotineiro de fogo, métodos, épocas e excesso de roçagens, ausência ou uso inadequado de adubação de manutenção, e a ocorrência de pragas, doenças e plantas invasoras. No manejo animal, a degradação pode ocorrer pela presença excessiva no terreno e devido a sistemas inapropriados de pastejo. A ausência ou aplicação incorreta de práticas de conservação do solo, após o uso relativo ou prolongado de pastejo, também pode desencadear tal processo.

A recuperação ou renovação das pastagens degradadas pode ser realizada de



www.agranja.com

O seu endereço rural na internet

- Matérias jornalísticas
- Seções
- Sites rurais
- A GRANJA DO ANO
- Bolsas de valores
- Artigos técnicos
- Plantio direto
- Agendas de eventos e leilões

Números anteriores das revistas **A GRANJA** e **AG Leilões**

ativas e recuperação

maneira direta ou indireta. Entende-se por recuperação direta as práticas mecânicas e químicas aplicadas a uma pastagem para revigorá-la, sem substituir a espécie existente.

Entre as operações mecânicas, incluem-se a aplicação superficial a lanço de insumos, escarificação, subsolagem, gradagem, aração, etc. Entre as opções químicas estão a calagem, a gessagem e a adubação. A escolha da operação depende, principalmente, do estágio de degradação da pastagem. Quanto mais avançado o grau de degradação, mais drástica deverá ser a ação mecânica.

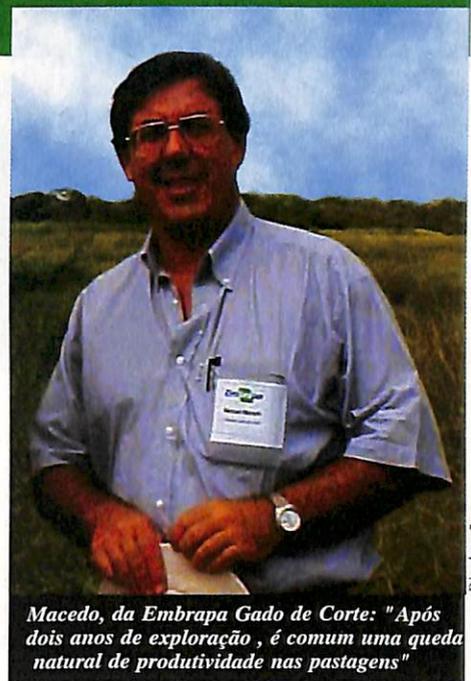
Assim, pastagens com erosão laminar, grande incidência de invasoras de porte alto, cupins de montículo e baixa

cobertura vegetal poderão exigir operações de revolvimento de solo com grade, arado, terraceador e/ou uso de subsolador.

Por outro lado, pastagens no estágio inicial de degradação podem ser recuperadas por meio de simples aplicação superficial de fertilizantes, corretivos e/ou escarificação/subsolagem. A renovação direta das pastagens se refere às ações desenvolvidas nas práticas agrônômicas para substituir a espécie presente e reverter o processo de degradação, através da implantação de uma nova espécie forrageira. Caracteriza-se, principalmente, pela tentativa de substituição de forrageiras sem a utilização de uma cultura intermediária.

Essa alternativa apresenta alguns problemas de ordem prática e econômica, pois as espécies forrageiras tropicais, mesmo quando a pastagem está em degradação, possuem elevado banco de sementes no solo e altas taxas de crescimento relativo. Portanto, nem sempre as ações mecânicas de preparo do solo ou de dessecação das plantas por herbicidas são eficientes para permitir a implantação de uma nova espécie, evitando a competição com plantas remanescentes da espécie anterior.

A recuperação indireta de pastagens degradadas é aquela efetuada através de práticas mecânicas, químicas e culturais, utilizando-se uma pastagem anual ou uma lavoura anual de grãos por um certo tempo, a fim de



Macedo, da Embrapa Gado de Corte: "Após dois anos de exploração, é comum uma queda natural de produtividade nas pastagens"

Divulgação

revigorar a espécie existente. As técnicas agrônômicas podem variar desde a dessecação da pastagem com um herbicida e plantio direto de um pasto anual ou de uma lavoura anual, até o preparo do solo e o plantio convencional dos mesmos. Após a utilização do pasto anual ou colheita de grãos da lavoura, deixa-se a pastagem retornar através do banco de sementes existente ou providencia-se uma semeadura complementar para uniformizar a população de plantas.

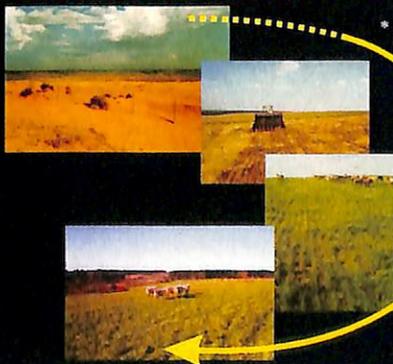
A renovação indireta de pastagens, por sua vez, é aquela efetuada através de práticas mecânicas, químicas e culturais, utilizando-se uma pastagem anual (milheto, aveia) ou uma lavoura anual de grãos (milho, soja, arroz) por determinado período, com o objetivo de substituir a espécie forrageira existente por outra de melhor valor nutritivo ou com diferentes características. ■



Divulgação

SEMEADORAS PARA RENOVAÇÃO DE PASTAGEM SEMEATO

PLANTIO DIRETO/PASTAGENS



- * EVITA EROSIÃO EM SOLOS DEGRADADOS
- * INTEGRAÇÃO DE AGRICULTURA & PECUÁRIA
- * GANHO DE PESO POR ANIMAL
- * INTRODUZ GRAMÍNEAS E LEGUMINOSAS

Rua: Camilo Ribeiro, 190
Bairro: São Cristóvão
Passo Fundo - RS
www.semeato.com.br
SAC: 0800 99 6816



PLANTIO DIRETO





A Granja

Sem ANABÓLICOS

O titular da Senasa, Bernardo Cané, antecipou que a entidade sanitária está estudando a possibilidade de proibir o uso de anabolizantes na Argentina. A medida se manteria em vigência até que os laboratórios fabricantes do produto apresentassem um sistema seguro de detecção da substância na carne bovina. O assunto veio à tona com a chegada ao País de uma missão sanitária eu-

ropéia que tem questionado o uso de anabólicos no gado argentino. Outra informação importante é a confirmação de que a aftosa está em franca evasão do território argentino. Em setembro, foram registrados apenas 17 focos, muito longe dos 600 focos mensais apurados no pior momento da crise sanitária. Estima-se que atualmente existam apenas 57 focos ativos no País inteiro.

SALVAGUARDAS geram polêmica

Não é novidade que as divergências macroeconômicas entre Brasil e Argentina estão complicando o comércio intrabloco, situação que se reflete nas cifras do intercâmbio comercial dos últimos meses. A decisão dos presidentes Fernando de La Rúa e Fernando Henrique Cardoso de colocar em prática um mecanismo de salvaguardas, para contornar o problema cambial, não agradou aos exportadores locais. “Não se ataca realmente o problema, é apenas um calote. O ideal seria buscar uma solução integral”, afirmou o presidente da Câmara de Exportado-

res da República Argentina, Enrique Mantilla. Ele acrescentou que, de 1997 a agosto deste ano, o real sofreu uma queda de 85% em relação ao peso argentino. “Não há dado histórico que registre uma situação como essa em que não se recorra a compensações”. Já a União Industrial Argentina qualificou o acordo como insatisfatório e ratificou a importância de aplicar esquemas similares aos da União Européia. “A Argentina deve contar com um regime geral de taxas e reembolsos, para compensar as diferenças cambiais”, assegurou a entidade.

TRIGO

Prevê-se que a produção argentina de trigo chegue a 18 milhões de toneladas, com um saldo de exportação recorde, levemente superior aos 12 milhões de toneladas. A estimativa otimista está sendo divulgada em função do clima favorável. Em outubro, as chuvas constantes resultaram em alagamentos dos campos, principalmente em zonas tritícolas. O que tem trazido preocupação é a possibilidade de ocorrerem doenças fúngicas em diversas regiões do País.

SOJA

Em relação à leguminosa, causa grande preocupação no plano externo o fato de os Estados Unidos estarem aguardando sua maior produção. Além disso, existe o problema da recessão mundial, que limitaria as compras de diversos países, como a China, incluindo-se aí as restrições que esse país impõe aos transgênicos. Esses problemas poderão ser agravados devido aos problemas climáticos em toda a América do Sul.

NOVILHO

O consumo interno segue absorvendo o volume que anteriormente era exportado, mantendo os preços do novilho abaixo dos 70 dólares por quilo, muito aquém do esperado. Os valores não se recuperarão até que se volte a exportar, sobretudo se considerarmos a grave recessão vivida pelo País, que acaba refletindo diretamente no setor frigorífico.

LEITE

A produção de leite argentino continua mostrando um pico sazonal, mesmo que, em algumas regiões, como a oeste de Buenos Aires, por exemplo, comecem a surgir alguns problemas com o excesso de chuvas. Existe, ainda, uma grande dispersão de preços pagos ao produtor, com uma variação de 12 a 16 centavos por litro.

Laticínios no MÉXICO

A nação asteca se converteu no segundo maior comprador dos produtos lácteos argentinos (o primeiro é o Brasil), acumulando importações de mais de 10 mil toneladas. As vendas ao México representaram neste ano 15% das exportações de laticínios da Argentina, quando em 2000 alcançaram apenas 5%. O crescimento das exportações ao país sócio do Nafta foi incrementado no momento em que se verificava uma significativa queda das exportações para o Brasil, que reduziu seus preços. Frente a esse cenário, o Chile perdeu o posto de segundo maior importador de derivados do leite.

Colosso dos CEREAIS

Com a aquisição da La Planta Cereal (LPC) por US\$ 70 milhões, a Bunge se tornou a maior processadora de soja e a segunda maior exportadora em terras argentinas. A integração com a LPC colocará a empresa entre as líderes do mercado de fertilizantes. A La Planta Cereal opera na Argentina desde 1927 em quatro segmentos básicos: origem de grãos, processamento de soja, fertilizantes, portos e logística. Possui uma marca própria e 10% do mercado de fertilizantes. Já a Bunge opera desde 1884, dedicando-se ao agronegócio e à indústria alimentícia, desde o campo até o consumidor final.



Manutenção faz parte da qualidade total

Os investimentos em tecnologia de ponta, presente nos equipamentos de armazenagem e secagem de grãos, otimizam os índices produtivos nas fazendas e são garantia de qualidade, hoje tão exigida no mercado agrícola. No entanto, de nada adianta investir em tanta modernidade se não houver, por parte do produtor, uma preocupação em preservar tais equipamentos e com isso garantir a eficiência dos mesmos e a qualidade dos grãos ali depositados. A qualidade total, tão almejada no agronegócio, não termina quando a safra é comercializada: exige do produtor cuidados específicos com os equipamentos utilizados na armazenagem.

A chamada manutenção preventiva busca garantir a qualidade do grão estocado e deve ser realizada a cada nova safra. A ausência de limpeza nas unidades armazenadoras resulta em produtos de qualidade comprometida, e, conseqüentemente, sem colocação no mercado. A pureza dos grãos colhidos na lavoura deve ser mantida, com o mínimo de perdas, até o consumo final. Uma má armazenagem provoca muita perda de grãos, devido à presença de pragas em armazéns e de fragmentos de insetos nos subprodutos alimentares. Contaminação fúngica e surgimento de micotoxinas são outras conseqüências sérias. Problemas como esses, além de comprometer a imagem do armazenador, prejudica a competição dos seus produtos por melhores preços.

Entretanto, há providências básicas que podem e devem ser tomadas pelos armazenadores, para assegurar a qualidade dos grãos. Uma delas, é realizar a limpeza geral de todos os equipamentos, retirando o pó acumulado e os resíduos de grãos que

permanecem no interior e no piso das instalações. Esse procedimento evita não só o surgimento de roedores, mas a contaminação e a formação de gases oriundos da decomposição dos grãos. A manutenção preventiva dos equipamentos de armazenagem exige ainda lubrificação de todas as partes móveis, como eixos, alavancas e rolamentos; o reaperto das fixações das peças e a revisão dos pontos sujeitos a corrosão. Outra recomendação útil para o produtor é manter sempre que possível fechadas as pontas e tampas de inspeção dos equipamentos, durante o período de pós-operação, para protegê-los da poeira, insetos e roedores.

Nas máquinas de limpeza, os principais componentes exigem uma inspeção criteriosa. Nos secadores, após o término da operação, recomenda-se deixar os exaustores em funcionamento, para a eliminação dos gases e da umidade decorrentes da secagem. É preciso também efetuar a revisão dos sistemas pneumático e mecânico, dos termômetros e ventiladores axiais. Os transportadores deverão ser limpos e completamente revisados antes da safra, incluindo seus sistemas de acionamento, correias, correntes, estrutura, peças fixas e móveis. Na termometria deve-se monitorar a temperatura de massa de grãos armazenados, acompanhando também a umidade relativa e a temperatura ambiente, e registrando os dados. É necessário também realizar uma revisão geral nos motores, na instalação elétrica e no quadro de comandos.

Na verdade, todo o investimento em manutenção preventiva possui baixo custo e se justifica. Custo alto para o produtor terão as quebras de peças durante a safra ou a redução de preços dos produtos armazenados em função do comprometimento



Divulgação

fitossanitário provocado pela falta de cuidados com os equipamentos.

As perdas médias de grãos no Brasil, estimadas pelo Ministério da Agricultura, Conab e pela FAO, são de aproximadamente 10% do total produzido no ano. Grande parte dessas perdas, no entanto, podem ser evitadas com a adoção de pequenos cuidados com os equipamentos de armazenagem em nível de fazenda.

A tecnificação do agricultor brasileiro, que cada vez mais investe em correção do solo, sementes, insumos, máquinas e equipamentos agrícolas, passa também pela manutenção preventiva, como parte integrante de todo o processo de modernização e um dos fatores indispensáveis para o aumento da margem de lucro a médio e longo prazos. A crescente capacitação do agricultor, na condição de promotor das tecnologias hoje disponíveis no campo, que resultaram em ganhos de produtividade, decorre ainda da evolução da consciência do produtor brasileiro sobre a importância da gestão no agronegócio. ■

Armazenagem a Nível de Fazenda

SUAS SAFRAS MAIS VALORIZADAS!

Possibilidade de escolha da época para comercialização, eliminando o pagamento de taxas de secagem e armazenagem.

Flexibiliza o escoamento da produção na época do pico de colheita, proporcionando redução de gastos com fretes.

Instalações padronizadas, com capacidades para 5, 10, 15, 20, 25 e 30 mil sacos. São integradas por máquinas de limpeza, transportador e silo armazenador, com secador opcional.

FINANCIAMENTO*
Taxas Fixas de
8,75% ao ano.

INFORMAÇÕES

DDG 0800-512104

www.kepler.com.br

marketing@kepler.com.br

KEPLERWEBER®

(* Resolução BACEN nº 2867, de 03 de julho de 2001.

Prazos: até 8 anos. Valores: até R\$ 100.000,00.

Linha de crédito através dos Agentes Credenciados BNDES.

José Maurício de Toledo Murgel

Diretor do Instituto Rural de Meio Ambiente (IRMA) – jmmurgel@irma.eng.br

Lula em PARIS

Para aqueles – principalmente agricultores – que pensam em dar “um voto de protesto” nas próximas eleições presidenciais, transcrevo o editorial “**Lula, defensor do protecionismo europeu**”, publicado no jornal O ESTADO DE SÃO PAULO em 06/10/01. Leia e medite.

Luiz Inácio Lula da Silva acaba de provar, mais uma vez, que não sabe a diferença entre oposição ao governo e oposição ao País. Sua declaração a favor da política agrícola européia, depois do encontro com o primeiro ministro francês, Lionel Jospin, foi feita para ser contra o presidente Fernando Henrique, mas foi um ato contra os interesses comerciais do País. Falando a respeito do que não entende, o dirigente petista defendeu uma política prejudicial ao Brasil e a dezenas de países que poderiam ganhar – e muito – sem as distorções causadas por subsídios e barreiras protecionistas, estabelecidas pelos países mais ricos do mundo.

Essa poderia ser apenas mais uma tolice desimportante, como tantas outras no currículo de Lula e de vários companheiros de partido; mas ele é candidato, de novo, à presidência da República e, por enquanto, é o favorito nas pesquisas de intenções de voto. Admita-se, por hipótese, que seja eleito. Nesse caso, mandará o Itamaraty renegar os interesses brasileiros na Organização Mundial de Comércio (OMC), nas discussões da ALCA e nas negociações com a União Européia? Sim, se for fiel às declarações de Paris e ao seu programa, que se resume em ser tudo o que o governo Fernando Henrique é a favor. A posição assumida por Lula, a favor da política agrícola européia, deverá também valer, se ele for capaz de coerência, para a política adotada nos Estados Unidos. Nesse caso, por que protestar contra o protecionismo adotado também no Japão?

Segundo Lula, a posição européia é correta e corresponde a uma defesa de sua “soberania alimentar” – expressão sobre cujo sentido ele fica devendo explicação. Cabe aos brasileiros, acrescentou, “cumprir a sua parte” para ganhar competitividade. Chegou a hora, disse o presidente de honra do PT, de o Brasil aumentar seus investimentos em tecnologia.

Esses comentários demonstram espatosa ignorância de todas as questões ligadas à política agrícola e aos temas de comércio internacional. É particularmente preocupante que Lula, no giro pela Europa, tenha sido escolhido por um economista, o deputado Aloísio Mercadante – aquele que disse que depois de 11 de setembro os EUA adotaram uma “atitude belicista” (!) –, que supostamente, deveria ter assessorado seu líder. Mas estaria Mercadante preparado para isso? E estaria Lula disposto a ouvi-lo, sem ordenar-lhe em seguida uma autocrítica, como fez recentemente com o economista do PT, Guido Mantega?

O comentário a respeito da “soberania alimentar” é uma demonstração de ingenuidade quase simplória. Subsídios são assuntos abertos à discussão internacional, quando afetam o comércio, distorcendo a formação de preços. Já foram tratados na Rodada do Uruguai, encerrada em 1994. Os países em desenvolvimento, incluindo o Brasil, têm cobrado um cumprimento mais estrito do acordo agrícola celebrado nessa rodada. O tema é um dos tópicos centrais, atualmente, nos debates preparatórios da próxima rodada global de comércio. Diplomatas brasileiros, argentinos, uruguaios, australianos e de muitos outros países exportadores vêm batalhando, em Genebra, para estabelecer uma agenda de negociação favorável a seus pa-

íses. Se Lula e seus auxiliares tivessem mesmo a preocupação de não falar bobagens – como ele sugeriu ao seu assessor Mantega – com certeza teriam, há muito tempo, buscado informar-se a respeito do assunto. A União Européia tem feito o possível para estreitar essa agenda, evitando um compromisso mais sério com a liberação dos mercados. Outro ponto que Lula parece ignorar – e isso pode valer, também, para os luminares econômicos do seu partido – é que a concorrência internacional, no mercado agrícola, está longe de ser determinada pela eficiência produtiva e comercial. É afetada profundamente pela atuação dos governos, por meio de aportes financeiros a produtores de créditos especiais a exportadores e de barreiras tarifárias e não-tarifárias. Trata-se de uma competição entre Tesouros, não entre agricultores. É isso que se pretende eliminar.

Lula mostra desconhecer, igualmente, que a agropecuária é um dos setores que mais se modernizaram no Brasil, nas últimas décadas. Seus ganhos de produtividade, baseados na incorporação de recursos tecnológicos, muitos deles desenvolvidos por pesquisadores brasileiros, têm sido transferidos aos consumidores. Graças a isso, o custo da alimentação perdeu peso nos orçamentos familiares. Todos os institutos de pesquisa de preços, incluindo o Dieese, tiveram de mexer na estrutura de seus índices, para dar conta desse efeito. Se Lula, ex-dirigente sindical, tivesse consultado o organismo de pesquisa econômica dos sindicatos, poderia, talvez, ter falado menos bobagens – seguindo seu próprio conselho... ■

Falando a respeito do que não entende, o dirigente petista defendeu uma política prejudicial ao Brasil

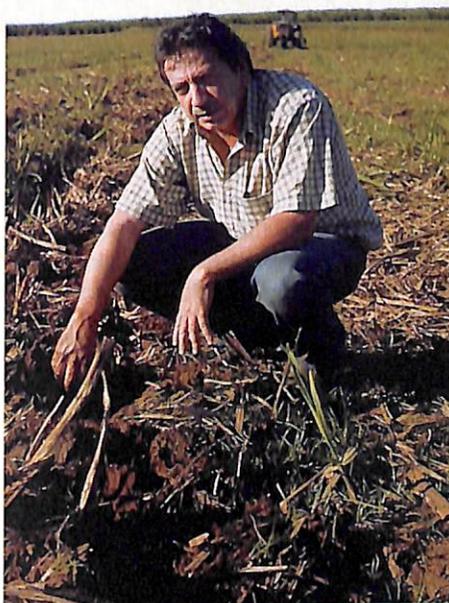
Preservação da palhada chega à CANA-DE-AÇÚCAR

Texto e fotos: Emerson Urizzi Cervi

A lavoura de cana-de-açúcar é tradicionalmente uma das que mais degrada os solos brasileiros. Por vários motivos: impossibilidade de se fazer rotação de culturas, exigência do uso de equipamentos pesados em várias fases da produção, cultivo pelo sistema convencional (que inclui pelo menos duas gradagens pesadas), colheita feita após a queima da cana (o que consome a matéria orgânica) e o plantio sempre nos meses mais chuvosos do ano. Esse conjunto de características faz com que os produtores de cana tenham que usar constantemente técnicas para reduzir as perdas de solo.

O problema começa quando o produtor, apesar de todas as técnicas conservacionistas convencionais, não consegue manter os índices de produtividade mínimos para viabilizar economicamente a lavoura. Em casos assim, apesar das resistências, a única medida a ser adotada é substituir o sistema de produção. Foi o que aconteceu na Companhia Agrícola Usina Jacarezinho, na região norte do Paraná, em 1997. Depois de vários anos com as áreas apresentando quedas na produtividade média por hectare e sem conseguir controlar o crescimento da concorrência das ervas daninhas,

o gerente agrícola da usina, Irineu Fonseca, radicalizou: substituiu o sistema tradicional de preparo do solo pelo chamado preparo químico ou mínimo da cana-de-açúcar. No novo sistema, as áreas



onde serão plantadas as mudas de cana não passam mais por gradagens. Há apenas a dessecação química dos vegetais e uma subsolagem profunda em solos argilosos, antes da abertura dos sulcos. "É necessária uma mudança geral de mentalidade, dos operadores das máquinas até os diretores da empresa", diz o gerente. "Fui criticado quando os nossos parceiros viram os sulcos sendo abertos no meio da palhada".

As dificuldades para mudanças podem ser explicadas pela tradição. A cana-de-açúcar é cultivada há quase 400 anos em nosso país, tendo sido responsável pelo primeiro ciclo econômico da produção de bens primários. Durante todos esses séculos, o plantio foi realizado após sucessivas práticas de revolvimento do solo, para incorporação da matéria seca e descompactação. Os últimos quatro anos da Usina Jacarezinho têm mostrado que o setor canavieiro do Brasil está perdendo dinheiro, por acreditar na força das tradições e por não ceder espaço às inovações tecnológicas. Além de au-

Fonseca mostra técnica da subsolagem feita antes da abertura dos sulcos no sistema de preparo mínimo

Serrana
FERTILIZANTES
Ao lado de quem produz

Safra Milho
136 sc/ha - 99/00
140 sc/ha - 00/01

Safra Soja
50 sc/ha - 99/00
53 sc/ha - 00/01



"Somos consumidores da Serrana Fertilizantes há vários anos, por se tratar de uma empresa idônea que zela pelo cliente, oferecendo produtos de qualidade e com pontualidade. Nos últimos dois anos passamos a usar a linha Microgran com bons resultados, físicos e econômicos".

Palma Sola S/A - Madeiras e Agricultura - Eng. Agr. Ivo José Baccin - Administrador
Área plantada: Milho - 1.170 ha / Soja - 1.220 ha

mentar a produtividade por hectare em mais de 15% entre 1997 e 2001, as lavouras Jacarezinho apresentaram uma redução dos custos de produção de 29% no período. Isso, só para destacar as vantagens financeiras imediatas. De acordo com Fonseca, os ganhos econômicos de longo prazo, como redução da incidência de ervas daninhas e recuperação da fertilidade de solos degradados, são até mais importantes que os números apresentados até agora. “O produtor agrícola precisa acordar para o fato de que a maior riqueza que ele possui é a qualidade do solo. Quando perder isso, restará pouca coisa a fazer”, afirma. Além do controle da erosão, possibilitado pela menor movimentação do solo, o cultivo mínimo – uma espécie de plantio direto para cana-de-açúcar – ajuda a manter a umidade do solo em períodos de estiagem, melhora o *stand* da cana e reduz a concorrência com invasoras.

Entre áreas próprias e de parceiros, a Jacarezinho cultiva 15 mil hectares de cana-de-açúcar por ano na região, estando em operação há 56 anos. “Depois dessas décadas todas de exploração intensa do solo, sem rotação de culturas, seria natural uma queda de produção”,

e teremos um ótimo resultado final”, diz Fonseca. Este ano, o custo total para produzir uma tonelada de cana ficou em R\$ 18. Em 2000, foi de R\$ 22, enquanto a média nacional está estabilizada próxima a R\$ 23 por tonelada. Considerando que o preço médio da cana-de-açúcar no mercado atual está em R\$ 25 por tonelada, a redução nos custos representa um significativo aumento de receita. A meta do departamento técnico da Usina é chegar ao custo de R\$ 17 por tonelada do produto nos próximos anos, ampliando a área com o cultivo mínimo.

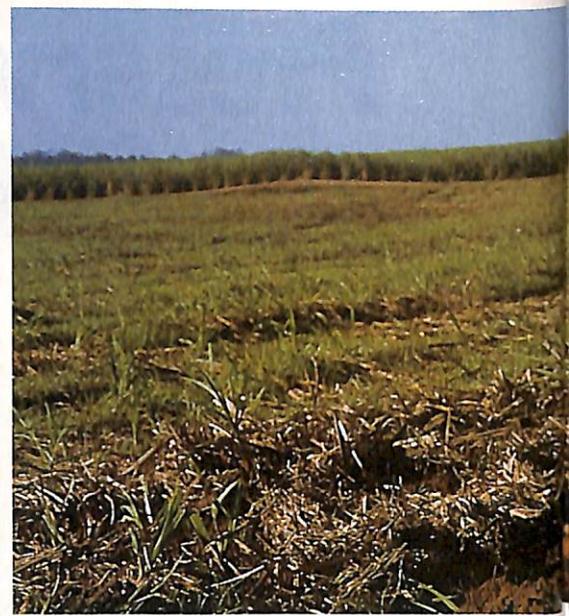
Em 1997, Irineu Fonseca começou a experimentar o novo sistema de produção em um talhão de 200 hectares da usina. Hoje, metade das terras cultivadas pela Usina Jacarezinho já está adaptada ao novo sistema. “O cultivo mínimo prevalece na maior parte das áreas da usina. Estamos realizando palestras e conscientizando nossos parceiros sobre a importância de se adotar o novo sistema de produção, mas eles ainda estão muito resistentes”, explica Fonseca. A resistência dos produtores da região deve-se ao fato de muitos deles não acreditarem ser possível plantar cana-de-

Usina Jacarezinho já contabiliza produtividade superior a 15% e redução de custos de 29%

explica o gerente agrícola. Em 1997, a produtividade média da usina foi de 78 t/ha. Em anos de seca, a produção caía ainda mais. Em 1991, a usina teve sua média reduzida para 51 t/ha. Desde então, quando adotou o cultivo mínimo, aliado a outras técnicas de produção, a produtividade vem crescendo. Em 2001 ela está sendo fechada em 90 t/ha. A média brasileira deste ano ficará próxima das 70 t/ha. Em São Paulo, maior produtor nacional de cana, a média deve ficar em torno de 85 t/ha. As áreas da usina também apresentaram um ganho sensível na qualidade do produto. Atualmente, a Jacarezinho produz, em média, 140 kg/ha de POL (unidade utilizada para medir o potencial de produção de açúcar da planta). A média nacional de POL é de 105 kg/ha. A média de POL das lavouras da Usina Jacarezinho está entre as maiores do País. “Some-se a esse ganho uma economia de quase 30% nos custos de produção

açúcar em terrenos que não estejam totalmente nivelados e pulverizados pelas gradagens. “Além da tradição, também existe a necessidade de informações sobre novas tecnologias, como por exemplo a aplicação de herbicidas antes do plantio, o que ainda é uma novidade para alguns”, afirma. A tendência, segundo o gerente agrícola, é os produtores abandonarem o negócio em poucos anos, caso não procurem se adaptar à nova realidade. “Quando se chega a uma produção de 50 toneladas por hectare, falta pouco para abandonar a lavoura.”

Embora ainda pouco utilizado no Paraná, o cultivo mínimo em cana-de-açúcar não é uma invenção da Usina Jacarezinho. Algumas usinas e destilarias do interior de São Paulo começaram a substituir as grades e arados pelo controle químico pré-plantio no início dos anos 90. “A diferença é que o pessoal de São Paulo começou a fazer o cultivo mínimo para reduzir custos, e nós adotamos



o sistema para viabilizar tecnicamente a produção”, explica.

Técnica — No sistema convencional de plantio da cana, após a colheita, a área passa por pelo menos duas gradagens. A função das grades é nivelar o solo, reduzindo os torrões deixados pelas raízes das plantas, e fazer a descompactação. Depois disso, são abertos os sulcos e realizado o plantio das mudas. O problema é que durante todo esse período, que pode passar de um mês, a área fica desprotegida. Qualquer chuva mais forte carrega o perfil superior do solo para as baixadas e fundos de rios. Para reduzir as perdas por erosão, a receita tem sido a construção de terraços. Porém, estes são insuficientes e reduzem a área útil para plantio. Ao incorporar as ervas daninhas no solo, as grades estão colaborando para a disseminação das invasoras, pois as sementes viáveis serão “espalhadas” por toda a área. Como o plantio da cana é feito nos meses mais quentes do ano, as invasoras têm condições favoráveis para o desenvolvimento, germinando antes das mudas de cana.

Pelo cultivo mínimo, depois da colheita é aplicado o herbicida, que pode ser solteiro ou casado (para folhas largas e estreitas). O próximo passo é fazer uma subsolagem de 40 cm. Em áreas onde não há subsolagem, percebe-se uma acentuada queda de produção a partir do quarto corte. “Não é preciso nem mesmo esperar o mato ficar totalmente seco para fazer os sulcos”, explica o téc-



No cultivo mínimo, após 48 horas do uso de herbicida é possível preparar os sulcos e plantar as mudas

nico. Em até 48 horas após a aplicação do herbicida já é possível preparar os sulcos e plantar as mudas. “Com isso, se reduz o volume de trabalho das máquinas, que podem ser utilizadas em outras atividades”. Fonseca afirma que nas áreas de cultivo mínimo há menos compactação do solo. “Deixa de existir aquela camada superior muito pulverizada e há uma redução no volume de máquinas sobre a área”, explica.

Caso haja resíduos de ervas daninhas na área, após o plantio, é possível fazer uma aplicação localizada de herbicida. Apesar de invasoras como a grama seda, capim argentina e tiririca serem tradicionais concorrentes da cana na região, essas ervas têm-se mostrado menos resistentes ao controle químico. A palhada que fica sobre o solo dificulta a germinação de inços. A combinação de técnicas de cultivo com o uso criterioso

de produtos químicos aumenta a capacidade de controle das invasoras dos canaviais. A grama seda, por exemplo, é muito difícil de ser combatida por herbicidas seletivos quando germina junto com a cana.

Os tratos culturais seguintes da lavoura de cana-de-açúcar são iguais ao sistema convencional. Com a redução das perdas por erosão, Fonseca está diminuindo o número de terraços nas áreas e ganhando espaço para plantar cana. Isso gera outro resultado positivo, que é a possibilidade da colheita mecanizada. “Quando as áreas não têm terraços e a declividade é de até 6%, é possível fazer sulcos retos, o que facilitará muito a colheita mecanizada”, conta. “No sistema convencional, as máquinas não conseguem render o necessário, porque há muitos obstáculos. Esse tem sido um dos principais responsáveis pela não-utiliza-

ção da colheita mecanizada.”

Simultaneamente ao cultivo mínimo, Irineu Fonseca adotou um programa de mudas sadias para a Usina, em parceria com órgãos de pesquisa. Até 1997, não havia nenhum tratamento para as mudas de cana na região. A partir da seleção de variedades e o tratamento térmico dos estolões, passou a existir um controle maior de doenças na lavoura comercial e um aumento no percentual de mudas viáveis. O resultado pode ser percebido na redução da necessidade de mudas. Até 1997, a usina precisava plantar entre 15 e 18 toneladas de mudas por hectare. Hoje, esse número fica entre 10 e 12 toneladas. Os resultados foram tão favoráveis que aumentou a procura por mudas da usina. Hoje, elas são vendidas a R\$ 120 a tonelada para produtores que não fornecem cana à usina, e a R\$ 50 para os parceiros. ■

(51) 3233-1822 - RS

Novo telefone
das revistas



O BRASIL AGRÍCOLA
agranja



São Paulo continua (11) 220-0488

AÇÚCAR E ÁLCOOL

Novas perspectivas para o setor

Durante a semana de 15 a 19 de outubro deste ano, a cidade de São Paulo sediou os maiores *players* do mercado internacional de açúcar. O ponto culminante foi o I Sugar Dinner brasileiro, evento tradicional nas praças de Londres e Nova Iorque, que teve como principal tema a perspectiva para o setor nas próximas safras. Há consenso de que realmente a safra 2002/2003 deva ser maior em relação à safra 2001/2002. Os números apresentados por algumas consultorias indicam que o Brasil terá uma produção de cana da ordem de 295 milhões de toneladas, com uma produção de açúcar de cerca de 19,2 milhões de toneladas (9,2 milhões para exportação e 10 milhões de t destinada para consumo interno). Quanto ao álcool, estima-se uma produção de 11,8 milhões de metros cúbicos (6 milhões de álcool anidro e 5,8 milhões de metros cúbicos de álcool hidratado). Durante o evento, o ministro da agri-

cultura Pratini de Moraes anunciou que a mistura de álcool anidro na gasolina deverá passar para 24% e também abriu a possibilidade de, na próxima safra, chegar a 26%. Enquanto no mercado de anidro existe previsão de aumento na demanda, as perspectivas para o álcool hidratado, segundo fontes do mercado, constataam uma redução na demanda de sete pontos percentuais em um ano, competição que só tende a se acirrar com o gás natural veicular (GNV). Alguns analistas mais radicais afirmam que o produto tende a desaparecer com a extinção total do mercado de veículos a álcool.

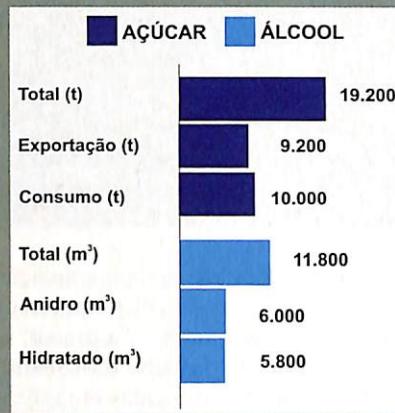
Na BM&F, o vencimento março de 2002 fechou cotado em 18/10 a US\$ 9,22/sc de açúcar e R\$ 690/m³ de álcool anidro, enquanto que para agosto de 2002 o mercado indica US\$ 7,10/sc e R\$ 545 por m³, queda de 23% para o açúcar e de 21% para o álcool, no período.

Adriano Barrichello, gma@bmf.com.br

Artigo redigido em 19/10/2001



PREVISÃO PARA SAFRA 2002/2003



ALGODÃO

Preços baixos e redução na área de plantio

Os programas de apoio à comercialização criados pelo Governo Federal, como a AGF e o Programa de Escoamento de Produto de Algodão (PEP), não estão sendo suficientes para alterar o quadro de baixos preços do algodão, em virtude principalmente da conjuntura internacional de grande oferta, do aumento da produção nos principais países produtores e da retração das grandes economias. O Governo Federal está dando continuidade aos leilões de PEP, em razão de não ter atingido o volume programado. Até o 11º leilão foram negociados 164.398 t, totalizando R\$ 49,95 milhões. No corrente ano, até a presente data, os registros de negócios na BM&F totalizaram 50.172 t destinadas à exportação e 25.055 t provenientes da importação (Paraguai é o responsável por mais de 50%). Do montante destinado à exportação, 44.792 t são referentes à safra 2000/2001 e 5.350 t à safra 2001/

2002.

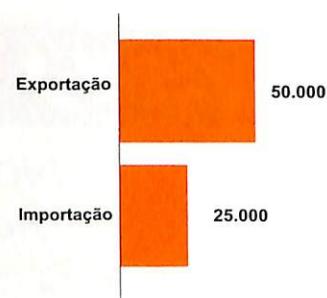
Segundo fontes do mercado, a expectativa é de que haja uma redução na área de plantio para a próxima temporada, podendo chegar a 20% da área nacional cultivada. Já nos EUA, a previsão é de que a safra 2001/2002 deverá alcançar 20,07 milhões de fardos, volume maior que o estimado para a safra 2000/2001, de 17,19 milhões de fardos, segundo estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Com relação às exportações de algodão norte-americanas, houve alta na primeira quinzena do mês de outubro, 48% acima da média de quatro semanas, o que obviamente contribuiu para pressionar para baixo os preços internacionais, não só devido à oferta, mas também aos elevados subsídios alocados pelo Tesouro Americano para a produção e comercialização do produto, principalmente para as operações de exportações.

Fabianna Lie Minekawa, gma@bmf.com.br

Artigo redigido em 19/10/2001



REGISTROS DE NEGÓCIOS BM&F - Em t janeiro a outubro/2001



MILHO

BM&F lança novo contrato futuro

A BM&F alterará, a partir de 26 de outubro, as características do contrato futuro de milho. Diante do considerável aumento da demanda pelas agroindústrias do setor, existe cada vez mais a necessidade de contar com um instrumento eficaz para a administração dos riscos. Dessa maneira, o novo contrato de milho será negociado para vencer a partir da nova safra de verão, março de 2002. Esse contrato terá como principais especificações: (a) local de formação de preço: praça de Campinas; (b) entrega física: poderá ser feita em armazéns credenciados pela BM&F nas praças de produção; (c) cotação: reais por saca. Também há possibilidade da liquidação física através de Cédulas de Produtos Rurais (CPRs), avalizadas por bancos, após definição dos critérios por parte da BM&F.

As exportações de milho, que vinham em um bom ritmo em 2001, de-

saceleram nas últimas semanas devido à esperança dos vendedores em uma alta dos preços para o final do ano. Isso pode impedir que o Brasil exporte 5 milhões t em 2001, o que era esperado pelo mercado. No momento, observa-se que o mercado tende a evitar vendas concentradas, pois fatores como o câmbio, a evolução da safra 2001/2002, evolução das exportações e novos fluxos de comercialização para o setor tendem a delinear qual será a tendência do preço.

O mercado internacional continua apresentando uma crescente demanda pelos dois principais segmentos consumidores de milho: avicultura e suinocultura. Segundo dados da Secex, de janeiro a agosto deste ano as exportações de carne de frango apresentaram um incremento de 35,18% e para a suinocultura o aumento foi ainda maior, 104,3%, ambos comparados ao mesmo período do ano passado.

Seneri Kernbeis Paludo, gma@bmf.com.br

Artigo redigido em 19/10/2001



CONSUMO DE MILHO NO BRASIL POR SEGMENTO
2001 - Estimativa



CAFÉ

Governo define a renegociação das dívidas

Os Ministérios da Fazenda e da Agricultura estão finalizando a proposta que garantirá a renegociação dos quase R\$ 1 bilhão devidos pelos cafeicultores junto ao Funcafé. A rolagem que está sendo examinada prevê prazo de pagamento de até 12 anos com prestações fixas. Porém, os agricultores mantêm o pedido de prazo de 20 anos, com três de carência e a equivalência em produto. As cerca de 600 mil sacas de café retidas devido ao plano de retenção com recursos do setor privado, foram liberadas para comercialização. Os interessados deverão solicitar a liberação à Secretaria da Produção e Comercialização do Ministério da Agricultura. Os números divulgados recentemente pelo Conselho Nacional do Café sobre o recebimento pelas cooperativas continuam despertando o interesse do mercado. Entre maio e setembro, as principais cooperativas do País receberam 5,53 milhões de sacas, volume cerca de 30% menor do que o

registrado no mesmo período do ano passado. Sabe-se que as cooperativas recebem um volume de cerca de 30% do total colhido no Brasil. Diante disso a perspectiva seria de uma safra menor para 2001, em relação ao colhido em 2000. No entanto, alguns agentes de mercado apostam que o País colherá mais do que no ano passado. A exportação brasileira de café verde cresceu 1,46% em setembro, em relação ao mês anterior. O Cefacafé informou que, em setembro, foram embarcadas 2.173.097 sacas, em comparação com 2.141.741 sacas em agosto. As cotações da BM&F, com base no vencimento dezembro/2001, encerraram o período de 4 a 21 de outubro em US\$ 45,70/saca com redução de US\$ 1/saca e Nova Iorque com baixa de US\$ 2,15/lp, atingindo US\$ 43,85/lp. Os estoques da bolsa de Nova Iorque (CSCE) encerraram o período com 3.340.858 sacas e na BM&F com 1.259.283 sacas.

Eduardo de Siqueira Ribeiro, gma@bmf.com.br

Artigo redigido em 19/10/2001



EXPORTAÇÕES



Ricardo Câmara Ferreira, gma@bmf.com.br

Artigo redigido em 19/10/2001

SOJA

A aposta principal é a exportação

O Brasil continua apostando na soja como o principal produto agrícola para a exportação, apesar de todas as dificuldades vividas por parte dos produtores, em função da escassez de recursos para financiamento e da própria irregularidade do mercado.

A produtividade brasileira vem aumentando desde a safra 1995/96 e na atual safra 2000/01 não foi diferente, pois a produtividade chegou a 2.675 kg/ha, sendo esperado um aumento ainda maior para a próxima safra 2001/2002.

A decisão dos produtores de aumentar o plantio se deve à sua liquidez no mercado internacional, à atual desvalorização cambial, e ao cenário baixista para outros produtos que concorrem em áreas com a soja, como o milho e o algodão, que não tiveram preços competitivos este ano.

Com tudo isso, o mercado dispo-

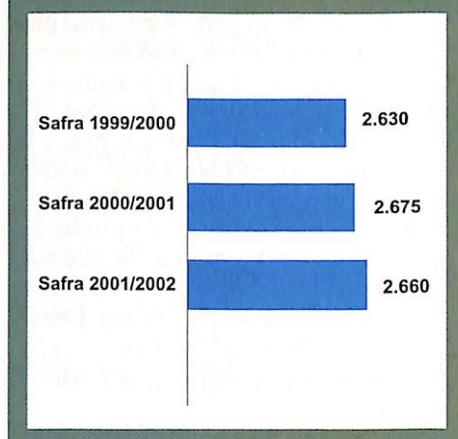
nível da soja teve pequena retração na semana e praticamente houve poucos negócios. A exportação da nova safra também ficou parada, com pequenas quedas do dólar e as baixas de Chicago acabaram deixando o mercado totalmente esvaziado.

Apesar de sinalizar com baixas de preços, no mercado interno, os preços continuam estáveis. Nas regiões sul e sudeste, os preços oscilam entre R\$ 29 e 31/sc; na região centro-oeste, entre R\$ 28 e 30/sc; e na região nordeste, entre R\$ 25 e 27/sc; justamente porque os Estados Unidos ainda não terminaram de colher toda sua safra deste ano. No entanto, os norte-americanos esperam uma safra recorde de aproximadamente 165 milhões de toneladas e a demanda internacional continua firme.

O indicador Esalq/BM&F fechou sexta-feira (19/10/01) com o preço de R\$ 29,58/sc de 60 kg.



PRODUTIVIDADE MÉDIA BRASILEIRA DE SOJA kg/ha



BOI GORDO

Novo recorde de exportações para agosto

O mercado de boi gordo operou em alta nos últimos trinta dias, o indicador Esalq/BM&F fechou em R\$ 47/@, no último dia 19, R\$ 4,56/@ acima do fechamento da mesma data do mês anterior. Dentre os fatores que motivaram essas elevações nos preços, o principal é o novo recorde histórico no volume de carne bovina exportado em agosto, que superou em 125% o mesmo mês de 2000. Outro fator que colaborou com a valorização dos preços da arroba é a restrição das vendas por parte dos produtores, que em situações de entraves políticos e indefinições sobre a economia mundial, preferem reter seus bois. O mercado comenta uma meta de preço de R\$ 50/@ até novembro, patamar que só será atingido se as exportações continuarem dando suporte e se não ocorrer uma grande oferta de venda por parte dos pecuaristas neste final de entressafra.

Grandes lotes de gado confinado retidos pelos pecuaristas podem chegar ao mercado a qualquer momento, principalmente com a intensificação das chuvas em outubro, que inviabilizam completamente essa retenção. Outro fator importante a ser lembrado é o alojamento recorde de pintos, aumentando a oferta de carne de frango no mercado, inibindo as contínuas altas de preço.

O mercado atacadista fechou a semana de 19/10/2001 com pouca oferta, mas com demanda ajustada. O traseiro foi negociado a R\$ 3,70/kg, o dianteiro a R\$ 2,20/kg e a ponta de agulha R\$ 2/kg. O mercado futuro de boi gordo na BM&F teve novo recorde, atingindo um total de 7279 contratos em aberto. Os vencimentos outubro, novembro e dezembro fecharam no dia 19 em R\$ 48,50/@, R\$ 49,05/@ e R\$ 49,10/@, respectivamente.

Caio Rivetti, gma@bmf.com.br

Artigo redigido em 19/10/2001



MERCADO ATACADISTA EM 19/10/2001



ARROZ

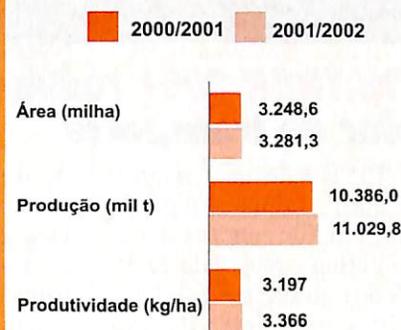
Cautela para a próxima safra

Otimismo e cautela marcam o início do período de plantio da safra 2001/2002. Os preços em alta registrados no último mês não animaram os produtores a ponto de refletir num possível aumento da área plantada no Rio Grande do Sul. Apesar do mercado estar reagindo positivamente, com preços que variam de R\$ 19,80 a R\$ 20,20 pela casca no interior gaúcho e R\$ 21,00 no Litoral Norte, o primeiro levantamento de intenção de plantio realizado pelo Instituto Riograndense do Arroz (Irga) revelou um pequeno acréscimo de 1,68% na área plantada no Estado. Os gaúchos deverão cultivar neste ano 958,4 mil, contra 942,6 mil hectares do ano passado. A expectativa é que o mercado se mantenha na faixa dos R\$ 17 para a saca de 50 quilos na próxima safra. Um dos fatores que pode contribuir para preços mais atrativos em 2002 é a confirmada redução de 50% na área cultivada no Uruguai e na Argentina, reduzindo sig-

nificativamente a concorrência com o produto nacional. No primeiro levantamento de intenção de plantio da Conab mostra que a área cultivada deverá sofrer uma variação positiva entre 1 e 2,6% em relação à safra 2000/2001. O Brasil deverá colher entre 11,02 e 11,23 milhões de toneladas, o que corresponde a um aumento entre 6,2% e 8,2%, respectivamente, sobre o volume produzindo no ano-safra anterior. A produtividade média deverá saltar de 3.197 para cerca de 3.366 quilos por hectare, um incremento da ordem de 5,3%. Nos dois maiores estados produtores, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, o aumento médio da produtividade deverá ficar em 1,4%. Apesar do aumento pouco significativo na produção nacional, o abastecimento interno não deverá sofrer qualquer percalço, em virtude do estoque de passagem, que será da ordem de 1,6 milhão de toneladas. Assim, o suprimento interno será de 13,5 milhões de toneladas.



INTENÇÃO DE PLANTIO



TRIGO

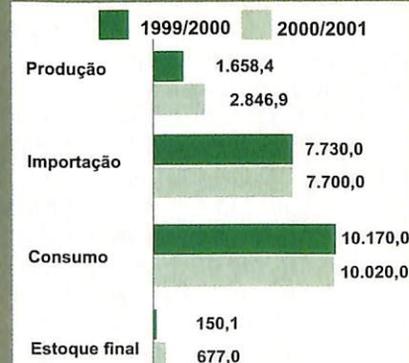
Colheita prevista é de 2,8 milhões de toneladas

Apesar das chuvas que interromperam o trabalho de colheita nas principais regiões produtoras, a safra nacional de trigo deve chegar a 2,84 milhões de toneladas. No ano passado, a colheita ficou em 1,65 milhão de toneladas. O Paraná promete ser o responsável por 65% do volume a ser colhido neste ano. O Rio Grande do Sul, segundo produtor nacional, espera colher 1,08 milhão de toneladas do cereal em 605.497 hectares plantados. A previsão de importação ultrapassa a faixa dos sete milhões de toneladas, visto que o consumo nacional de trigo é maior que 10 milhões de toneladas. Segundo especialistas do setor, os ataques dos Estados Unidos contra o Afeganistão não devem, inicialmente, comprometer a oferta de trigo no cenário internacional e no Brasil. Mesmo dependendo das importações, o Brasil tem oferta garantida do produto argentino. Anuncia-se, no entanto, que

o Brasil poderá reduzir as compras de trigo da Argentina em função de problemas de qualidade na atual safra. Também há o indicativo de interesse dos Estados Unidos pelo mercado brasileiro. Em outubro, o Brasil anunciou a possibilidade de ingresso no País de trigo importado que for classificado como 'fora de tipo', por problemas como o excesso de impurezas, umidade ou matérias estranhas. A decisão integra a Normativa Número 7, que institui o novo Regulamento Técnico de Identidade e Qualidade do Trigo. Para liberar o trigo, uma vez que a normativa entra em vigor em janeiro de 2002, o Governo pretende fazer uso do item 543 do regulamento técnico, que diz que o Ministério da Agricultura pode, excepcionalmente, autorizar a utilização do trigo fora das especificações estabelecidas e disciplinar os critérios e procedimentos a serem adotados para o produto.



OFERTA E DEMANDA DE TRIGO Em mil toneladas





Divulgação

FENATRAM 2001 reúne o melhor do setor de transporte

A 13ª edição da Fenatram 2001 – a maior feira de transportes de carga da América Latina – realizada de 15 a 19 de outubro em São Paulo/SP, reuniu cerca de 130 expositores nacionais e estrangeiros do segmento de montadoras, fabricantes de carrocerias, autopeças, pneus e prestadores de serviços. Mais de 25 mil visitantes circularam no Salão Internacional do Transporte, conferin-

do as novidades do setor. Segundo o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Célio de Freitas Batalha, o setor de transporte de carga no Brasil já está consolidado. "Ele cumpre com determinação seu papel no desenvolvimento econômico e está pronto para enfrentar desafios da economia e do transporte", afirmou.

CATERPILLAR recebe certificação ISO 14001

A Caterpillar Brasil conquistou recentemente a certificação ISO 14001, concedida pelo ABS Quality Evaluations, Inc. Com isso, tornou-se a primeira fábrica da Corporação Caterpillar a receber essa distinção, que demandou investimentos da ordem de US\$ 6 milhões. Segundo o presidente William Rohner, a ISO 14001 garante a sustentação necessária para o sucesso da estratégia de crescimento da empresa e os objetivos na área de responsabilidade social. A certificação reforça as ações de respeito ao meio ambiente, a partir do projeto de construção da fábrica. A uni-

dade de Piracicaba/SP eliminou do seu processo produtivo, das peças e dos componentes as substâncias nocivas à saúde, como o cromato de chumbo da tinta, o cádmio das peças e o amianto. Os transformadores elétricos, que continham ascarel, foram removidos da fábrica. A empresa também suprimiu de seu processo e de seus produtos as substâncias cloro-fluorcarbonadas (prejudiciais à camada de ozônio), investindo na suspensão de todas as tubulações e tanques subterrâneos de óleos, para evitar possíveis contaminações do solo e do lençol freático.

Serrana lança tecnologia para adubar com **PRECISÃO**

A Serrana, uma das divisões da Bunge Fertilizantes, é pioneira no uso da tecnologia de precisão para um melhor aproveitamento do terreno. A técnica permite coletar amostras do solo por meio de um equipamento sofisticado (quadriciclo), equipado com receptores de satélite. A máquina retira as amostras e armazena em computadores de bordo todos os dados sobre o local da extração. Dessa forma, os agrônomos da Serrana podem analisar o terreno no ponto

amostrado e verificar os respectivos níveis nutricionais que apresenta. Após essa etapa, são preparados mapas de aplicação de nutrientes, que indicam a variação de cada elemento na quantidade necessária. A tecnologia permite à empresa a criação de um banco de dados com informações sobre produtividade, fertilidade do solo, condições climáticas e proteção contra pragas e doenças. Os dados podem ser enviados para os clientes da Serrana via Internet.

APROSOJA tem novo presidente



Divulgação

O diretor-presidente da Associação Brasileira de Sementes e Mudanças (Abrasem), Ywao Miyamoto (na foto à direita), assumiu recentemente a presidência da Associação Brasileira dos Produtores de Soja, substituindo José de Barros França Neto (à esquerda). A nova diretoria da Aprosoja é formada por lideranças de vários estados brasileiros. "Vamos consolidar o trabalho da entidade, envolvendo produtores de todo o Brasil e criando uma rede nacional para os interesses desta cultura",

frisou Miyamoto, que fica no cargo até 2003. O novo presidente anunciou que pretende atuar fortemente junto à política nacional de soja, com vistas ao mercado externo. "Vamos estabelecer pautas, participar da definição de padrões, de impostos e incentivos", disse. Miyamoto pretende ainda respaldar e estimular o mercado interno para as grandes mudanças que estão se iniciando, com produção de soja diferenciada, incluindo-se transgênica e soja especial para alimentação.

PRATINI revê previsão de superávit

O ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, está revendo (para cima) a expectativa com relação ao superávit esperado para a balança comercial do agronegócio. A previsão inicial era de que ficasse em torno de US\$ 17 bilhões. Segundo Pratini, o resultado do mês de setembro permite elevar essa projeção para uma marca superior a US\$ 18,5 bilhões. Setembro apresentou superávit de US\$ 1,829 bilhão, considerado excelente pelos técnicos do governo. As exportações no mesmo período foram de US\$ 2,191 bilhões, contra US\$ 1,703 bilhão em setembro do ano passado. Já as importações, de US\$ 362 milhões, registraram uma queda de 24% em relação ao mesmo período de 2000. O superávit acumulado do agronegócio, nestes últimos 12 meses, é de US\$ 17,95 bilhões.



Motores CUMMINS série B para colheitadeiras MF

Toda a linha de colheitadeiras produzidas pela Massey Ferguson no Brasil está equipada com motores fornecidos pela Cummins Latin America. A Cummins, que é parceira da Massey Ferguson desde 1996 e equipa a linha pesada de suas colheitadeiras nacionais e importadas, passou a fornecer motores da sé-

rie "B" (de alta tecnologia e menor preço) para dois modelos de menor porte. A MF 3640 recebe motor de 130 cv e, a MF 5650, motor de 174 cv. A Cummins Latin America, com fábrica em Guarulhos/SP, produz cerca de 32 mil motores por ano e apresenta um faturamento acima de US\$ 260 milhões.

COOPAVEL é destaque agrícola

A Cooperativa Agropecuária Cascavel Ltda. conquistou o título de melhor empresa brasileira do setor de agricultura. A seleção foi realizada pela Fundação Getúlio Vargas utilizando critérios inovadores de desempenho, que incluem crescimento sustentável, receita líquida, rentabilidade, margem de atividade, liquidez corrente, geração de valor, cobertura de dívidas, endividamento bancário e giro do ativo. O título "Empresa de Valor 2001" foi a maior premiação já recebida pela Coopavel e também o maior prêmio concedido a uma empresa brasileira do setor agrícola. Segundo o diretor-presidente da Coopavel, Dilvo Grolli (na foto), o troféu veio coroar os 30 anos de trabalho e homenagear todos os associados e funcionários da empresa. "Este é um prêmio conquistado pela determinação, pela união e dedicação de todos os que formam a família Coopavel", disse.



Divulgação

MONSANTO investe em fábrica na Bahia

A nova unidade da Monsanto, instalada no Pólo Petroquímico de Camaçari/BA, já consumiu investimentos de US\$ 350 milhões, alocados somente na primeira fase da obra. A fábrica prevê a produção de 390 contêineres da matéria-prima ácido fosfometil imunodiacético (PIA), utilizada na fabricação do herbicida Roundup. A produção será exportada para a Argentina e para a unidade de São José dos Campos/SP, responsável pela produção do herbicida.

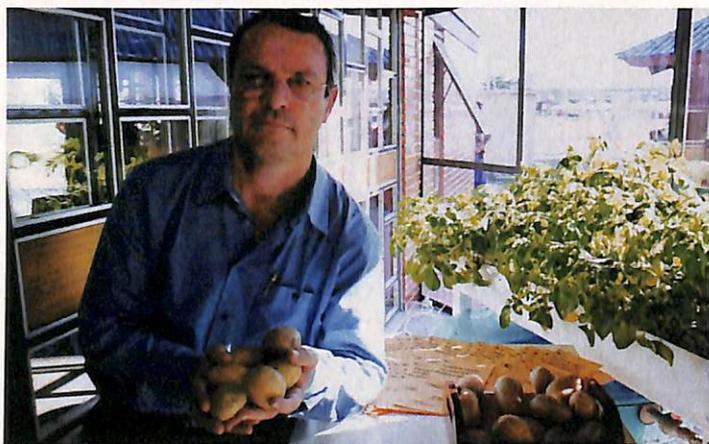
ANOTE AÍ

Será realizado nas cidades de Campinas (onde começa) e São Paulo/SP, de 6 a 11 de novembro, o Americavestruz 2001. Em meio ao evento, que é organizado pela Associação dos Criadores de Avestruzes do Brasil (ACAB), serão realizados o 9º Congresso Mundial e o 2º Congresso Brasileiro de Estruticultura. Especialistas debaterão temas relativos ao mercado, sanidade e tecnologias. Outro acontecimento inédito, em São Paulo/SP, será a 1ª Exposição Nacional do Avestruz. Informações (11) 3031-0380.

De 10 a 18 de novembro, Santo Ângelo/RS sediará a 10ª edição da Fenamilho, a ter lugar no Parque de Exposições Siegfried Ritter. A Fenamilho Internacional é uma feira mista que divulga as potencialidades regionais nas áreas industrial, comercial, agropecuária e gastronômica. Informações (55) 3313-6313.

De 13 a 14 de novembro acontecerá em Santo Ângelo/RS o I Congresso do Mercosul, o II Congresso Brasileiro e o IV Congresso Gaúcho de Minhocultura: uma alternativa econômica e ecológica na agricultura. Serão debatidos temas como a importância da minhocultura na agroecologia, a vermicompostagem, além da apresentação de trabalhos técnicos sobre o assunto. Informações pelo telefone (55)3312-1414 ou e-mail emangelo@emater.tche.br.

O Colégio Brasileiro de Nutrição Animal (CBNA) realizará, de 28 a 30 de novembro, no auditório do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), o "Simpósio sobre manejo e nutrição de aves e suínos e tecnologia da produção de rações". Mais informações pelo fone (19) 3232-7518.



Leonardo Cabral

BRS-LIZA concorre com importadas

Uma batata com características agrônômicas e comerciais fortes, para concorrer com as importadas, já pode ser cultivada em lavouras de diferentes regiões do Brasil. Trata-se da BRS-Liza, uma nova tecnologia desenvolvida pela Embrapa. A cultivar é adequada ao mercado de mesa e se distingue pela excelente aparência dos tubérculos e a forte resistência a doenças. Para os agricultores, a Liza possibilita economia nos custos de produção. O pesquisador Arione da Silva Pereira (na foto), da Embrapa Clima

Temperado (unidade que desenvolveu a cultivar), garante que essa é a única batata nacional em condições de concorrer, por exemplo, com a holandesa Monalisa. “Ela tem potencial produtivo superior a 50 t/hectare, casca branca semelhante às melhores variedades importadas, película lisa e amarelada, e uma polpa amarelo-clara”, afirma Pereira. Resistente à pinta preta e à requeima, piores doenças foliares da cultura, ela exige um número bem menor de aplicações de fungicidas na parte aérea da planta.

DEKALB lança linha de híbridos

Depois de estudar a fundo cada região brasileira e perceber as necessidades dos agricultores, a Dekalb criou uma nova forma de classificar seus híbridos de milho. São quatro diferentes Linhas Máxima Produtividade: sanidade, precocidade, grão qualy e especialidades. O primeiro tipo é ideal para produtores que exigem tolerância e produtividade ao mesmo tempo, com híbridos que suportam doenças e adversidades climáticas. Na linha precocidade, a característica é a rapidez, com híbridos que produzem mais em menor tempo. A grão qualy apresenta grãos resistentes, com excelente padrão comercial. Já a linha especialidades é ideal para objetivos específicos de produção. O melhor, nas categorias solagem, milho branco e outros nichos de mercado.



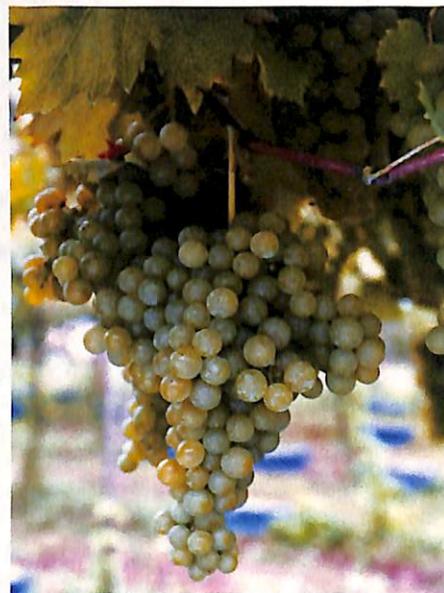
Divulgação

MAPA credencia novo laboratório

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) concedeu credenciamento ao Laboratório de Diagnóstico Fitossanitário da Universidade da Região da Campanha (Urcamp), localizado em Bagé/RS. Com isso, o Laboratório poderá realizar análises de fungos em produtos de origem vegetal e emitir laudos de diagnósticos fitossanitários, tanto para consumo interno como para exportação.

CULTIVAR para espumantes

A Embrapa Uva e Vinho, de Bento Gonçalves/RS, lançou recentemente uma nova cultivar de uva, adaptada à região da Serra Gaúcha e ideal para a elaboração de vinhos espumantes. A BRS Lorena, normalmente apresentada em dois cachos por broto, possui médio vigor e alta fertilidade. Tem hábito de crescimento ereto e brotação relativamente precoce. Outra vantagem da nova cultivar, obtida a partir do cruzamento entre Malvasia Bianca e Seyval, é a boa resistência às doenças fúngicas. O vinho branco de mesa, elaborado com a BRS Lorena, vinificado pelo sistema clássico de elaboração em branco, produz vinhos com Ph em torno de 3,4 e cor amarelo-palha, com reflexos esverdeados. Já o espumante elaborado pelo processo Asti apresenta cor amarelo-palha, com espuma resistente e espessa.



Divulgação

Fungo combate a CIGARRINHA

Dados do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte revelam: a cigarrinha das pastagens pode acarretar perdas que variam de 15 a 100%, dependendo da infestação. Preocupada com esses números, a Estação de Aviso Fitossanitário, localizada em São José do Rio Claro/MT, está produzindo fungos para utilização no controle biológico da praga. Ele permite ação mais específica, permanente e não provoca desequilíbrio ambiental. Além disso, tem custos mais baixos, po-

dendo-se adquirir um quilo do produto por R\$ 5,50. Para cada hectare de pastagem é necessário aplicar de 600 a 900 gramas do fungo, conforme o grau de infestação. O biocontrolador consegue agir sobre três fases da cigarrinha: ovo, ninfa e adulta. Uma das preocupações da Estação tem sido alertar os pecuaristas para os prejuízos acarretados pelas cigarrinhas e apresentar a alternativa de controle biológico, já amplamente adotada nas culturas da seringueira e da cana-de-açúcar.

NOVIDADES NO MERCADO

Nova **GRANELEIRA** no mercado



Divulgação

A Indústria de Máquinas Agrícolas Fankhauser está lançando a Carreta Graneleira modelo 8015. Com grande capacidade de carga, comportando até 15.000 litros, ela está equipada com sobretanque de paredes inclinadas para evitar o repique de grãos. Além disso, oferece como opcional um cilindro hidráulico para posicionamento do tubo de descarga e outro para abertura e fechamento do registro do sem-fim. O tubo de descarga de 320 mm de diâmetro possibilita grande rapidez no fluxo de grãos. A nova carreta da Fankhauser faz parte da linha 8000 e acompanha a colheitadeira na lavoura.

Indústria de Máquinas Agrícolas Fankhauser Ltda. Av. Mauá, 2092, CEP 98940-000, Tuparendi, RS, Fone: (55) 3543.1108, Fax: (55) 3543.1148. E-mail Depto. Vendas: vendas@fankhauser.com.br Home page: www.fankhauser.com.br

PLANTADEIRA tração animal para PD

O agricultor que trabalha sua terra através do plantio direto está ganhando outra aliada. Trata-se da Plantadeira Tração Animal da Knapik Ltda, destinada para o plantio de feijão, soja, milho, girasol, algodão, etc. O novo implemento é ideal para a adubação química ou orgânica, distribuição de sementes por disco de grão a grão, além de possuir disco independente.



Divulgação

Indústria Mecânica Knapik Ltda. Rua Prof. Alfredo Metzler, 450, Bairro Santa Rosa, CEP 89400-000, Porto União/SC, e-mail: knpk@net-uniao.com.br, Home page: www.knapik.cjb.net

VERSATILIDADE nas estradas



Divulgação

O caminhão C-1630 é o mais novo integrante da família de estradeiros da linha Cargo, da Ford. Com motor Cum-

mins de 291 cv, o modelo tem entre-eixo de 4.800 mm e capacidade de tração de 43 toneladas de peso bruto total combinado, quando truncado com carreta de dois eixos. Essa configuração é ideal para o transporte a longas distâncias de cargas com maior volume em relação ao peso, maximizando a carga por viagem.

Ford do Brasil Ltda, Av. do Tabuão, 899, prédio 1, 1º andar, CEP 09655-900, São Bernardo do Campo/SP. Home page: www.ford.com.br-voce.

VOLKS 26 toneladas

Com o lançamento da linha 2002, a Volkswagen está disponibilizando no mercado os modelos da linha 6X4, VW 26.220, VW 26.260 e VW 26.310 Titan, com capacidade técnica aumentada e unificada em peso bruto total, que passa para 26 toneladas. Com potência de 218,256 e 303 cavalos a 2.200 rpm, respectivamente, os veículos são adequados para serviços pesados, inclusive fora da estrada, como no transporte madeira e de produtos agrícolas, como grãos e cana-de-açúcar.



Divulgação

Volkswagen do Brasil Ltda, Via Anchieta, km 23,5, CEP 09823-990, São Bernardo do Campo/SP, Fone: (11) 4347-2086, Fax: (11) 4347-2175.

ZF lança **TRANSMISSÃO compacta**

Uma transmissão compacta e leve, com excelente relação peso-potência. Assim é a nova transmissão 5S-510 da ZF do Brasil S.A. Desenvolvida em parceria com a unidade da ZF dos Estados Unidos e fabricada unicamente no Brasil, o modelo é destinado a veículos comerciais produzidos no País e no exterior. Seguindo a mais recente tendência mundial, a 5S-510 é a primeira transmissão nacional da categoria com sino de embreagem integrado em alumínio, injetado e alta pressão. Essa tecnologia resulta em ganhos na usinagem e proteção do meio ambiente.



Divulgação

ZF do Brasil S.A. Av. Conde Zeppelin, 1935, CEP 18103-000, Sorocaba/SP, Fone: (15)235.2525, home page: www.zf-group.com.br



Divulgação

Dante de Oliveira exerce seu segundo mandato como governador do Mato Grosso. Foi deputado estadual, deputado federal, ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário e duas vezes prefeito de Cuiabá

CRESCIMENTO induzido

Considerado o estado que mais cresce no País, Mato Grosso vive um novo momento de transformação na sua economia. Mas para chegarmos a esse estágio, foram necessárias algumas medidas, como o ajuste fiscal, o planejamento estratégico e a reforma do Estado, que possibilitou a modernização da máquina administrativa, deixando de lado a concepção de gerente para indutor do desenvolvimento. Tudo isso para gerar mais riquezas e mais empregos.

Sempre afirmo - durante os seminários "Mato Grosso, É Hora de Investir", apresentados nas principais cidades brasileiras, da Europa e dos Estados Unidos, com a finalidade de buscar novos investimentos para o nosso Estado - que Mato Grosso está vivendo uma nova era de desenvolvimento. É o maior produtor de soja (9,2 milhões de toneladas) e de algodão (58% da safra nacional, com a cadeia produtiva gerando 85 mil empregos). A produção de arroz (1,84 milhão de toneladas) é a segunda do Brasil e a de milho é de 1,5 milhão de toneladas.

No caso do algodão, esses resultados são recentes e graças ao Programa de Incentivo à Produção e à Pesquisa do Algodão (Proalmat), criado em meu governo. Incentivos estendidos à carne, com os programas Melhoria da Pecuária de Corte e Granja de Qualidade, este último para a criação de suínos, cujo crescimento foi de 400% em cinco anos. Para se ter uma idéia, a Carroll's Foods, subsidiária do grupo norte-americano Smithfields, está investindo US\$ 100 milhões, em Diamantino, na implantação de 51 mil matrizes.

O rebanho bovino mato-grossense, de 19 milhões de cabeças, é livre de febre aftosa. Mato Grosso obteve, da Organização Internacional de Epizootias (OIE), com sede em Paris, o certificado área livre da doença, com vacinação. Estamos aptos a exportar nossa carne bovina para o Mercado Comum Europeu.

O Produto Interno Bruto (PIB) de Mato Grosso, atualmente em R\$ 13 bilhões, cresceu 7,6% em 98 - o maior entre todos os estados brasileiros. Estudos do IBGE e da Secretaria do Planejamento (Seplan/MT) apontam um crescimento, entre 1999 e 2000, de mais de 10%.

A economia mato-grossense conquistou esse patamar porque conseguimos vencer obstáculos, como a questão energética. Uma política para o setor possibilitou a construção das usinas Termelétrica de Cuiabá, de 480 mW, a ser movida com gás boliviano, que ainda neste ano estará sendo transportado pelo gasoduto Bolívia/Mato Grosso, e da Hidrelétrica de Manso, de 210 mW. Até o próximo ano, a produção estadual será de 1.357 mW, o suficiente para Mato Grosso se tornar exportador.

Já funciona no estado um sistema multimodal de transportes, com corredores integrados por rodovias, hidrovias e ferrovia, garantindo o escoamento de nossa produção, com frete mais barato e maior competitividade. A Ferronorte, a mais moderna ferrovia do País, interligada à rede paulista e com

acesso ao porto de Santos, já chegou a Alto Taquari, no sul do Estado, e no próximo ano alcançará Rondonópolis (204 quilômetros ao sul de Cuiabá). Neste ano, está transportando 3,5 milhões de toneladas de grãos, reduzindo o custo de transporte, para Mato Grosso, em 15%.

A hidrovia Araguaia-Tocantins, em implantação, permitirá a exportação dos produtos pelo norte do País. A Madeira-Amazonas já funciona como um importante corredor de exportação de soja do noroeste de Mato Grosso. Está transportando este ano 1,1 milhão de toneladas de soja, também colaborando para reduzir o preço do frete. A Paraguai-Paraná (Cáceres, Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai) - considerada um dos principais fatores de integração do continente sul-americano - é utilizada há séculos. Modernizada, já transporta 300 mil toneladas de grãos.

Paralelamente a esses investimentos, o Governo de Mato Grosso investe maciçamente em educação (97% das crianças estão nas escolas), saúde (consórcios de saúde, Saúde da Família e Agentes de Saúde) e qualificação profissional (quase 200 mil trabalhadores nos últimos seis anos). Não basta investir apenas em infra-estrutura, o crescimento econômico tem de caminhar junto com a redução da criminalidade, da melhoria da renda e da extensão do conhecimento a todas as camadas da sociedade. ■

O Governo do Estado investe no maior programa de eletrificação rural da história de Mato Grosso: o Luz no Campo. Estão sendo destinados R\$ 20 milhões de recursos próprios para levar a energia a 43 mil propriedades rurais



100 milhões de toneladas de grãos. Mais um desafio para o Brasil e para a Trevo.



A modernização da agricultura brasileira não pára. E um país que quer colher a maior safra da história merece um adubo à altura. Com a tecnologia mundial Hydro, a Trevo tem, além da experiência de mais de 70 anos no Brasil, a força do maior produtor de fertilizantes do planeta. Então pode plantar. Porque, no que depender do adubo, as 100 milhões de toneladas estão garantidas.



ADUBOS TREVO

Entra safra sai safra e o Brasil está produzindo cada vez melhor. A cada ano, cresce a quantidade e a qualidade da produção de grãos em terras brasileiras. Conseqüentemente, cresce também a confiança do produtor brasileiro na produtividade das colheitadeiras New Holland. É por isso que não é de hoje que a New Holland é líder absoluta em colheitadeiras no país. Porque quanto mais o produtor brasileiro fica eficiente, mais ele dá valor a uma New Holland. Vá ao seu concessionário e escolha também a New Holland perfeita para você extrair o máximo da sua safra.



Nesta safra, o Brasil vai chegar a
100 milhões
de toneladas de grãos.
E onde tem safra recorde,
tem colheitadeira New Holland.



NEW HOLLAND

Colheitadeiras New Holland Líderes absolutas em todas as safras.